



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA



PAULA ROBERTA DE SOUZA XAVIER

DEVIR-MULHER-INDÍGENA:
TRAJETÓRIA DE EMPODERAMENTO E RECONHECIMENTO DAS MULHERES
INDÍGENAS NA CIÊNCIA

MANAUS
2025

PAULA ROBERTA DE SOUZA XAVIER

**DEVIR-MULHER-INDÍGENA:
TRAJETÓRIA DE EMPODERAMENTO E RECONHECIMENTO DAS MULHERES
INDÍGENAS NA CIÊNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, do Instituto de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, na linha de pesquisa Tecnologias para Formação, Difusão e o Ensino de Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ione Feitosa Dolzane

MANAUS

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

X3d Xavier, Paula Roberta de Souza
 Devir-mulher-indígena: trajetória de empoderamento e
 reconhecimento das mulheres indígenas na ciência / Paula Roberta
 de Souza Xavier. - 2025.
 136 f. : il., p&b. ; 31 cm.

 Orientador(a): Maria Ione Feitosa Dolzane.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas,
 Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática,
 Manaus, 2025.

 1. Filosofia da Diferença. 2. Cartografia. 3. Devir-mulher. 4.
 Mulheres indígenas. I. Dolzane, Maria Ione Feitosa. II. Universidade
 Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Ensino de
 Ciências e Matemática. III. Título

PAULA ROBERTA DE SOUZA XAVIER

DEVIR-MULHER-INDÍGENA:

**TRAJETÓRIA DE EMPODERAMENTO E RECONHECIMENTO DAS MULHERES
INDÍGENAS NA CIÊNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, do Instituto de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, na linha de pesquisa Tecnologias para Formação, Difusão e o Ensino de Ciências e Matemática.

Esta dissertação foi defendida e aprovada pela banca em 04/04/2025.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

MARIA IONE FEITOSA DOLZANE

Data: 08/04/2025 18:58:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Ione Feitosa Dolzane – CED/UFAM
Orientadora

**BEATRIZ HELENA
DAL**

MOLIN:25189468968

Assinado de forma digital
por BEATRIZ HELENA DAL
MOLIN:25189468968
Dados: 2025.04.11 20:16:30
-03'00'

Profa. Dra. Beatriz Dal Molin – UNIOESTE/Paraná
Avaliadora externa



Documento assinado digitalmente

RADAMES GONCALVES DE LEMOS

Data: 08/04/2025 19:28:52-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Radamés Gonçalves de Lemos – INC/UFAM
Avaliador Interno

Prof. Dra Zeina Rebouças Correa Thomé - Suplente Interno - FAGED/UFAM
Prof. Dr. Eduardo de Castro Gomes - Suplente Externo – CED/UFAM

Dedicatória

Às mães solo.

À minha filha, Kerollem, obrigada por compreender o processo desse sonho.

Às mulheres indígenas que perpetuam o amor pelo seu povo e respeito pela mãe
natureza.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me permitiu fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) que em oração supliquei para a realização deste sonho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, pela designação da bolsa que contribuiu significativamente para a realização desta pesquisa.

Aos meus filhos, que incontáveis momentos precisei me ausentar para cumprir as atividades do programa, inclusive em casa, nos instantes em que praticava minhas leituras e escrita.

A minha mãe, que sempre mostrou a importância dos estudos na nossa vida, não por título, mas sim como ferramenta crítica e reflexiva diante dos contextos políticos que movimentam a sociedade.

A professora Dra. Alva Rosa Tukano, protagonista desta pesquisa. Muito obrigada pela disponibilidade e paciência ao compartilhar fragmentos da sua história de vida com o campo científico. Me encanta esse encontro de trajetórias.

A minha orientadora, prof.^a Dra. Maria Ione Feitosa Dolzane, que pacientemente me direcionou no decorrer da pesquisa, sempre com muito zelo, dedicação e sabedoria. Suas contribuições foram gigantes. Muito obrigada!

Aos professores do programa, em especial a prof.^a Dra. Irlane Maia, prof. Dr. Radamés Lemos e prof.^a Dra. Katiuscia de Souza, seus conhecimentos e contribuições foram primordiais para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas Jeberson, Josias, Mabel e Guilherme, que estavam sempre em aberto para me ajudar com as informações e direcionamentos tanto nas disciplinas quanto neste projeto. Agradeço a paciência.

RESUMO

A dissertação cartografa a história de vida de Alva Rosa Tukano como uma inspiração-devir, traçando linhas de fuga que convocam meninas e mulheres a habitarem os estratos do campo STEM de modo insurgente. Nomeamos essa força feminina como um devir-mulher-indígena, uma emergência que se inscreve na resistência a uma maquinaria de poder majoritário, operando como contrafluxo às capturas hegemônicas. A inspiração em sua trajetória se dá como um agenciamento intensivo, um rizoma que ressoa nos múltiplos encontros da pesquisadora-cartógrafa, produzindo intercessões vivas entre gênero, raça e etnia. O conceito de devir-mulher, fundamentado na filosofia da diferença de Deleuze e Guattari, permite pensar a construção de um 'devir-mulher-indígena' não como uma identidade fixa ou um percurso teleológico, mas como um movimento de desterritorialização e abertura ao novo. A pesquisa assume a cartografia como processualidade, delineando uma história de vida de natureza qualitativa, não apenas para representar uma realidade preexistente, mas para produzir diferença a partir do encontro com a participante. O desejo de ouvir e dar voz às mulheres historicamente silenciadas emerge como um movimento de resistência à captura do pensamento pela lógica hegemônica. A produção de subjetividades se faz na dobra do relato da experiência de vida da protagonista indígena, compondo um campo de forças em que pesquisadora e protagonista se afetam mutuamente, numa conexão intersubjetiva que possibilita a abertura de espaços de troca, escuta e construção conjunta de saberes. A construção do diálogo se efetivou por meio de entrevistas semiestruturadas, entendidas como um dispositivo de devir, um campo de encontros e agenciamentos. Esses encontros foram mobilizados por momentos de conversa livre e informal, atravessados pela análise documental. Para movimentar a história de vida de Alva Rosa Tukano, delineamos algumas linhas disparadoras: O contexto histórico da criança indígena em devir; Questões de gênero na cultura tukano; A relação entre educação básica e matemática; O conhecimento indígena da cultura tukano; A educação indígena e a pedagogia tukano; Linhas conectadas: devir-docente, devir-líder, devir-pesquisadora; Preconceito estrutural e forças externas; Devir-mulher-indígena; O empoderamento da mulher indígena. A pesquisa se coloca, assim, como uma afirmação da mulher indígena do campo científico, comprometida com a problematização do apagamento das mulheres na história da matemática, narrada sob a óptica hegemônica. Nas entrelinhas desse contexto histórico, marcado por repressão, silenciamento e resistência, nos encontramos em devir, traçando novas cartografias e experimentações possíveis.

Palavras-chave: filosofia da diferença; cartografia; devir-mulher; mulheres indígenas.

ABSTRACT

This dissertation maps the life story of Alva Rosa Tukano as an inspiration-becoming, tracing lines of flight that call upon girls and women to inhabit the strata of the STEM field in insurgent ways. We name this feminine force a becoming-Indigenous-woman, an emergence inscribed in resistance to a dominant power machinery, operating as a counterflow to hegemonic captures. Her trajectory serves as an intensive assemblage, a rhizome that resonates in the researcher-cartographer's multiple encounters, producing living intersections among gender, race, and ethnicity. The concept of becoming-woman, grounded in the philosophy of difference by Deleuze and Guattari, allows us to conceive the construction of a becoming-Indigenous-woman not as a fixed identity or a teleological path, but as a movement of deterritorialization and openness to the new. The research embraces cartography as a process, outlining a qualitative life history not merely to represent a preexisting reality, but to produce difference through the encounter with the participant. The desire to listen to and give voice to historically silenced women emerges as a movement of resistance against the capture of thought by hegemonic logic. The production of subjectivities unfolds in the folds of the Indigenous protagonist's life story, composing a field of forces in which researcher and protagonist mutually affect one another in an intersubjective connection that opens spaces for exchange, listening, and the joint construction of knowledge. The dialogue was built through semi-structured interviews, understood as a becoming-device—a field of encounters and assemblages. These encounters were activated by moments of free and informal conversation, interwoven with document analysis. To activate the life story of Alva Rosa Tukano, we delineated some guiding lines: the historical context of the Indigenous child in becoming; gender issues in Tukano culture; the relationship between basic education and mathematics; Indigenous knowledge in Tukano culture; Indigenous education and Tukano pedagogy; connected lines: becoming-teacher, becoming-leader, becoming-researcher; structural prejudice and external forces; becoming-Indigenous-woman; the empowerment of Indigenous women. Thus, this research affirms the presence of Indigenous women in the scientific field, committed to questioning the erasure of women in the history of mathematics as narrated through a hegemonic lens. Between the lines of this historical context—marked by repression, silencing, and resistance—we find ourselves in becoming, tracing new cartographies and possible experimentations.

Keywords: Philosophy of Difference; cartography; becoming-woman; indigenous Woman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Minha Parainfa e eu	16
Figura 2 – Cachoeira de Iauaretê.....	44
Figura 3 – Localização de São Gabriel da Cachoeira	53
Figura 4 – Alva Rosa Tukano	54
Figura 5 – Encontro com Alva Rosa Tukano	58
Figura 6 – Entrevista com Alva Rosa Tukano	84
Figura 7 – Marcha Povos Indígenas em Brasília (2023).....	89
Figura 8 – Distrito de Iauaretê- T.I Alto Rio Negro	94
Figura 9 – Alva Rosa Tukano, seus pais e irmãos	95
Figura 10 – Alva Rosa Tukano e seus pais Jaime Vieira e Elisa Vieira	96
Figura 11 – Alva Rosa Tukano e Alfredo Tadeu com suas filhas	103
Figura 12 – Comemoração turma do mestrado (2017).....	106
Figura 13 – Alva Rosa e seus pais na defesa de sua tese.....	110
Figura 14 – Alva Rosa Tukano e sua família na defesa da sua tese.....	110
Figura 15 – Amigos, parentes e família na defesa de doutorado	111
Figura 16 – Alva Rosa Tukano e seu pai Jaime	111
Figura 17 – Alva Rosa Tukano e suas filhas	115
Figura 18 – Seminário de escuta com os parentes Kulina de Envira	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –Trajetória Acadêmica.....	64
Quadro 2 – Produções acadêmicas	65
Quadro 3 –Trajetória Profissional	67
Quadro 4 – Participação em eventos	69
Quadro 5 – Outras atividades da Alva Rosa Tukano	71
Quadro 6 – Sites: abordagens e entrevista da Alva Rosa Tukano	71
Quadro 7 – Entrevista com a Alva Rosa Tukano.....	84

SUMÁRIO

A VIDA DE UMA MÃE-PESQUISADORA-PROFESSORA-APRENDENTE	12
1. INTRODUÇÃO	17
1.1 ENTRE OS MOVIMENTOS PROBLEMATIZADORES	17
1.2 FORÇAS POTENCIALIZADORAS.....	19
1.3 METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO.....	21
2. SEÇÃO 1	22
2.1 TRANSITANDO PELA LITERATURA.....	22
3. SEÇÃO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO	34
3.1 PONTO DE PARTIDA: PÓS-ESTRUTURALISMO	34
3.2 REPRESENTANTES DO PÓS-ESTRUTURALISMO NO BRASIL	35
3.3 RELEVO DO PENSAMENTO PÓS-ESTRUTURALISTA.....	35
3.4 UM ENCONTRO COM A DIFERENÇA.....	37
3.5 PRINCÍPIOS DE RIZOMA	41
3.6 O CONCEITO DEVIR-MULHER PARA PENSAR A PESQUISA DEVIR- MULHER-INDÍGENA	42
4. CARTOGRAFIA DA TRAJETÓRIA NA PESQUISA	46
4.1 O PLANO RIZOMÁTICO – TRAÇANDO AS PISTAS	46
4.2 A HISTÓRIA DE VIDA PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS	50
4.3 TRAÇANDO OS PRELÚDIOS DA PESQUISA.....	52
4.4 POR QUE ALVA ROSA TUKANO?.....	54
4.5 MOVIMENTANDO OS PASSOS DA HISTÓRIA DE VIDA.....	60
5. A HISTÓRIA DE VIDA DE ALVA ROSA TUKANO.....	92
5.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DA CRIANÇA INDÍGENA EM DEVIR	92
5.2 QUESTÕES DE GÊNERO DE ACORDO COM A CULTURA TUKANO...95	
5.3 EDUCAÇÃO BÁSICA E SUA RELAÇÃO COM A MATEMÁTICA.....	97
5.4 O CONHECIMENTO INDÍGENA DA CULTURA TUKANO.....	98
5.5 A EDUCAÇÃO INDÍGENA E PEDAGOGIA INDÍGENA DO POVO TUKANO	100
5.6 LINHAS CONECTADAS: DEVIR – DOCENTE – LÍDER – PESQUISADORA	102

5.7	PRECONCEITO ESTRUTURAL	107
5.8	AS FORÇAS EXTERNAS	109
5.9	DEVIR – MULHER: ALVA ROSA TUKANO	112
5.10	EMPODERAMENTO DA MULHER INDÍGENA	115
6.	DEVIR-MULHER-INDÍGENA: CARTOGRAFIA DAS LINHAS DE FUGA NA TRAJETÓRIA DE ALVA ROSA TUKANO.....	119
7.	POR UMA VIDA COLETIVA ENTRE MULHERES-INDÍGENAS, SEGUIREMOS POR AÍ, TRAÇANDO OUTROS CAMINHOS	127
	REFERÊNCIAS	131
	ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	137

A VIDA DE UMA MÃE-PESQUISADORA-PROFESSORA-APRENDENTE

A primeira vez que fui à escola, eu tinha cinco anos, saltitava de felicidade porque começaria a estudar. Minha primeira professora se chamava Sônia, no início fui colocada no grupo de crianças que pintavam desenhos, é só o que lembro, pois eu mantinha minha atenção nas aulas das crianças maiores. Eu achava a professora Sônia o máximo, pois tomava conta de vários alunos ao mesmo tempo. Na verdade, era uma escolinha de reforço. Foi nela que aprendi a ler, escrever e fazer as primeiras continhas de matemática. Neste mesmo tempo, iniciei minhas atividades como professora. Eu pegava diferentes recipientes de perfumes, desodorantes, xampus, entre outros. Os lavava, enxugava e atribuía nomes a todos, depois os separava por tamanho e formava turmas em diferentes séries, assim, criei minha escolinha de brincadeira. Eu acredito que totalizavam cinquenta embalagens. Ensinava todas elas. Quando completei idade suficiente, fui matriculada numa escola estadual. Foi tudo muito fácil para mim, e tudo que eu aprendia na escola, eu transmitia para minhas embalagens. Depois de um tempo, eu tinha até diários de classe com direito a notas. Nunca reprovei ninguém. Gosto de lembrar da minha infância porque eu realmente era uma criança em devir. Gostava de estudar e brincar, então, depois que minha mãe teve outra história que não me favorecia, me dei ao luxo de me libertar das paredes em que eu morava, comecei a explorar o desconhecido vivendo pelas ruas. Foi um problema na época, pois minhas brincadeiras diferiam das garotinhas, com isso, as mães afastavam as crianças de mim (risos). Eu amava correr, subir e saltar de muros, andar de bicicleta pelos bairros, passear de patins pelas ladeiras, subir nas árvores para apanhar frutas, colher buriti pela mata adentro, jogar futebol, queimada. Me lembro tão bem que eu tinha uma amiga chamada Vilanir, ah! Onde está Vilanir? Antes de irmos para a aula, pulávamos num igarapé, isso às cinco horas da manhã. Ainda consigo sentir a sensação do contato com aquela água, era limpa e bem geladinha. Eu sempre fui uma criança forte e corajosa, carregava água, ia à taberna, qualquer coisa eu fazia com alegria. Eu não tinha medo de conhecer o mundo, eu tinha medo de ficar em casa. Sendo assim, a escola também era meu refúgio, estudar era fácil demais porque eu gostava de aprender. A matemática era minha paixão, mas também me destacava nas leituras, nas apresentações e nas notas em geral, porém, no comportamento, o destaque era reverso. O tempo passava e meu espírito aventureiro

e estudioso continuava vivo em mim. Na adolescência, eu gostava de ir para os comícios com meus dois amigos, Maiara e Leonardo, gostávamos tanto de dançar boi-bumbá! Eu os arrastava para o cinema, para alguns banhos dos bairros vizinhos. Parecia uma criança sem rumo, e realmente eu era. Mas, como tudo passa, eu cresci. E quando nós crescemos, começamos a entender algumas situações, no meu caso, entender “situações” começou a me afetar psicologicamente, são acontecimentos e rupturas que nos colocam abaixo dos próprios sonhos. Mas assim como o amor, os sonhos não morrem, veja eu aqui, depois de tanto tempo, finalizando meu mestrado. Depois do Ensino Médio, não quis me vincular a nenhuma faculdade nem carreira profissional. De fato, eu não tinha noção do quanto eu era capaz de ter seguido qualquer trajetória. Assim, eu me escondi do meu próprio potencial. Trabalhei em várias áreas, fui babá, auxiliar de cozinha, vendedora de loja, atendente de bar, auxiliar de escritório, apoio em pizzaria. E ainda continuava me aventurando pelas casas dos outros e campos de futebol. No meio do congestionamento em que minha mente vivia todos os dias, não importava onde eu estivesse, com quem estivesse, eu me dedicava aos meus estudos. Meus livros faziam parte de mim. Eu sempre tive um livro de matemática, e eu sempre fui professora para todas as pessoas que me pediam ajuda. E foi esse amor pela matemática e por gostar de ensinar que me levou à licenciatura anos depois. Eu ensinava matemática, química e física, ajudei algumas pessoas na aprovação do supletivo, EJA, nas atividades escolares, entre outros relatos que me falam, e eu nem me lembro. Certo dia, minha mãe chegou comigo e me informou que havia me inscrito no vestibular. Diante disso, aos 30 anos, fui aprovada no último vestibular do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Fiquei em 5o lugar no curso de Licenciatura em Matemática. Parecia um sonho. Finalmente ia fazer o que realmente eu amava, estudar matemática e me formar professora. Mas não foi tão feliz assim este processo, eu tinha que trabalhar, e o curso era no turno vespertino. Sendo assim, eu tive que escolher. Na época, eu trabalhava no IBGE como Agente de Pesquisa e Mapeamento, também era uma aventura, foi uma enorme oportunidade de conhecer múltiplas realidades, conheço grande parte da cidade de Manaus, inclusive lugares que muita gente teria medo de chegar perto. Também viajei bastante pelos municípios derreadores de Manaus, conheci a realidade dos ribeirinhos. Cheguei a viajar para Rio Branco - AC. Foi uma época muito importante para minha própria construção como ser humano. E quando fui aprovada no curso, prometi que ia ajudar as pessoas mais

vulneráveis. Mas precisei trancar o curso. Cheguei a desistir da possibilidade de seguir meu sonho. No entanto, dois anos depois, me encontrei no momento mais vulnerável da minha vida, mas também foi quando juntei todas as forças que ainda me restavam para realizar meu sonho de criança. Na época com o fim do contrato com o IBGE, me senti novamente sem rumo. Quando estamos sozinhos no mundo, podemos seguir qualquer caminho, mas quando temos em nossas mãos o que há de mais valioso na vida de uma mãe, tudo muda. No dia 14 de abril de 2016 nasce minha filha Kerollem. Comumente ao seu nascimento eu começo a me reinventar, me reconstruir e acreditar que era momento para prosseguir no que eu mais amava. Olhei para minha pequena, mesmo sem ela compreender a importância do que eu conversava, prometi que ia terminar minha faculdade sem reprovar nenhuma disciplina, e que ela entregaria meu canudo. Afinal, estaria seguindo em direção à profissão no que eu amava, ser professora. Tivemos nossas dificuldades financeiras, vivemos das bolsas que o IFAM proporciona. Inclusive, em 2019, eu senti o peso do descaso do governo com as mulheres, pois a primeira bolsa que foi cortada foi a bolsa creche, mais uma vez fiquei vulnerável, mesmo assim, com a ajuda da minha amiga Neiva, concluí nove disciplinas e ainda cumpri meu Estágio Supervisionado. Do programa Residência Pedagógica, eu pagava nosso aluguel. A Kerollem nunca se mostrou uma criança alienada, então não nos movíamos a gastos desnecessários. Também passamos por dificuldades quanto ao tempo. Pois, a correria iniciava pela manhã, minha filha ficava com minha vizinha Moni para que eu cumprisse o Estágio e a Residência Pedagógica. No turno da tarde, a deixava na escolinha, outras vezes, por necessidade, a levava para minhas aulas. O lado positivo era que meus professores me apoiaram, em especial a professora Ísis Siebra. Sempre foi paciente com a presença da Kerollem na sala de aula, incrível como ela sabia lidar com a situação. Antes de iniciar a aula, a professora primeiro conversava com minha filha, e fazia de conta que era uma aluna igual aos outros, aquilo me deixava com o coração aquecido e calmo. Inclusive, foi quem propagou o mundo da pesquisa e me inspirou no processo de formação continuada. Por um breve tempo, foi minha orientadora, seus conhecimentos metodológicos, epistemológicos e matemáticos contribuíram de forma significativa na minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. Porém, diante das rupturas da vida da professora Ísis me afetaram consideravelmente, mas hoje em dia eu sei que ela foi o alicerce da minha pesquisa. Pois, depois que ela foi embora, me peguei escrevendo sozinha, eu já sabia o caminho que deveria seguir. Diante da

minha realidade como mulher e mãe solo na academia, me senti motivada a lutar pela causa das mulheres. Francamente, somos fortes mesmo diante do caos. E quando uma mulher segura a mão de outra, tudo fica mais fácil. Finalmente, nós conseguimos, eu e minha filha. O mestrado foi um sonho mais jovem, surgiu no decorrer da minha trajetória acadêmica. Após a conclusão da graduação. Logo fiz uma especialização e senti o desejo de continuar, mas não de qualquer jeito, eu busquei um programa que intersectasse com meus desejos profissionais. Assim, pesquisando, conheci o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM), automaticamente me senti familiarizada, pois abarca contextos além da sala de aula, são infinitas possibilidades, e melhor, valoriza discentes e conhecimentos da região Norte. Por conseguinte, me inscrevi, quando fui aprovada, me senti em outro universo. Por que nunca tinha pensado no mestrado antes? De fato com a maternidade, os obstáculos continuam. Logo, cursar o mestrado e ser mãe é desafiador. Hoje minha filha tem oito anos, ela é compreensiva com meus estudos, mas percebo seu olhar triste toda vez que preciso me ausentar, aos poucos ela também está entendendo o quão precioso é ter conhecimento. Neste ano de 2025, minha filha está se empenhando como nunca na escola, o motivo eu não sei, pois eu não a cobro de nada, mas percebo sua felicidade quando me mostra seus cadernos e suas atividades feitas, me sinto tão realizada, porque era assim que eu me sentia quando realizava minhas atividades; feliz. Eu também tenho um filho de quatro, até a qualificação ele não foi nada compreensivo, inclusive pedia para eu parar de estudar. Hoje, 2025, ele respeita muito meu espaço, meus livros e meu notebook. Então, ser mãe deles me engrandece todos os dias. O meu principal desafio no Mestrado foi a pesquisa em si, devido a amar tanto a matemática pura, raramente me conectava com esse universo mais reflexivo que aborda o campo filosófico. É por isso que me identifico tanto com a Filosofia da Diferença, ela não me julga, ela não me prende, ela não me define. Ela explica que nossos movimentos são devir, de acordo com nossas velocidades e lentidões, assim como nossa capacidade intensiva está em diferentes graus de potência. A vida é assim, um rizoma, são linhas e movimentos conectados à realidade em que vivemos, pensamos e desejamos. Somos multiplicidades. E comigo sempre foi assim, eu não seguia nenhuma estrutura, nem uma ordem, foram tantas rupturas. Mas, como um belo rizoma, sempre temos outras possibilidades, e como uma força externa potencializadora, eu tive meus filhos, que me inspiram diariamente a continuar minha jornada no campo científico.

Figura 1 – Minha Parainfa e eu



Fonte: Compilação da autora.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Entre os movimentos problematizadores

A pesquisa aborda questões históricas sobre a invisibilidade das mulheres do campo científico, especialmente as indígenas, cujas vozes foram silenciadas pelo poder colonizador por séculos. Contudo, nos últimos tempos, as lutas das mulheres indígenas contra o preconceito de raça/etnia e de gênero têm sido insurgentes, fortalecendo sua luta por reconhecimento e participação ativa nos territórios científicos.

Diante disso, vêm impulsionando o engajamento dos povos originários no contexto da educação através da busca de melhorias da qualidade da Educação Escolar Indígena – EEI. Este estudo problematiza a importância da representatividade e integração dos saberes das mulheres indígenas para a construção do conhecimento científico, com foco nas áreas da ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM).

Nesta perspectiva posta, o seguinte problema emerge: como a História de Vida de uma mulher indígena como a de Alva Rosa Lana Vieira da etnia Tukano pode impactar para o agenciamento de meninas e mulheres nas carreiras científicas na área da ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM)?

Para isso, foi realizado um estudo de caso, inserido na classificação dada por Bogdan e Biklen (2013), como história de vida. Consequentemente, como protagonista, daremos voz a uma mulher amazônida indígena da etnia Tukano, elevando sua trajetória e empoderamento no campo científico. Diante disso, o objetivo geral no estudo foi cartografar a história de vida de Alva Rosa Tukano como uma inspiração-devir, traçando linhas de fuga que convocam meninas e mulheres a habitarem os estratos do campo STEM de modo insurgente.

Neste cenário, apresentamos a primeira mulher indígena a obter o título de doutora no estado do Amazonas pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), doutora em Educação e licenciada em Matemática. Nascida em um dos maiores distritos indígenas do município de São Gabriel da Cachoeira (AM), o distrito de Iauaretê, conhecido como “cidade dos índios”.

Nosso propósito será problematizarmos as diversas alternativas de escrever outra história, além da história maior já contada e repetida, particularmente, a história das mulheres amazonenses e indígenas, a partir do estudo, compreensão e referência do conceito de devir-mulher conforme apresentado por Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs* volume 4 e 5 (2012a; 2012b).

Operamos com o conceito de devir-mulher em nossa pesquisa pode abrir possibilidades de indagarmos o funcionamento essencialista de identidades mantidas pelas narrativas históricas hegemônicas e definitivas das políticas de gênero e sexualidade. Nesta perspectiva, conceber novas subjetividades ainda não percebidas pela forma estruturante de existir.

Para nós, nesta pesquisa, o devir-mulher surge como devir minoritário e pede passagem como modo singular de ser sujeito, para isso vai atravessando, escorregando, procurando linhas de fuga que possam evidenciar outros saberes-poderes singulares, locais, regionais, diferenciados, que não estejam no local das aprovações e politicamente corretos.

Nesse sentido, se manifesta como discordante e força de uma história outra. Como diriam os filósofos da diferença, diz respeito a uma história que não aprisiona os corpos, nem pensamentos ou os sentidos. Entretanto, devém da potência no menor, das multiplicidades das linhas de fugas não capturáveis que não tende a imposição ou reversão do sistema majoritário. Sendo assim, resulta da força da diferença diante da organização desse sistema maior.

Portanto, esta pesquisa não tende a explorar uma simples reivindicação menor, isso direciona o sujeito a impotência fixada na história, ao subconjunto numerável da maioria, passível de controle dos Estados. É preciso enxergar no não numerável a força e coragem que move e escapa da visão reducionista dos Estados, o devir minoritário.

Nosso estudo é de cunho cartográfico, nascido no seio da epistemologia pós-estruturalista da Filosofia da Diferença. A técnica em questão para trabalhar a produção dos dados será a entrevista não-estruturada, que, segundo Bogdan e Biklen (2013), é geralmente realizada com uma pessoa de relevo social, como escritor famoso, cientista célebre, filantropo esclarecido, político de renome etc. ou com uma pessoa de uma vila popular, como uma antiga professora, presidente da Associação de Mães, operários distintos, uma família qualquer.

Desse modo, mapeamos a partir da História de Vida de uma mulher indígena do estado do Amazonas. Suas relações com os contextos sociais, políticos, culturais e educacionais, suas militâncias pela Educação Escolar Indígena (EEI) e reconhecimento da sua cultura.

Portanto, compreender como sua presença pode influenciar no reconhecimento das mulheres no campo científico e estimular a participação de outras mulheres indígenas e não indígenas na Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM).

A pesquisa se justifica pela necessidade de visualizar e valorizar a contribuição das mulheres, especialmente indígenas, no campo científico e educacional. Além disso, busca-se compreender como o empoderamento feminino indígena pode potencializar como inspiração para novas gerações, contribuindo para a superação de estereótipos de gênero e étnicos, no sentido de promover a igualdade de direitos e deveres em todos os âmbitos da sociedade.

Esperamos que o projeto contribua para a ampliação do conhecimento sobre a importância da participação feminina indígena na educação, e nos campos científicos da STEM, Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM), além de promover estratégias eficazes para incentivar a presença de meninas e mulheres indígenas nessas áreas, contribuindo assim para a qualidade da Educação Escolar Indígena – EEI e a igualdade de gênero na ciência.

1.2 FORÇAS POTENCIALIZADORAS

As motivações desta pesquisa surgiram a partir das minhas vivências após ingressar no curso de Licenciatura. Primeiramente, quanto à desigualdade de gênero entre os professores de matemática, observei que no IFAM, de dez professores, somente uma era mulher. Até então, desconhecia a desigualdade de gênero nas áreas exatas e sua relação com fatores históricos; essa realidade, porém, me deixou reflexiva e curiosa.

O segundo momento foi durante a disciplina História da Matemática, pois está estampado nos livros e se estende nas aulas a invisibilidade das mulheres na construção do conhecimento matemático. Assim, comecei a explorar a participação das mulheres nas áreas das exatas, mas em um contexto atual. Diante disso, entendi que, apesar da crescente participação das mulheres, a diferença de gênero ainda

persiste. Desde então, decidi construir um projeto que elencasse as histórias das mulheres na matemática e desenvolvê-lo em uma turma do Ensino Médio, onde eu praticava o Residência Pedagógica; porém, devido à pandemia de 2020, não foi possível concretizá-lo.

Outros acontecimentos também fortaleceram as ideias para este projeto. Por exemplo, durante a realização do estágio supervisionado, surgiram muitos relatos de assédios sexuais e físicos. A maioria das ocorrências envolvia meninas, sendo geralmente praticados por alguém da família ou pessoas próximas.

Durante as discussões sobre que medidas a gestora da escola deveria tomar, percebi, entre os comentários, que as crianças eram filhas de mulheres submissas ao marido e com pouca escolaridade. Isso me levou a compreender e traçar um perfil dessas mulheres para, de alguma forma, poder combater a situação e contribuir futuramente, quando estivesse exercendo a profissão de fato.

Num estudo superficial acerca dessas inquietações, as pesquisas mostram como tudo está conectado às histórias das mulheres e suas relações com a sociedade. Ou seja, a forma como foi utilizado o poder para controlar os caminhos do conhecimento e o uso do conhecimento para obter poder, ambos predominantemente exercidos por homens, estigmatizavam as mulheres em todas as esferas da sociedade.

Na verdade, ainda vivemos em um mundo preconceituoso e machista. Na ciência e na vida, as mulheres devem se posicionar, denunciar atitudes machistas ou agressivas e lutar pelos seus direitos, assim como construir suas trajetórias de qualquer natureza, para isso; elas precisam de incentivo, apoio e oportunidades.

Como mãe, entendo que é importante que exista o incentivo, sendo assim, apresentar novas conexões construtivas, para que a criança possa se sentir afetada, inspirada e envolvida de forma positiva, e o caminho do conhecimento é uma ótima forma de se conectar com o mundo, e nós professores podemos ser como pontes.

Portanto, é necessário dar voz e construir novas possibilidades para que as meninas e mulheres tenham desejos de empoderamento na sociedade, assim como se sintam capazes de produzir conhecimentos e contribuir de maneira significativa para o campo científico.

O sentimento de motivação desta pesquisa se desdobrou e direcionou ao contexto histórico das mulheres indígenas após assistir ao jornal G1, ao conhecer algumas linhas da história da Professora Alva Rosa Tukano, primeira mulher indígena

a obter o título de doutorado pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, que luta pelas causas da Educação Escolar Indígena - EEI e que objetiva inspirar outras mulheres indígenas a adentrar na vida acadêmica. Como mestranda, sua história foi uma motivação primordial para a construção desta pesquisa, visto que as mulheres indígenas são duplamente marginalizadas pela sociedade.

1.3 METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO

Como já anunciado, nossa pesquisa consiste na cartográfica baseada na epistemologia da Filosofia da diferença, fundamentada nos teóricos Gilles Deleuze e Félix Guattari, uma vez que, propõe uma abordagem inovadora e não-linear para o estudo de territórios, espaços e subjetividades. A proposta não é simplesmente mapear o real de forma objetiva, mas sim explorar os processos de formação e transformação dos espaços, evidenciando que as identidades coexistem em constante fluxo.

Para tanto, nessa cartografia, foi utilizado como estudo de caso o método da história de vida, devido à sua profundidade e detalhe. Isso proporcionará acesso a interlocutores específicos sobre as experiências vividas pelo sujeito de estudo e permitirá a exploração do conceito de devir-mulher em um contexto concreto. Especificamente, dará voz à trajetória de vida de uma mulher indígena da etnia Tukano, como protagonista central da investigação.

O texto compõe a introdução que envolve o tema, problema, objetivo, justificativa, motivação, e metodologia e organização; seção 1 Transitando pela Literatura; seção 2 Tratando do referencial teórico, na perspectiva pós-estruturalista, e da epistemologia eleita para pensar a pesquisa e os principais conceitos intercessores nela. A seção 3 traz a metodologia em questão, sua ligação direta com a epistemologia do estudo, as projeções para operar no território da pesquisa e as perspectivas para análise dos dados e escrita da dissertação. A seção 4 desenvolve todo o processo cartográfico relacionado ao método História de Vida, descrevendo os passos construídos com a participante. A seção 5 apresenta o registro da história de vida da Professora Alva Rosa Tukano. A seção 6 consiste na compreensão histórica embasada na filosofia da diferença, acoplando aos conceitos dos pensadores Gilles Deleuze e Felix Guattari.

2. SEÇÃO 1

2.1 TRANSITANDO PELA LITERATURA

A participação e o reconhecimento das mulheres em campos tradicionalmente masculinos, como ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), na educação, têm sido um tema de crescentes debates nas últimas décadas. Historicamente, essas áreas são predominantemente ocupadas por homens devido a uma combinação de fatores sociais, culturais, políticos e religiosos que limitavam o acesso das mulheres à educação, afetando a construção de suas carreiras profissionais e o número de produções científicas.

Esta pesquisa não cogita retratar a historiografia conectiva da mulher com a ciência. Contudo, no decorrer dos estudos, observei a importância de agenciar alguns fragmentos da história que denotam as multiplicidades de ligações e rupturas que descrevem algumas das causas das exclusões e consequências sofridas pelas mulheres, e seus reflexos na atualidade.

Sendo assim, diante do contexto histórico, os séculos XVI a XVIII foram marcados pela repressão do conhecimento popular e pela discriminação das mulheres. Os povos das áreas rurais da Europa, homens e mulheres conhecidos como sábios e curandeiros, foram perseguidos e acusados de práticas de feitiçaria em razão das atividades denominadas medicina popular, composta por aspectos práticos e mágicos.

Com isso, os conhecimentos empíricos dominados pelas mulheres, principalmente anciãs viúvas, foram associados à possessão demoníaca devido à incompatibilidade com o aspecto físico diferenciado e considerado “frágil”. No entanto, somente o demônio poderia ceder poderes para tais práticas.

Conforme Tosi (1998, p. 375), “Afirmava-se que, dada sua fraqueza física e moral, sua limitada inteligência, sua carência de raciocínio, sua sexualidade incontrolável e sua lubricidade, a mulher era a vítima privilegiada de Satã”.

Contudo, pesquisas mais recentes apontam que não se tratava exatamente de intolerância religiosa, mas de misoginia medieval agenciada aos interesses por territórios alastrados pelos católicos protestantes. Como afirma Banzoli (2018, p.

633), “O fenômeno da caça às bruxas não nasceu atrelado à intolerância ou à perseguição religiosa”.

Ainda conforme o autor, a prática foi utilizada como pretexto para consumir massacres sistemáticos na disputa de territórios com os povos da Reforma Protestante. Nesta perspectiva, complementa o autor “[...] chacinaram populações inteiras para a «limpeza» e «purificação» do território, cuja população se encontrava então dividida” (Banzoli, 2018, p. 655).

Consequentemente, com a Contrarreforma, no intuito de reforçar o poder e domínio sobre os povos, a Igreja Católica ampliou e fortaleceu ações durante a histórica Caça às Bruxas. Conforme relata Banzoli (2023, p. 337–338), “Os inquisidores estavam autorizados a lançar mão de todo arsenal possível, ‘prisões, torturas, confisco de bens, execuções para extrair confissões’, sem muito escrúpulo (afinal, estavam batalhando contra o próprio Satã)”.

Outra iniciativa que potencializou as ações católicas antiprotestantes foi a fundação da Campanha de Jesus, por Inácio de Loyola, atribuindo aos jesuítas, padres devotos da igreja, a missão de espalhar o catolicismo, mas também de exterminar com o apoio dos inquisidores, os praticantes de feitiçarias e os hereges.

De acordo com Tosi (1998), durante esse período, mulheres solteiras também foram marginalizadas e agrupadas as acusadas de feitiçaria. De fato, muitos homens e crianças também foram ateados ao fogo, mas, no entanto, 85% foram mulheres, comprovando os atos misóginos.

Simultaneamente, com a Revolução Científica, os poderes mágicos e diabólicos censurados pela igreja católica foram considerados ilusionismo, pois não explicavam os fenômenos da natureza. Por conseguinte, após esses povos serem aculturados, com a consolidação dos estados modernos, a perseguição e a caça às bruxas chegaram ao fim.

Posteriormente, no século XVIII, as mulheres começaram a ter acesso à educação, mas os conhecimentos adquiridos deveriam ser restritos ao ensino primário para auxiliar o marido, ou seja, na época, a mulher bem instruída poderia contribuir na organização dos fatores econômicos no seio familiar.

Como mostra a autora, acerca do pensamento de Rousseau (1712-1778), “[...] toda educação das mulheres deve ser feita com relação aos homens, “Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e estimar por eles, educá-los quando jovens, cuidá-los quando adultos, aconselhá-los, consolá-los, fazer-lhes a vida agradável e doce: esses

são os deveres das mulheres de todas as épocas e o que deve lhes ser ensinado desde a infância” (Tosi, 1998, p. 379).

Em concordância com o filósofo, o médico George Cabanis complementa (1757-1808) a fisiologia feminina condiciona o organismo das mulheres para desempenhar seu papel precípua de mãe e esposa (Tosi, 1998). Sendo assim, outro fator que determinava as funções das mulheres consistia no sistema reprodutor, o ato de engravidar.

“A mulher passou de bruxa a uma das únicas responsáveis pela criação dos filhos, uma vez que o aspecto maternal foi associado à natureza biológica das mulheres” (Lino; Mayorga, 2016, p. 98). Desse modo, essa repressão se estendeu ao final do século XVIII, pois os filhos se tornaram a função central no ambiente familiar e principalmente da mulher (Silva et al., 2022).

“A maternidade foi, ao longo de boa parte do século XIX, justificativa para a subalternização das mulheres, a natureza reprodutiva da mulher a retirava do âmbito público principalmente no campo da política e da ciência” (Lino; Mayorga, 2016, p. 103). No entanto, a propagação da misoginia e afastamento das mulheres do campo científico perdurou por séculos.

Por conseguinte, a passagem do século XIX para o século XX, as mulheres obtiveram grandes conquistas e contribuições nos espaços científicos e de trabalho. Entretanto, os princípios consolidados na historiografia implica sobre a divisão das tarefas de homens e mulheres. De fato, os homens dispunham do espaço público e produtivo, e as mulheres continuavam subordinadas aos cuidados da família, o espaço privado.

A problemática desta pesquisa perpassou por processos de descoberta, buscando inicialmente entender as razões históricas que marginalizaram as mulheres no campo científico. Verificou-se, contudo, que as práticas violentas contra as mulheres, envolvem sua mente, seu corpo e a opressão de seus desejos, transcendendo a ausência e repressão na ciência. Todavia, alienadas por séculos em todas as esferas da sociedade, realidade que reflete nos tempos atuais.

Atualmente, numa análise da Unesco (2021) que discorre acerca da desigualdade de gênero na ciência, tecnologia, na engenharia e na matemática (STEM), é comprovado que cresce a participação das mulheres, mas ainda ocupam menor número na posição de liderança e pesquisa nesses campos.

Conforme o relatório da Unesco (2021), as mulheres, em 2017, representam 54% entre os graduados. Entretanto, nas áreas de engenharia e ciências exatas foram dominados por homens (66%). O relatório também aponta que as mulheres concluintes como doutoras nas áreas das ciências exatas (32%) e engenharias é (30%), dados extraídos da CAPES 2020.

Contudo, no século XXI, as mulheres estão conquistando seu espaço no mercado de trabalho, construindo suas carreiras profissionais e se especializando em áreas majoritariamente masculinas. Mas, de acordo com os dados da Unesco este processo de transformação percorre lentamente.

Sendo assim, foi analisado relatos de mulheres pesquisadoras de diferentes campos de pesquisa, tendo em vista obter conhecimento sobre quais desafios e superações elas vêm enfrentando durante suas trajetórias acadêmicas e profissionais, quais pensamentos e reflexões predominam sobre a presença feminina no campo científico na atualidade.

O resultado desta pesquisa aponta alguns desafios conectados a fatores ocorridos há séculos, e a sociedade atual absorve essa prática como uma tradição cultural de gênero. Entre esses indícios, podemos citar, por exemplo, a expectativa social de constituir família. Com isso, as mulheres são relegadas aos cuidados do lar e dos filhos, dificultando, assim, seus estudos.

Numa entrevista ao site de notícias da Universidade Federal de Goiás (UFG), a Doutora em Epidemiologia e Chefe do departamento de Saúde Coletiva do IPTSP-UFG, Cristiana Toscano aponta que “a carga de trabalho na gestão da casa e da família, que em geral recai majoritariamente sobre as mulheres. “A estrutura e apoio familiar influencia muito a vida de mulheres cientistas” (Prudente, 2021).

Da mesma maneira, na entrevista ao Said (2021), a coordenadora do Escritório USP Mulheres, a socióloga Maria Arminda do Nascimento Arruda relata: “Ser mulher implicou que eu tivesse uma profissionalização mais tardia. E como mulher e mãe, minhas experiências internacionais foram limitadas, tornando minha carreira uspiana e brasileira”.

O relatório da Unesco (2021) aponta um maior número de mulheres que concluíram doutorado na área da saúde, com 66,8% mulheres, mas não significa que coincide com os cargos de liderança, pois estão representadas em apenas 25% . Este percentual pode ser resultado dos contextos históricos que incentiva e desenvolve habilidade de cuidar, vocação imposta a mulher desde o início da história da ciência.

Entretanto, os desafios enfrentados diante do processo de construção das suas carreiras não diferem das mulheres das áreas das exatas.

A pesquisadora Ana Carolina Takakura relata que seu maior desafio no campo da pesquisa está na maternidade, a filha Luisa nasceu quando Ana estava para terminar o doutorado, com isso pensou em parar, mas reverteu a situação e atualmente incentiva e busca a participação de meninas e mulheres no laboratório. Segundo a professora Ana Takakura, mais de 80% das suas alunas são mulheres. (Said, 2021).

A professora da Mônica Pereira noticia que mulheres líderes são raras, e complementa “Se forem mães, sofrem duplamente, pois os empregadores não querem contratar mulheres que irão se dedicar ao cuidado dos filhos” (Torres, 2021), aponta a professora, lembrando que homens que são pais não enfrentam as mesmas dificuldades.

Isto significa, que ainda estamos conectadas ao passado, estereotipadas, seguindo uma tradição histórica. Seguimos cuidando da nossa casa e dos nossos filhos e conciliando com o sonho de obter uma carreira. Da mesma maneira, continuamos lutando contra o machismo e o preconceito diariamente, tão quanto lutando contra a violência com nossos corpos.

No entanto, como afirma Negri (2019, p. 18) “Superar a invisibilidade das mulheres é um desafio para todas e cada uma de nós, especialmente em áreas como a ciência, onde sua carreira depende por suas contribuições intelectuais ao seu campo”.

Ainda de acordo com a autora Negri (2019, p. 19):

Apesar das mulheres serem maioria com doutorado em várias áreas, a representação são minoria nos níveis mais altos da carreira. Um estudo recente mostrou que as mulheres representam apenas 24% dos beneficiários de um subsídio do governo brasileiro concedido aos cientistas mais produtivos do país (a bolsa produtividade). A sub-representação em posições de liderança ainda persiste: as mulheres coientistas são apenas 14% da Academia Brasileira de Ciências.

Diante do desenvolvimento histórico estudado, foi aguçado meu espírito reflexivo, entretanto, não somente na relação das mulheres com a ciência, tampouco nas suas contribuições quase imperceptíveis, mas também na forma que seus sonhos foram corrompidos, seus corpos violentados, seus desejos invalidados, sua

capacidade intelectual negada, e até mesmo como suas atividades voltadas ao domínio familiar são anuladas e desvalorizadas.

Foram lutas que duraram séculos contra comportamentos machistas, atitudes discriminatórias, sexistas, até mesmo misóginas, que ainda refletem no contexto social atual. São aspectos que contribuem e impactam na produtividade das mulheres, causando muitas vezes uma sensação de impotência.

As pesquisadoras Jesus e Gonçalves, num de seus estudos sobre a baixa representatividade das meninas nas áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática – STEM, relataram alguns motivos que vulnerabilizam o processo das meninas no campo científico e contribuem para a desistência escolar.

De acordo com Gonçalves e Jesus (2021, p. 40) “A escola apresentava diferentes situações que levavam à evasão por parte das meninas, como a gravidez precoce, abuso e violência, o baixo nível de renda e a necessidade de trabalhar antes de finalizar o ensino médio e poucos equipamentos e assistência do poder público que garantisse os direitos básicos e de cidadania”.

Neste sentido, vale ressaltar que o estudo desta seção se assenta nesses agenciamentos de eventuais ocorrências que transpassam a vida das mulheres diariamente, e que são consequências de um contexto histórico-social-cultural-científico marcado por conceitos definidos em um processo padronizado, predominantemente construído por homens.

Diante das temporalidades e das múltiplas conexões voltadas para o universo das mulheres no campo científico, delineou-se a problemática desta pesquisa. Não há um fator mais importante que outro, nem um ponto central; todos estão conectados.

Perante disto, para um melhor entendimento foi desenvolvido este estudo abrangendo o século XV, marcado pelo grande massacre das bruxas e associá-lo ao século XXI. De fato, estamos num diferente contexto-histórico-social, mas os reflexos das lutas e desafios da atualidade estão embasados nos estereótipos dados às mulheres dos séculos anteriores.

Por conseguinte, a construção do conhecimento científico também está atrelada ao contextos históricos, decerto, não tem como modificar o passado da história das mulheres na ciência. Mas também é importante refletir e compreender o porquê elas foram invisibilizadas, excluídas e mortas.

Diante dessa realidade contemporânea, esta pesquisa se desdobra sobre as mulheres indígenas, pois compreendeu-se que os conflitos históricos afetaram

duplamente a vida desses povos originários. Sendo assim, além dos enfrentamentos por serem mulheres, elas também sofrem preconceitos étnico-raciais e, em muitos casos, são vítimas de violência física e sexual.

Conforme enfatiza a autora (Sacchi, 2014, p. 69) “De um lado, a exclusão e marginalização a que as indígenas estão submetidas enquanto povos, o lugar indígena na nação; de outro, as violações que sofrem enquanto mulheres, o lugar da mulher no mundo indígena.”

Esta situação é decorrente, no Brasil, desde a época colonial, com a chegada dos portugueses. Com eles também vieram os jesuítas, cuja missão era converter os povos indígenas ao catolicismo. Dessa maneira, com o poder hegemônico sobre as terras, além de explorar as riquezas encontradas com mais facilidade, obtinha o domínio no contexto educacional, de acordo com Paes et al. (2022, p. 110).

Como resultado deste processo colonialista, em face da colonialidade do poder, saber e ser, os povos indígenas ainda nos dias de hoje são silenciados e de forma geral sofrem um conjunto de violências, dentre elas: simbólicas, culturais e materiais. Por muitas vezes, os povos tradicionais ainda são tratados como selvagens e bárbaros, sem relevância cultural e social para este país, vivendo à margem do estereótipo de preguiçoso, seguindo com a sua cultura e seus costumes desrespeitados, tendo que lutar para ter sua dignidade e subjetividade garantida pelo estado e pela sociedade civil.

De acordo com Melo (2012, p. 12) “Os índios eram ensinados a obedecer e aceitar os dogmas e leis impostas pelos religiosos, sob pena de serem castigados por estarem em pecado. A conversão possibilitou o domínio do colonizador sobre os nativos, atendendo os interesses políticos e econômicos de Portugal.

Consequentemente, com a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola, em apoio à coroa portuguesa, a cultura deveria ser implantada de acordo com os contextos sociais europeus, e o ensino dominado pelos jesuítas, amparados pela fé católica. Assim, são os precursores da educação escolar brasileira.

“Os jesuítas foram responsáveis pela criação de vários colégios e seminários, mantiveram esta hegemonia durante duzentos e dez anos e foram expulsos do Brasil em 1759, pelo Marquês de Pombal” (Melo, 2012, p. 16).

Os povos indígenas foram capturados, violentados e utilizados como escravos em sua própria terra, submetidos ao trabalho agrícola. O ensino a eles atribuído era voltado somente para a fé católica e baseado na razão. Com isso, os indígenas

tiveram suas vidas nômades roubadas e fixadas, conseqüentemente, seus conhecimentos também foram negados.

Neste sentido, foi observado que a violência operada pelos colonizadores consistia numa relação de poder, devido à maneira como eventuais processos identitários foram construídos, controlando e designando as comunidades indígenas como subalternos. Como pondera Foucault (1995, p. 209) “enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”.

Portanto, da mesma forma que ocorreu no eventual caça às bruxas, os povos indígenas, principalmente as mulheres, foram perseguidos e mortos quando não seguiam as regras da Igreja Católica. Dessa maneira, por serem diferentes, foram rotulados como selvagens, carentes de capacidade intelectual e destituídos de religião.

“Passou a existir uma espécie de demonização das diferenças, em que as identidades inferiorizadas são diabolizadas como uma ferramenta de repressão, opressão e imposição de certos valores propagados pelos grupos dominantes” (Almeida; Angelin; Veronese, 2021, p. 920).

Quando direcionamos essa problemática ao contexto das mulheres indígenas, as questões de gênero se entrelaçam com as questões étnicas e culturais, adicionando uma camada de complexidade. Mulheres indígenas enfrentam múltiplas formas de discriminação, não apenas por serem mulheres, como também por sua identidade étnica e cultural.

Recentemente, no dia 20 de abril de 2023, aconteceu um debate na Câmara dos Deputados, seguindo de relatos de mulheres de distintas etnias denunciando casos de violências contra criança e adolescentes indígenas no Brasil, na Amazônia, os casos são maioria cerca de 30% (Agência Câmara de Notícias, 2023).

De acordo com o site Agência Câmara de Notícias “As crianças indígenas que são retiradas de seus territórios, de aldeias e as que vivem em contexto urbano passam por todo um processo de etnocídio, de apagamento e de genocídio. Essas crianças perdem o direito a terem seu bem-viver, a viverem com suas famílias, a aprenderem a língua materna e a identidade. Isso é crime”, denunciou Adriana Fernandes Carajá (Korã), pajé Karirí-Sapuyá do sertão baiano (Agência Câmara de Notícias, 2023).

Ainda de acordo com o site, Juma Sipaia de Carvalho, Secretária Nacional de Articulação e Promoção de Direitos Indígenas do Ministério dos Povos Indígenas, é necessário assegurar educação nos territórios indígenas para que possam representar suas comunidades nos cargos importantes para a sociedade. Ela questionou: “Até hoje na maioria dos territórios indígenas não tem sequer o ensino fundamental completo, como vamos ocupar esses cargos?”. Ela frisou sobre existir políticas públicas, porém não são exercidas da maneira certa.

Atualmente, muitos movimentos indígenas no Brasil estão lutando pelos seus direitos coletivos e identitários, simultaneamente, os movimentos das mulheres indígenas também discutem causas específicas para mulheres como o combate a violência de gênero, a participação e reconhecimento das mulheres indígenas no campo científico, nas áreas da STEM, assim como em outras esferas da sociedade.

Como por exemplo, a mulher indígena Danielle Boyer (Ojibwe), que objetiva que todas as crianças tenham acesso ao conhecimento de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), através de um espaço lúdico e inclusivo. Segundo a ativista das causa juvenil e criadora da The STEAM Connection “Os povos indígenas sempre foram cientistas e inovadores, mas muito disso foi tirado de nós por causa da colonização” (Logitech, [s.p.]).

A The STEAM Connection foi desenvolvida sem fins lucrativos para contribuir com o aprendizado de jovens nativos, com o objetivo de incentivar e oportunizar aulas práticas e interessantes nas áreas de robótica. Como ela afirma, algumas das problemáticas é a falta de acesso a internet e de representatividade, consequentemente, metade de um por cento de indígenas fazem parte da área engenharia.

No entanto, é muito importante para o futuro da sociedade obter habilidades nas áreas da engenharia elétrica, inteligência artificial, designer 3D, entre outros, e os programas robóticos inventados pela professora indígena dispõe de inteligência artificial e não precisa de Wi-fi. Seu trabalho predomina também na preservação cultural e da língua do seu povo Ojibwemowin, tal que, está ameaçado (Logitech, [s.p.]).

Dessa forma, as mulheres indígenas e sua relação com a terra e a natureza são de suma importância para a sociedade, seus papéis são cruciais dentro das suas comunidades, muitas desenvolvem seus conhecimentos populares e auxiliam todo seu povo. Elas não são apenas guardiãs do conhecimento tradicional, mas também

líderes na luta pelos direitos coletivos dos povos indígenas, pelos cuidados e preservação do meio ambiente e pelo reconhecimento dos seus saberes. Contudo, podem contribuir de maneira extraordinária com o campo científico.

O projeto Nísias na STEM¹ investiga as percepções acerca da discriminação de gênero, se caracteriza como um blog, que atende como um encontro de mulheres e suas histórias. Nele constam vários relatos de mulheres de diferentes territórios e vivências.

Nesse sentido, senti-me na obrigação de compartilhar este breve exemplo a seguir, por fazer parte do cotidiano das mulheres indígenas e das comunidades ribeirinhas. Para todos nós que já pisamos em solo amazonense e percorremos as beiras dos rios, sabemos a importância das médicas espalhadas pela região e seu impacto na vida das pessoas que lá vivem.

Como por exemplo, a amazonense Viviane Nogueira, que compartilhou recortes das suas experiências através do blog "Nisias na STEM", com o título "Nossa força feminina ancestral", na data de 29 de novembro de 2021. Como uma ótima manauara, retratou o costume e a importância de ir à benzedeira ou à rezadeira. Isso é muito comum nessa região. Ela também aponta os conhecimentos de suas bisavós.

Minhas duas avós não suportam remédios alopáticos, elas misturam as plantas, é andiroba pra cá, copaíba pra lá. Tudo se resolve com um chá de cabacinha, até sinusite. Nesse tipo de doença crônica a gente não acredita. Cachaça pode ser remédio. Uma arruda bem rezada cura qualquer mal estar (Nogueira, 2021, [s.p]).

Para a amazonense o apagamento dos saberes ancestrais se devem à maneira de se comunicar, afinal, as bizavós de Viviane não sabiam escrever. Portanto, essas ocorrências são consequências da violação dos conhecimentos dos povos ancestrais por todo esse tempo.

A colonização não foi só uma apropriação do corpo, mas também uma aniquilação do simbolismo que nos determina enquanto gente. Um indígena morto não é só um ser humano, são as memórias de um povo. Significa o rompimento com sua terra, sua cultura, seus ancestrais (Nogueira, 2021, [s.p]).

Nesse sentido, esses conhecimentos empíricos são parte do cotidiano das mulheres indígenas e das comunidades ribeirinhas, e devem ser reconhecidos. Para

¹ <http://mulheresnastem.ufrn.br/about.html>

nós que pertencemos ao solo amazonense e percorremos as margens dos rios, evidenciamos a importância da medicina popular desenvolvida na região e seu impacto na vida das pessoas que lá vivem.

A pesquisadora Márcia de Castro Gomes ganhou visibilidade no programa Mulheres na Ciência (Women in STEM), em conexão com a organização British Council, na edição de 2022, por meio de seu projeto que elenca a importância do conhecimento popular da região Amazônica. O programa se mostra estratégico no intuito de contribuir para a ampliação do espaço de mulheres e meninas nas áreas STEM (sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática).

Na revista, rascunhos de sua história mostram que sua experiência é fruto do convívio com a avó, rezadeira que curava com plantas amazônicas. Após perder a mãe para a covid-19, sentiu-se motivada a dar continuidade a esses saberes herdados por meio do manuseio de plantas medicinais, levando à importância do conhecimento popular da região Amazônica (British Council, p. 13).

Diante disso, ela construiu um projeto que objetivou, através do “Revitalizando a História no Jardim do Instituto de Educação do Amazonas – IEA”, um olhar sobre a medicina cabocla, resgatando a valorização do saber popular sobre as plantas medicinais amazônicas e despertando o interesse dos alunos pela pesquisa (British Council, p. 13).

Sendo assim, é importante salientar que nem sempre as maiores descobertas científicas ou tecnológicas são advindas dos homens, tampouco de profissionais homens ou mulheres das áreas da STEM, mas também de outras áreas de estudo. Algumas surgem como potências criadoras aparentemente comuns, mas que são rejeitadas pelo sistema maior e dominante.

Como por exemplo, Hedy Lamarr era pianista e atriz, e seus conhecimentos musicais resultaram numa importante contribuição para o mundo, nascida em Viena, Áustria, figurou uma carreira artística em tempos da Segunda Guerra Mundial, na Alemanha. Ficou conhecida como a “A mais bela mulher da Europa” (Dt network (2023, [s.p])).

Conforme o site Dt network (2023, [s.p]) após dois casamentos fracassados, ela fugiu para os Estados Unidos, país então inimigo da Alemanha. Retomou sua paixão pelas artes cênicas – pianista desde os dez anos – e, em parceria com seu vizinho e compositor George Antheil, desenvolveu uma tecnologia de espectro espalhado que viria a ser precursora de tecnologias sem fio modernas, como o Wi-Fi.

De acordo com o Dt network (2023, [s.p]):

Durante um dueto no piano, Hedy começou a alternar os controles do instrumento, percebendo que a troca constante de frequências permitia uma conexão segura entre emissor e receptor sem desvio ou interceptação de suas mensagens”. A ideia deu um click na mesma hora – e ambos correram para registrar sua patente, em 1940, usando seu nome de registro, Hedwig Eva Maria Kiesler. Unidos pelo desprezo aos ideais nazistas (Antheil também tinha origem judaica), os amigos então apresentaram sua ideia às Forças Armadas Americanas sob o termo “frequency hopping”, como um aparelho sofisticado de interferência em rádio que poderia despistar os radares alemães. Foi só em 1997, quando a Ottawa Wireless Technology adquiriu 49% da patente do aparelho, que Hedy Lamarr foi oficialmente reconhecida por suas contribuições. Seu aparelho de frequência serviu como princípio básico para a comunicação sem fio que viria a ser nomeada Wi-Fi (para Internet) e CDMA (para celulares), espalhando-se pelo mundo somente nos anos 2000, quase um século depois de ter sido descoberta por dois artistas europeus. Hedy não ganhou nenhum dinheiro com a sua inovação. Contudo, ela recebeu uma menção honrosa pelos Estados Unidos como “Mãe do Telefone Celular”, “por abrir novos caminhos nas fronteiras da eletrônica”. Ela se aposentou da vida de atriz nos anos 1960 e passou a terceira idade em Orlando, na Flórida, até sua morte em 19 de janeiro de 2000, aos 86 anos.

3. SEÇÃO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 PONTO DE PARTIDA: PÓS-ESTRUTURALISMO

O pós-estruturalismo é uma corrente de pensamento que emergiu na França na segunda metade do século XX como uma reação crítica ao estruturalismo. Embora seja mais frequentemente associado com figuras francesas, ele também tem representantes significativos em outras partes do mundo, incluindo no Brasil.

Os Representantes Globais do Pós-Estruturalismo são:

Michel Foucault - um dos mais proeminentes filósofos associados a corrente pós-estruturalista. O pensador, de acordo com Antes, Jacondino (2020, p. 100) “oferece importantes contribuições para se compreender a construção/fabricação destas novas identidades e o processo social de produção dos sujeitos; através das relações de poder-saber que se institucionalizam, formando campos discursivos e tecnologias”.

Jacques Derrida - outra figura central, mais conhecido por desenvolver a ‘desconstrução’, uma crítica das tentativas de alcançar verdade absoluta na interpretação de textos (Colunas Tortas, 2024).

Gilles Deleuze - Frequentemente associado tanto ao pós-estruturalismo quanto ao pós-modernismo, conhecido por seus escritos sobre filosofia da diferença, literatura, comunicação, e as artes, muitas vezes em colaboração com Félix Guattari.

Félix Guattari – escritor parceiro de Deleuze de obras influentes como ‘O Anti-Édipo’ e ‘Mil Platôs’, Guattari também teve um papel importante no desenvolvimento de teorias sobre a psicanálise e a sociedade (Obra Mil Platôs).

Jean-François Lyotard - sua obra ‘A Condição Pós-Moderna’, onde ele argumenta que a sociedade pós-moderna abandonou as grandes narrativas em favor de pequenas narrativas. “Com isso, ele queria dizer que a experiência da pós-modernidade decorreria da perda de nossas crenças em visões totalizantes da história, que prescreviam regras de conduta política e ética para toda a humanidade”.

2

² <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-pos-moderna---jean-francois-lyotard-o-fim-das-metanarrativas.htm>

3.2 REPRESENTANTES DO PÓS-ESTRUTURALISMO NO BRASIL

Joel Birman - Psicanalista e escritor, Birman aplicou conceitos pós-estruturalistas na análise da cultura e da sociedade brasileira, especialmente no que tange à psicanálise e suas interfaces com outras áreas do saber.

Peter Pál Pelbart - Filósofo e ensaísta é conhecido por seu trabalho sobre subjetividade, temporalidade, e política, frequentemente através de uma perspectiva deleuziana.

Suely Rolnik - Psicanalista e crítica de arte, Rolnik é reconhecida por sua análise do colonialismo cultural e suas intersecções com a subjetividade, frequentemente em diálogo com os trabalhos de Deleuze e Guattari.

Silvio Gallo (2008) – Filósofo, pedagogo e filósofo anarquista brasileiro. Atuante na área da Educação, principalmente no campo da Filosofia da Educação. Crítico quanto a potencialidade conceitual do termo Pós-modernismo, mas que considera importante as propostas contemporâneas. Para tanto, deve ser vivido de maneira criativa e produtiva. Assim como Deleuze e Guattari, o filósofo acredita na transversalidade no processo da produção dos saberes.

Sandra Corazza (2001) – Professora, filósofa e pesquisadora. Suas pesquisas percorreram o pensamento da Educação a partir da Filosofia da Diferença. Por conseguinte, o docente deve ser reconhecido como potência criadora e tomado pelos segmentos de devir.

Esses pensadores, tanto no Brasil quanto globalmente, expandiram o alcance do pós-estruturalismo para várias disciplinas, explorando a complexidade das estruturas de poder, linguagem e cultura. Eles continuam a influenciar diversas áreas, incluindo filosofia, literatura, psicologia, e estudos culturais.

3.3 RELEVO DO PENSAMENTO PÓS-ESTRUTURALISTA

Pensar nossa temática a partir do movimento Pós-estruturalista envolve problematizar a identidade indígena, pensando-a como algo fluido, dinâmico e construído socialmente, em vez de algo inato ou imutável. Com base em seus

representantes, apresentamos algumas perspectivas pós-estruturalistas em que pretendemos abordar a temática em estudo, tais como:

- **Desconstrução de essencialismos:** o pós-estruturalismo questiona as noções de identidades estáticas ou essenciais, sugerindo que todas as identidades são construídas através de discursos e práticas sociais. Assim, a identidade indígena não seria uma substância fixa ou um conjunto de características culturais imutáveis, mas sim algo que é constantemente recriado e emerge em contextos sociais, políticos e culturais diversos.
- **Flexibilidade e hibridização:** em um contexto pós-estruturalista, as identidades indígenas podem ser vistas como híbridas e permeáveis, influenciadas por múltiplos fatores e em constante interação com outras culturas. Essa visão enfatiza a capacidade de adaptação e mudança das comunidades indígenas, em resposta a diferentes circunstâncias e influências externas.
- **Política de reconhecimento:** reconhecer a identidade indígena envolve entender como as práticas e discursos contemporâneos moldam a forma como essas identidades são entendidas e valorizadas. Isso inclui a luta por direitos, reconhecimento e autonomia, onde a identidade é frequentemente mobilizada como uma ferramenta política para resistir à marginalização e à opressão.
- **Narrativas e representações:** o pós-estruturalismo presta muita atenção ao papel da linguagem, sendo necessário perceber a forma como as histórias indígenas são contadas, quem as conta e os contextos em que essas narrativas circulam, são todos aspectos cruciais que influenciam como as identidades são formadas e dada.
- **Resistência e agenciamento:** O contexto pós-estruturalista é também um espaço de resistência, contra discursos colonizadores e homogeneizadores. Isso inclui a rejeição de categorizações impostas e a afirmação de formas próprias de identificação que desafiam as concepções dominantes de etnicidade e cultura.

- **Relações de poder e descolonização:** Pensar a etnia indígena a partir do pós-estruturalismo também envolve uma análise crítica das relações de poder. Isso implica questionar como as estruturas de poder influenciam a criação e a manutenção de identidades indígenas e como essas identidades podem ser mobilizadas em processos de descolonização que buscam desafiar e transformar essas estruturas.

Portanto, ao adentrar o campo de pesquisa dentro de uma perspectiva pós-estruturalista, acreditamos ser essencial considerar a complexidade, a multiplicidade e a constante negociação que caracterizam essa nova visão em um mundo globalizado e interconectado. Isso exige um olhar atento às especificidades locais e às influências globais que moldam a experiência indígena contemporânea. Sendo assim, vemos que esse movimento de pensamento nos permitirá seguir trilhas que se mostrarem favoráveis e até emergentes.

3.4 UM ENCONTRO COM A DIFERENÇA

Gilles Deleuze um importante filósofo francês do século XX, advindo desse movimento desestruturante, desenvolveu uma filosofia centrada nos conceitos de diferença e repetição, que são explorados de maneira profunda em sua obra “Diferença e Repetição” (2006). Esta obra é considerada fundamental para entender seu pensamento filosófico, tornando-o conhecido nesse contexto dado como o filósofo da diferença.

Ele critica a ideia tradicional de identidade, que define algo em termos de semelhança ou igualdade a outras coisas. Em contrapartida, ele propõe uma filosofia baseada na diferença, ou seja, na ideia de que os entes são constituídos primariamente por suas diferenças em relação a tudo o que não são, e não por suas semelhanças ou identidades essenciais, Dolzane (2020). Para ele, a realidade é um fluxo constante de mudanças e diferenciações, onde a novidade e a variação são mais significativas do que a estabilidade e a uniformidade.

Talvez o engano da filosofia da diferença, de Aristóteles a Hegel passando por Leibniz, tenha sido o de confundir o conceito da diferença com uma diferença simplesmente conceitual, contentando-se com inscrever a

diferença no conceito em geral. Na realidade, enquanto se inscreve a diferença no conceito em geral, não se tem nenhuma Idéia singular da diferença, permanecendo-se apenas no elemento de uma diferença já mediatizada pela representação. Encontramo-nos, pois, diante de duas questões: qual é o conceito da diferença $\frac{3}{4}$ que não se reduz à simples diferença conceitual, mas que exige uma Idéia própria, como uma singularidade na Ideia? Qual é, por outro lado, a essência da repetição $\frac{3}{4}$ que não se reduz a uma diferenças em conceito, que não se confunde com o caráter aparente dos objetos representados sob um mesmo conceito, mas que, por sua vez, dá testemunho da singularidade como potência da Idéia? O encontro das duas noções, diferença e repetição, não pode ser suposto desde o início, mas deve aparecer graças a interferências e cruzamentos entre estas duas linhas concernentes, uma, à essência da repetição, a outra, à idéia de diferença (Deleuze, 2006, p. 35).

Este enfoque sobre a diferença como o elemento fundamental da realidade faz de Deleuze um pensador inovador e influente, especialmente nos campos da ontologia, metafísica e estética. Seu pensamento também tem implicações significativas para outras áreas, como a psicologia, a política, as artes e a Educação. Portanto, chamá-lo de “filósofo da diferença” é uma maneira precisa de destacar o foco central de sua filosofia (Gallo, 2008).

Essa designação que reflete sua abordagem radical e inovadora na filosofia contemporânea, desafia e, muitas vezes, desconstrói a tradição filosófica que prioriza a identidade, a semelhança e a representação, argumentando, em vez disso, um foco na diferença, na multiplicidade e no devir.

Todavia, acreditamos que, quando os problemas atingem o grau de positividade que lhes é próprio e quando a diferença torna-se objeto de uma afirmação correspondente, eles liberam uma potência de agressão e de seleção que destrói a bela alma, destituindo-a de sua própria identidade e alquebrando sua boa vontade. O problemático e o diferencial determinam lutas ou destruições em relação às quais as do negativo não passam de aparência e os votos da bela-alma não passam igualmente desmistificações na aparência (Deleuze, 2006, p. 9).

Um dos conceitos centrais em sua filosofia é, justamente, a ideia de diferença em si mesma, que ele explora profundamente em sua obra “Diferença e Repetição” (Deleuze, 2006). Nesta obra, Deleuze critica a maneira pela qual o pensamento ocidental tem sido dominado por uma noção de identidade que suprime ou subordina à diferença. Para ele, a diferença não deve ser vista como uma derivação ou um desvio da identidade, mas como algo afirmativo e primário.

Aí está o princípio de uma confusão danosa para toda a filosofia da diferença: confunde-se o estabelecimento de um conceito próprio da diferença com a inscrição da diferença no conceito em geral confunde-se a determinação do

conceito de diferença com a inscrição da diferença na identidade de um conceito in determinado. É o passe de mágica implicado no feliz momento (e disso talvez derive todo o resto: a subordinação da diferença à oposição, à analogia, à semelhança, todos os aspectos da mediação (Deleuze, 2006, p.41).

Nesse contexto, ele propõe uma filosofia que valoriza a singularidade e a novidade, que não se reduzem ao mesmo ou ao semelhante. Ele introduz o conceito de "diferenciação" como um processo dinâmico e constante através do qual a realidade e a experiência são geradas.

Esta noção subverte ideias tradicionais de desenvolvimento linear ou evolução, sugerindo, em vez disso, uma multiplicidade de trajetórias e possibilidades que emergem, justamente, através da diferenciação quando propõe que “[...] é preciso uma diferenciação da diferença, um em-si como diferenciante, um *Sich-unterscheidende*, pelo qual o diferente é ao mesmo tempo reunido, em vez de ser representado sob a condição de uma semelhança”. (Deleuze, 2006, p.118).

O autor tem uma parceria conhecida que é a colaboração de Félix Guattari em várias obras, particularmente destacamos “Mil Platôs” (1980), organizada no Brasil em cinco volumes, onde trabalharam na revitalização e criação de muitos conceitos, dentre eles, o de “rizoma, devir, territorialização, desterritorialização, retorritorialização e muitos outros”.

A obra é organizada em seções chamadas “platôs”, que podem ser lidas independentemente uma das outras, embora a conclusão deva ser lida por último para uma compreensão completa do trabalho. A própria organização desse livro já representa o novo modo dos autores de pensar porque não é linear, mas,

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento. Um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade (Deleuze; Guattari, 2021, p. 18)

Então, para o filósofo da diferença “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 5).

E como produzir uma escrita nesse formato? Eles apresentam o rizoma como forma de pensamento e ação, uma metáfora retirada da botânica, onde denota um

tipo de raiz que se espalha horizontalmente sob a superfície do solo, formando uma rede de conexões que não segue uma ordem linear ou um ponto central de origem. Este rizoma serve como uma poderosa analogia para formas de organização e conhecimento que são não-hierárquicas, não-lineares e descentralizadas, caracterizado por seis princípios (Deleuze; Guatarri, 2021).

É importante salientar que os escritos não operam metáforas, mas sim referem-se a produção de acontecimentos como efeitos de máquinas acopladas a outras máquinas produzindo multiplicidades entre relações infinitas e distintas, a qual Deleuze denomina máquinas desejantes, que se manifesta através da força do pensamento da diferença, oriunda de uma violência externa no próprio pensamento que o força a pensar, escapando da ideia estrutural cognitiva e representativa, pois “que é o erro a não ser uma falsa reconhecimento? E de onde vem o erro senão de uma falsa repartição dos elementos da representação, de uma falsa avaliação da oposição, da analogia, da semelhança e da identidade?” (Deleuze, 2006, p. 146)

Desse modo, os autores afirmam que as produções das máquinas sociais são produtos do desejo do pensamento, frutos do conjunto de máquinas produzidas pelo desejo e seus devires. Por isso, os filósofos nômades não desqualificam as linhas duras que estratificam os seres condicionando-os a classificação ou construção de um modelo, de outro modo, eles entendem que tais condicionantes surgiu a partir de devires. “Há apenas devires, sempre positivos, e, dentre estes, devires perdidos, bloqueados, mortos” (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 5).

Neste ponto de vista, as instituições opressoras dos campos sociais, estruturadas nas esferas políticas, econômicas, científicas e religiosas, que desenvolveram a subsunção das variações do ser humano a um critério maior, também correspondem a produtos dos fluxos de devires da máquina desejante.

Contudo, as máquinas desejantes funcionam simultaneamente como um sistema de produção de multiplicidades criadas nos agenciamentos conectivos nos fluxos-cortes variantes, do devir que potencializa a existência do ser, suas rupturas, suas velocidades e lentidões, suas intensidades e transformações, seus movimentos que formam agenciamentos maquínicos, compreendido como um processo rizomático.

Todavia, o principal objetivo de Deleuze é a libertação da diferença dos antigos argumentos filosóficos que aprisionam o pensamento a uma representação, que está associada ao princípio da identidade, dos parâmetros rígidos do raciocínio lógico.

O pensamento como afirmação da diferença, como afirmação de nossa própria diferença. É isso que defendem os ‘filósofos da diferença’, os ‘pensadores nômades’ – aqueles que não se enquadram em modelos prévios. Fazer do pensamento um ‘modo de existência’, uma ‘máquina de guerra nômade’ cujo maior desafio é permanecer livre dos modelos da representação, livre da Moral que tornou o pensamento um beato companheiro dos poderes vigentes (Schópke, 2004, p. 29).

3.5 PRINCÍPIOS DE RIZOMA

Este rizoma serve como uma poderosa analogia para formas de organização e conhecimento que são não-hierárquicas, não-lineares e descentralizadas (Deleuze, Guattari, 1995), caracterizado por seis princípios:

Princípio 1 e 2 (conexão, heterogeneidade): qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro, e deve ser.

Princípio 3 (multiplicidade): o rizoma não reduz a múltiplas unidades, mas é composto por linhas dimensionais distintas que aumentam sua multiplicidade;

Princípio 4 (ruptura a-significante): um rizoma pode ser quebrado em qualquer ponto e ainda assim continuar a existir e se conectar;

Princípio 5 e 6 (cartografia, decalcomania): o rizoma é mais como um mapa que é sempre modificável, aberto e conectável em todas as suas dimensões; ao contrário de uma cópia decalcada que sempre reproduz o mesmo traçado.

Desse modo, os autores falam sobre rizoma, fazendo rizoma, uma vez que a obra é pensada de maneira rizomática, não seguem uma progressão linear de argumentos, mas, em vez disso, criam um ‘mapa’ de ideias onde cada capítulo, ou ‘platô’, pode ser lido independentemente dos outros, ou em qualquer ordem. A disposição não-linear reflete a natureza do rizoma, demonstrando os princípios do próprio conceito através próprio texto.

Assim, em “Mil Platôs” (Deleuze, Guattari, 1995), o conceito de rizoma não apenas servirá como um horizonte teórico neste trabalho para a compreensão de estruturas sociais, linguísticas, psicológicas e biológicas, educacionais etc., como também será um princípio de constituição da própria pesquisa e escrita em si. Isso nos encoraja, enquanto pesquisadores e professores, a praticar o que teorizamos, incorporando os princípios rizomáticos na estrutura e metodologia dos trabalhos como um posicionamento e uma escolha política.

“O RIZOMA. Uma das características essenciais do sonho de multiplicidade é a de que cada elemento não pára de variar e modificar sua distância em relação aos outros” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 57). Dessa forma, caracterizado pelos constantes movimentos, mapas de transformações, conexões em si e com o outro, em devir.

No entanto, um processo rizomático dispõe de múltiplas entradas que se modifica de acordo com o aumento das conexões entre os agenciamentos, não obstante, quando o rizoma se fecha tende a aprisionar o desejo e produção das ideias do pensamento, então, afirma Deleuze e Guattari (1995, p. 32) “é sempre por rizoma que o desejo se move e produz”.

Portanto, a relação entre o livro e o conceito de rizoma é intrínseca e fundamental para entender tanto a constituição quanto o conteúdo em nossa pesquisa e ainda nas obras dos autores. “Devir é um rizoma” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 20).

3.6 O CONCEITO DEVIR-MULHER PARA PENSAR A PESQUISA DEVIR-MULHER-INDÍGENA

Ao elegermos uma epistemologia como a Filosofia da diferença, reconhecemos sua contribuição única para pensar a problematização da mulher que segundo os próprios autores está em um lugar ‘menor,’ que não se compara a um modelo padronizado, podendo oferecer novas maneiras de entender a complexidade que envolve essa temática no contexto global e local. Conforme escreveu Deleuze e Guattari (2020, p. 57),

Pois a maioria, na medida em que é analiticamente compreendida no padrão abstrato, não é nunca alguém, é sempre Ninguém — Ulisses —, ao passo que a minoria é o devir de todo o mundo, seu devir potencial por desviar do modelo. Há um “fato” majoritário, mas é o fato analítico de Ninguém que se opõe ao devir-minoritário de todo o mundo. É por isso que devemos distinguir: o majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo.

Desse modo, os autores apresentam a questão de gênero, agenciada ao conceito de devir da filosofia pré-socrática, cuja ideia inicial referia-se a um processo de constante transformação. Deslocando-o e conectando-o à ideia de mulher, fazem emergir o conceito de “devir-mulher”.

Diante disso, conforme Deleuze e Guattari (2020, p. 174) “O devir seria como a máquina, diferentemente presente em cada agenciamento, mas passando de um para outro, abrindo um para o outro, independentemente de uma ordem fixa ou de uma sucessão determinada”.

Entendemos com os autores que o devir é a máquina que produz no processo da ação, opera entre acontecimentos distintos e atemporais, capacitando o pensamento a transformar, criar e reagir diante das forças externas imprevistas. Assim, carregando consigo a potencialidade de transgressão de limites, perpassando o lugar-comum, trazendo a existência um movimento inicial ou primordial que todos os seres passam.

No entanto, são linhas de fuga que desestabilizam as identidades fixas e permite a emergência de novas formas de existência. Na verdade, é um acontecimento de devires e de heterogeneidades que se opõem ao estável, ao eterno, ao idêntico, ao linear (Deleuze; Guattari, 2020).

Nesta perspectiva, o pensamento da diferença em relação aos estudos sobre mulher e mulher-devir em Deleuze e Guattari contribuiu para pensar na temática da mulher indígena como potência. Nesse sentido, sua relação com a ciência e pesquisa como algo fluido, dinâmico e construído socialmente. Suas multiplicidades em fluxo nas lutas pelas causas das mulheres como minoria, em vez de partir de identidades inatas ou imutáveis.

Um devir mulher de nós todos, quer sejamos masculinos ou femininos. Um devir não-branco de nós todos, quer sejamos brancos, amarelos ou negros. — Ainda aí, não se trata de dizer que a luta no nível dos axiomas seja sem importância; ela é, ao contrário, determinante (nos níveis mais diferentes, luta das mulheres pelo voto, pelo aborto, pelo emprego; luta de regiões pela autonomia; luta do terceiro mundo; luta das massas e das minorias oprimidas nas regiões do Leste ou do Oeste...) (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 187).

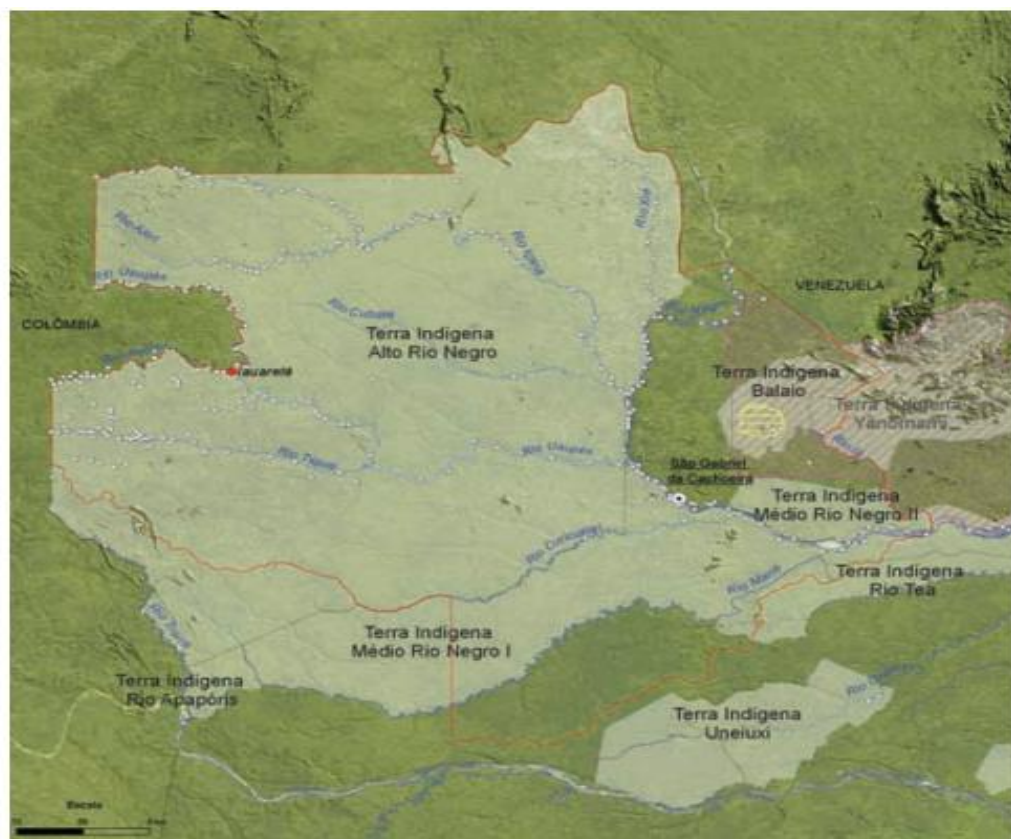
Seguiremos as pistas em torno da construção do conceito de mulher-devir, agora, seguindo as pistas a partir do volume 4 da obra “Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia”, e tentaremos fazer isso seguindo os princípios do rizoma: evitar trazer para nosso estudo o mesmo dado sobre a temática que se repete em muitos estudos que procuram “defender” as etnias do “homem branco” e preservar sua “identidade”, representada, muitas vezes, por aqueles que não são imanentes ao lugar. Conforme pontua Kastrup (2023, p. 162):

Segundo este princípio, durante uma investigação não buscamos os limites espaciais do rizoma, mas acompanhar as conexões e as desconexões que fazem dele algo sempre modificável. Conhecer a dimensão rizomática da realidade requer acompanhar os processos, ou seja, seguir os movimentos que desenham e redesenham a cartografia de modo inventivo.

Sendo assim, este trabalho mergulhará na história de uma mulher indígena, denominada Yepária, na linguagem indígena significa a filha mais velha, assim como Alva Rosa Lana Vieira, registrada pelas freiras no local de nascimento, natural do estado do Amazonas, nasceu em Iauaretê, no rio Waupés, afluente do rio Negro.

Conforme Vieira (2023, p. 15) “indígena do povo Tukano, de linhagem patrilinear, do tronco linguístico Tukano Oriental. O distrito de Iauaretê é conhecido como “cidade dos índios”, um dos maiores distritos indígenas do município de São Gabriel da Cachoeira”, ilustrado na Figura 1.

Figura 2 – Cachoeira de Iauaretê



Fonte: Iphan (2007, p. 19).

Perante o exposto, a mulher indígena em devir-mulher como potência em meio a um turbilhão de máquinas produtivas, contrapondo a uma sociedade marcada pela

máquina reprodutiva de discriminação e exclusão das mulheres, assim como pela máquina desejante de resistência dos povos originários, que tiveram seus devires impedidos, traçados pelas máquinas de repressão canalizados por um sistema estruturado pelo poder colonizador.

Os autores Deleuze e Guattari combatem com maestria em seu livro mil platôs 4 a geografia mental do Estado, suas incisões e traçados, arrogando a importância dos pensamentos nômades para os que estão abaixo das figuras visíveis da História e do Capital. O combate dos pensadores da diferença prenunciou de maneira viva e potencializadora para os contextos:

Contra o homem-branco-macho-racional-europeu, padrão majoritário da cultura, libera as mutações virtuais, os devires minoritários e moleculares capazes de desfazer nosso rosto demasiadamente humano. Contra as miragens em que se contempla, o homem é devolvido ao rizoma material e imaterial que o constitui, seja ele biopsíquico, tecno-social ou semiótico... colhe seus movimentos de desterritorialização, a singularidade dos Acontecimentos aí gestados, as subjetivações que se anunciam, as lufadas intempestivas que chamam por um povo ainda desconhecido (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 3).

4. CARTOGRAFIA DA TRAJETÓRIA NA PESQUISA

4.1 O PLANO RIZOMÁTICO – TRAÇANDO AS PISTAS

Pesquisar na companhia dos filósofos da diferença é assustador, mas ao mesmo tempo dinâmico porque o percurso metodológico que cada pesquisador-cartógrafo trilha em sua pesquisa deve propiciar o deslocamento do pensamento a todo o instante. Abre possibilidades de enxergar vários mundos no recorte do caos na devir-pesquisa do seu próprio mundo que se espera compreender.

De acordo com Passos e Barros (2009, p. 49) “a atenção do cartógrafo acessa elementos processuais provenientes do território – matérias fluidas, forças tendenciais, linhas em movimento – bem como fragmentos dispersos nos circuitos folheados da memória”. Isto posto, a composição de cartografias insubordinadas aos princípios da representação, possibilita a produção da *diferença* de uma realidade preexistente.

Nesse sentido, diante das possibilidades, a pesquisa cartográfica nos permite criar questões que se distanciam das problemáticas prontas e respostas representativas, pois nelas há devires em movimento, muitas vezes imperceptíveis. Em conformidade com Deleuze e Parnet (1998, p. 2) “Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer”.

Sendo assim, como pensadores cartógrafos, as questões são apenas instrumentos que potencializam várias maneiras de produzir novas ideias, construir novas questões sem se preocupar em solucionar discussões predeterminadas, nos permite, portanto, estar imersos no desenvolvimento da pesquisa. Conforme pontua Deleuze e Parnet (1998, p. 92) “A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição de problema, antes de se encontrar a solução”.

Dessa forma, há que se aceitar que em toda cartografia deleuzo-guattariana, a metodologia precisa ser reinventada, se não, jogada fora a velha modelagem herdada do positivismo e talhada uma apropriada ao momento vivido para análise da geografia de seu próprio percurso e papel na pesquisa. À vista disso, não existe uma forma determinada de utilizar o método da cartografia, nem princípios estabelecidos ou objetivos precedentes (Passos; Barros, 2009).

Passos e Barros (2009) compreendem que o método cartográfico são pistas que expandem possíveis orientações, onde o pesquisador é intercessor que reconhece cada movimento do processo da pesquisa manifestado num plano da experiência. Posto isto, entre as pistas do método cartográfico, nesta pesquisa seguiremos o método-intervenção na cartografia, que acontece somente mergulhando na experiência que relaciona o sujeito e o objeto, teoria e prática. Assim como a indissociabilidade entre o conhecimento e transformação, pelo meio de pesquisar e intervir.

Assim, é possível talhar um plano de produção ou coemergência, o plano da experiência. “Toda pesquisa é intervenção” (Passos; Barros, 2009, p. 17). Para os autores, as linhas entrelaçadas no plano da experiência são os efeitos gerados durante a trajetória da investigação (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento). Portanto, a experiência é o caminho metodológico no ato de pesquisar, do fazer-saber. Melhor dizendo, a experiência surge consoante o que se pratica, nas andanças do pesquisador, conforme o fazer se adquire o saber.

Nesta perspectiva, o plano da experiência compõe um processo de intervenção que ocorre no campo da análise, de acordo com que se trabalha na pesquisa, se modifica o campo da intervenção e todos estão conectados.

Por conseguinte, potencializa a proposta deste trabalho que demanda de devir-menoritário, devir-mulher, a mulher indígena como potência, suas contribuições para a produção de conhecimento, favorecendo suas linhas de fuga e suas constantes mudanças.

Dessa forma, a pesquisa cartográfica também se constitui no acompanhar o processo, na inseparabilidade dos passos. Como cita Kastrup e Barros (2009), o processo se manifesta num fluxo contínuo como o caminhar, onde um passo segue o outro. Contudo, cada instante arrasta consigo o anterior e se estende aos possíveis acontecimentos posteriores. Sendo assim, para o pesquisador-cartógrafo é fundamental se colocar numa posição de acompanhamento do processo da pesquisa.

Nesta perspectiva, acompanhar o processo também se faz presente no decorrer das produções dos dados, se estendendo aos momentos da análise do material que se produz no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo. Da mesma forma os trabalhos estudados e elencados aos dados resultantes da pesquisa. Ou seja, cada passo é parte da produção coletiva do conhecimento e construção da pesquisa do cartógrafo (Kastrup; Barros, 2009).

No entanto, conforme aponta Kastrup e Barros (2009, p. 73) “cartografar é acompanhar processos”. Segundo os autores a participação efetiva no percurso processual está presente em todos os instantes da pesquisa, “nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós” (Kastrup; Barros, 2009, p. 73).

Desta forma “Isso significa mobilidade e flexibilidade nas metas e objetivos, mas jamais negligência, uma vez que estarão atrelados aos desdobramentos, às emergências e aos acontecimentos do território da pesquisa-intervenção” (Dolzane, 2020, p. 30).

A cartografia também se revela como processo de produção dos efeitos de subjetivação, sem excluir os aspectos fronteiros denominados pelas suas formas, objetos ou sujeitos. Destarte, pista cartográfica que coexiste com a prática no plano coletivo das forças (Escóssia; Tedesco, 2009).

Dessa forma, a cartografia não propende dissociar o objeto das suas conexões históricas nem suas relações com as exterioridades, diferenciando dos métodos da ciência moderna. Em contrapartida, a pretensão é traçar estas conexões pelo qual se mostra o objeto ou o fenômeno, considerando suas modulações e de seu movimento (Passos; Barros, 2009).

De outro modo, o processo do conhecimento não se reduz a circunscrever ou delinear as formas dos objetos, todavia, compreende-se em traçar o curso que os encoraja. Isto significa o constante processo de produção. Portanto, designaremos a cartografia como prática de intervenção, manifestando o vivenciar no plano das forças. Conforme explicam os autores Escóssia e Tedesco (2009, p. 92-93), “... os atos de cartógrafo, sendo também coletivos de forças, participam e intervêm nas mudanças e, principalmente, nas derivas transformadoras que aí se dão”.

De acordo com Escóssia e Tedesco (2009) diferente das conceituações das ciências humanas, o coletivo é considerado uma proporção mais ampla. Contudo, o conceito de coletivo está se referindo ao plano das forças, assentando como plano de consistência ou de imanência.

Contudo, seu grande diferencial é um pensamento que não se materializa como histórico, que reproduz os fatos de forma representativa, mas geográfico compreendendo que o método em uma pesquisa é como uma paisagem que muda a cada momento e de forma alguma é estática.

Nos escritos de Deleuze e Guattari (2012a) no plano de consistência, são conhecidos dois elementos da cartografia que definem a dimensão do corpo, a longitude e a latitude. A longitude: trata-se do acontecimento para si mesmo e seus agenciamentos, suas velocidades e lentidão, suas relações de movimento e de repouso, seus devires, independente das suas formas e dos sujeitos. A latitude corresponde aos afetos intensivos e graus de potência.

Um plano de consistência no qual coordenadas em devires geográficos que se cruzam e são recíprocos, traçando um plano de coexistências. Sendo assim, uma relação heterogênea e transversal (Santos, 2013). Portanto, em concordância com (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 53) “O plano de consistência só contém hecceidades segundo linhas que se entrecruzam...Uma hecceidade não tem nem começo nem fim, nem origem nem destinação; está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linhas. Ela é rizoma”.

Nesta perspectiva, cheguei à conclusão que, para atender meus anseios, nessa cartografia teria que acoplar a este plano imanente a técnica da pesquisa ‘histórias de vida’, abrigada no contexto do estudo de caso, tornando-a uma intercessora de um processo de produção de sentido na construção de conhecimento a partir do acontecimento entre dois personagens: a participante da pesquisa que narra sua história, num dado momento de sua vida e a pesquisadora que segundo André Lévy (2001, p. 93) é um movimento que pressupõe a existência de vínculo permitindo “[...] um encontro único entre um pesquisador e uma pessoa que aceita se confiar a ele – encontro que, também ele, tem sua história própria” e nessa pesquisa será contada na perspectiva das mulheres. As mulheres como devir minoritário.

Conforme os filósofos da diferença.

Não existe devir majoritário, maioria não é nunca um devir. Só existe devir minoritário. As mulheres, independentemente de seu número, são uma minoria, definível como estado ou subconjunto; mas só criam tornando possível um devir, do qual não são proprietárias, no qual elas mesmas têm que entrar, um devir-mulher que concerne a todos os homens, incluindo-se aí homens e mulheres (Deleuze; Guattari, 2020, p. 56).

Esse mapa de pesquisa aqui desenhado, toma a ‘história de vida,’ como uma experimentação já realizada em diversas outras pesquisas como em (Barros; Silva, 2004; Silva, 2015; Nogueira *et al.*, 2004; Gomide, 2006; Amaral, 2014) onde procuraram construir discussões mais atualizadas sobre o seu uso. Para tal

agenciamento entre a cartografia e a ‘história de vidas’, desenho um breve traçado de como essa proposta da ‘narrativa de histórias de vida’ tem sido usado na pesquisa para compreender seus devires e limites.

4.2 A HISTÓRIA DE VIDA PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS

A Filosofia da Diferença tem a força de uma nova fenomenologia. Para Deleuze e Guattari (2022, p.3) “Ela se caracteriza pelo processo que remete o mundo à produção, a produção à subjetividade, a subjetividade à potência do desejo, a potência do desejo ao sistema de enunciação, a enunciação à expressão”.

A História de Vida se insere numa pesquisa qualitativa que dispõe da compreensão da expressividade da linguagem, considerando a subjetividade da participante numa relação intersubjetiva com o pesquisador. Diante disso, é primordial um comportamento ético em todo o processo da pesquisa, sobrepondo a voz da participante, destacando-a como protagonista, obtendo o direito de desenvolver com suas próprias palavras o relato das suas experiências de vida (Alves e Silva, 2022).

Conforme Alves e Silva (2022, p.13) “é importante destacar que a subjetividade do participante não será a única presente, uma vez que a dos pesquisadores estará inevitavelmente incorporada na interpretação e análise realizada, conforme será detalhada no tópico posterior”.

De acordo com Deleuze e Guattari (2022, p. 14) “A linguagem é um mapa [98] e não um decalque”. Ainda de acordo com os pensadores “A linguagem é então definida aqui como comunicativa mais do que informativa, e é essa intersubjetividade, essa subjetivação propriamente linguística, que explica o resto, isto é, tudo aquilo fazemos existir ao dizê-lo” (Deleuze; Guattari, 2022).

Comumente, a história de vida é abrangente. Portanto, envolve a escuta do pesquisador envolvido com a pesquisa qualitativa no contexto da biografia, que pode ocorrer a partir das entrevistas não diretivas, gravadas ou não, do relato da história de vida de alguém que a ele se conta. A entrevista semiestruturada é uma técnica psicoterapêutica desenvolvida por Carl Rogers para obter informações do discurso livre do entrevistado (Hoffmann; Oliveira, 2009).

Como afirma Deleuze e Guattari (2021, p. 24) “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões.”

Numa ambiência cartográfica, a entrevista não se limita ao conteúdo da experiência representativa, ou seja, ao conjunto de dados que limitam os entrevistados a realidades pré-existentes sobre o estado das coisas, aos objetos fixos, ou objetivos previsíveis e pressupostos.

Em contrapartida, a pesquisa cartográfica aspira o acompanhamento de processos, mesmo quando a entrevista inclui troca de informação ou acesso a experiência vivida, vale salientar que não pode ser um caminho unívoco (Tedesco; Sade; Caliman, 2013).

Para tanto, “[...] a cartografia requer que a escuta e o olhar se impliquem, sigam além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e inclua o seu aspecto genético, a dimensão processual da entrevista, apreendida em suas variações” (Tedesco; Sade; Caliman, 2013, p. 301). Nesta perspectiva “Uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 3).

Nesse sentido, numa pesquisa cartográfica, o plano da experiência implica em dois planos: a experiência de vida e a experiência ontológica. O primeiro plano está relacionado as reflexões do sujeito e suas vivências, o qual temos o hábito de nomear experiência de vida, sua história de vida, suas motivações, afetos passíveis de representação de algo vivido.

O segundo corresponde a processualidade, o plano coletivo das forças, o plano imanente, o traçado de devires, melhor dizendo, o processo como processualidade se faz presente a partir do reconhecimento de que estamos em processo a todo instante, em obra (Aguiar, 2010). Entretanto, ressaltamos que ambos estão agenciados (Deleuze; Parnet, 1998).

Para os autores, o informante é qualificado a explicitar com clareza sua experiência. Logo, a afinidade entre pesquisador e aquele que conta sua história passa a ser, também, um intercessor da pesquisa que se dará somente a partir de laço de confiança mútua que tende a se estabelecer cada vez mais ao longo do procedimento.

Terminada a oitiva, o conteúdo transcrito é discutido e ajustado entre o pesquisado participante e o pesquisador que, a partir da análise epistemológica, do conteúdo mapeará as pistas que o ajudarão na problematização da sua pesquisa.

Esse tipo de estudo ancora-se no pensamento do narrador como material para encarnar esse agenciamento com o cartógrafo, como dizem Deleuze e Guattari, (2020, p. 9) “Não acreditamos, a esse respeito, que a narrativa consista em comunicar o que se viu, mas em transmitir o que se ouviu, o que um outro disse”. Trata-se, portanto, de ampliar a possibilidade de inventar novos modos de ser no mundo, a partir do vivido e do encontro com o outro; de incorporar o vivido” (informação verbal)³.

“Nesta perspectiva, a história de vida se constitui no texto final que chega às mãos dos leitores com todos os processos de reconstrução, edição e participação” (Alves; Silva, 2022, p. 18). Contanto que a construção da pesquisa esteja esclarecedora com juricidade quanto ao método empreendido na pesquisa. “Um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros” (Deleuze; Guattari, 2021, p. 23).

4.3 TRAÇANDO OS PRELÚDIOS DA PESQUISA

A pesquisa se desenvolveu no lastro epistemológico da Filosofia da Diferença, portanto, cartográfica. Nesse sentido, essa pesquisa nasce do desejo de ouvir e dar voz aos que quase nunca são ouvidos, a mulher indígena. Para tanto, adotaremos uma abordagem qualitativa, utilizando como estudo de caso a trajetória de vida de uma mulher indígena da etnia Tukano, isso porque, como diriam nossos filósofos, é necessário contrapor a história ‘maior’ com a ‘menor’.

Diante disso, o processo de construção desta pesquisa engloba toda a rede de pensamentos desejantes, como um devir-pesquisadora conectável à mulher indígena em devir. Conquanto, percorrer a história de vida da professora Alva Rosa Tukano, andarilhar entre suas transformações, escoar entre seus devires como um processo rizomático, configura a mulher indígena no seio da diferença como um rizoma.

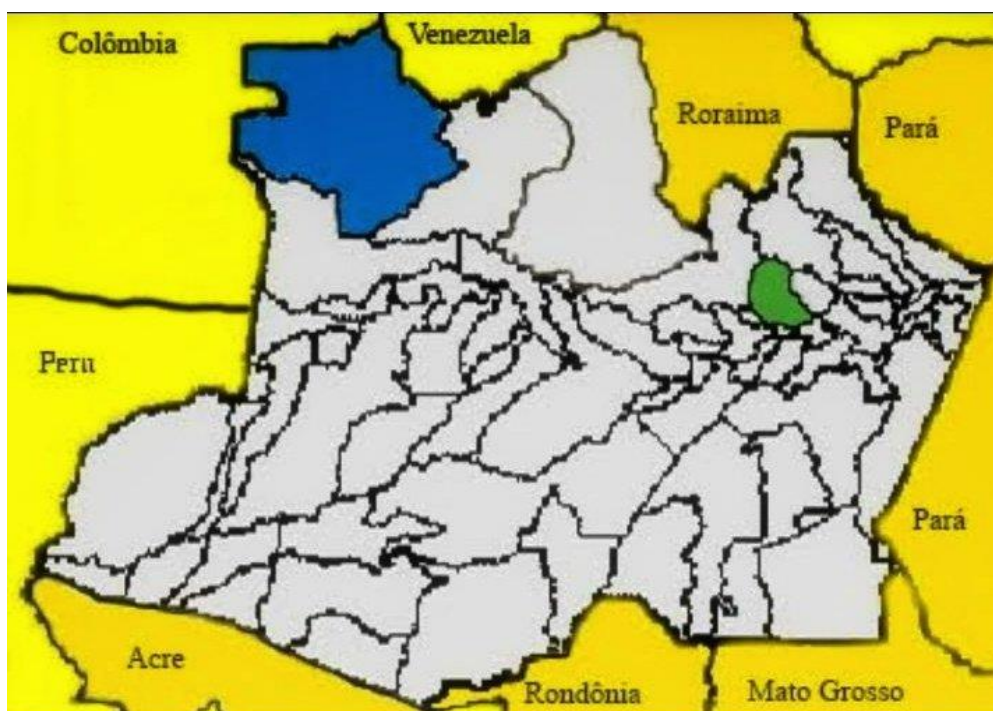
³ Anotações de aulas

Como enunciam Deleuze e Guattari (2021, p. 22-23). “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais”.

Portanto, esta pesquisa objetiva expandir sua trajetória através da sua trilha-devir, incentivar outras meninas e mulheres na ciência, buscando considerar o contexto histórico, social e cultural, as lutas enfrentadas e resistência no processo da sua história e suas contribuições para o campo científico.

Operar como ferramenta metodológica a história de uma indígena como a Professora Dra. Alva Rosa Tukano, é reforçar a voz e as narrativa das etnias excluídas do processo social. Neste estudo, enfatizando uma mulher indígena da etnia Tukano, nascida em São Gabriel da Cachoeira (ilustrado na Figura 2), município do Amazonas, assentados no tríplice fronteira entre o Brasil e Colômbia.

Figura 3 – Localização de São Gabriel da Cachoeira



Fonte: Comando Militar da Amazonia (2018)⁴.

⁴ COMANDO MILITAR DA AMAZONIA. **O @CmndoCMA está presente na Cabeça do Cachorro...** Manaus, 13 de março de 2018. Twitter: @CmndoCMA. Disponível em: https://twitter.com/cma_exercito/status/973511979523600385. Acesso em: 14 abr. 2024.

Move-nos o desejo de buscar, para contar, como ocorreu o processo de desterritorialização do lugar de indígena de Iauaretê a ser voz ativa pelo seu povo, lutando por uma Educação Escolar Indígena por via da diferença diante da sociedade, suas conexões e movimentos singulares como filha, mãe, professora, mestre, doutora, consultora do Ministério da Educação (MEC), líder e militante dos movimentos indígenas, entre outras relações.

Diante o exposto, a análise do conteúdo será realizada com base nos estudos pós-estruturalistas dos teóricos Gilles Deleuze e Félix Guattari que abrange não apenas a perspectiva do campo filosófico pós-estruturalista, como também a aplicação de modo mais específico dos conceitos do volume 1 e 4 da obra *Mil platôs* para interpretar os dados coletados.

4.4 POR QUE ALVA ROSA TUKANO?

Figura 4 – Alva Rosa Tukano



Fonte: Fatim (2023).

A escolha da Dra. Alva Rosa Lana Vieira, mulher indígena da etnia Tukano, da linhagem patrilinear, do tronco linguístico: tukano oriental, filha, mãe, professora de

matemática, professora indígena, pesquisadora na área da educação, líder e militante indígena, oferece uma oportunidade única de explorar a intersecção de gênero, etnicidade e ciência em outra perspectiva. Na figura 3 apresenta-se a protagonista escolhida para a construção da pesquisa.

A participante deste estudo prefere ser chamada de Alva Rosa Tukano, pois todo mérito de reconhecimento que ela vem recebendo em toda sua trajetória é fruto de um movimento árduo pelo seu povo, o povo Tukano, e pelos povos indígenas, aos quais sua luta traz sentido à sua vida.

No processo desta pesquisa, o primeiro contato com a pesquisada foi através da rede social Instagram, no dia 16 de junho de 2023, logo após as primeiras pesquisas exploratórias em busca de dados sobre mulheres na matemática com o perfil para o antigo projeto. Anteriormente, a ideia era trazer histórias de mulheres e suas contribuições na matemática. Assim como retratar suas trajetórias acadêmicas e profissionais, seus desafios e superações. O objetivo com a pesquisa es voltado ao estado do Amazonas, associar as mulheres desta região às práticas científicas, tal como fazendo a diferença no campo educacional e científico.

Nesta perspectiva, as pesquisas foram constantes, demoradas e exaustivas. Porém, o fato de não encontrar resultados satisfatórios não me desanimou. Até que um certo dia, em meados de março de 2023, assistindo ao Jornal de Notícias G1 (Fatim, 2023), foi anunciado a professora Alva Rosa Tukano como a primeira mulher indígena a obter o título de doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Foi naquele instante que minha máquina produtiva de ideias foi repensada para outros prismas em relação às mulheres na ciência.

Em entrevista ao G1, a professora Alva Rosa Tukano compartilhou seu pensamento sobre a importância de sua trajetória em incentivar outras mulheres a ingressarem no campo científico: “Com esse título, demonstro a todas que somos capazes e podemos concorrer a qualquer área, desde a graduação até o doutorado.” As nossas lideranças indígenas fizeram a sua parte e nós temos que cumprir a nossa parte, buscando e abrindo caminhos para as jovens e mulheres indígenas.” (Fatim, 2023).

Quando li na reportagem que ela é licenciada em Matemática e que luta pelos direitos a uma educação de qualidade para os povos indígenas, logo compreendi que a educação não se resumia apenas ao ensino e à matemática, mas sim o quanto a educação poderia abrir portas inimagináveis. Como também compreender que a

trajetória invisibilizada das mulheres na história da matemática envolve outras vertentes sociais e culturais.

Conquanto muitas mulheres estejam à frente e mais presentes em várias esferas na sociedade, os percalços das mulheres perduram até os tempos atuais, principalmente quando falamos sobre mulheres indígenas.

Durante a trajetória da pesquisa, me entendi dentro de outras realidades, ou seja, que a educação não se resumia apenas ao ensino da matemática, mas sim o quanto a educação nos conecta a possibilidades inimagináveis. Nesse sentido, compreender que a trajetória invisibilizada das mulheres na história da matemática envolve outras vertentes sociais e culturais que se estenderam a tempos atuais.

Sendo assim, as mulheres indígenas estão inseridas numa perspectiva menor, minoritária, ou seja, estão inseridas no contexto histórico e social que não reconhece os saberes tradicionais dos povos originários como conhecimento científico, tornando-as duplamente invisibilizadas.

Perante o exposto, a pesquisa sofreu transformações, uma conexão de devires, pois mesmo buscando adequar a participante para minha pesquisa, a Professora Alva Rosa Tukano surge como um platô, “Um rizoma é feito de platôs”, sendo assim, me afetando como um rizoma que opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas (Deleuze; Guatarri, 2021, p. 32).

Comumente, os autores Bogdan e Biklen (2013) compreendem que os pesquisadores que movimentam esses estudos de caso os encontram ao acaso, ou seja, não selecionam o tipo de “sujeito” que se alinhe a um modelo que deseja entrevistar. Em contrapartida, eles encontram uma pessoa transcendente e decidem, posteriormente, continuar o estudo.

Diante disso, eu cheguei a me questionar: “Como nunca pensei nas mulheres indígenas antes?” Talvez pelo costume de enxergar os povos indígenas como um evento cultural que celebramos sua existência em 19 de abril. Nessa data, geralmente, as escolas realizam eventos voltados a características visuais, como pinturas no rosto, cocar e algumas apresentações referentes a tradições de maneira generalizada.

Atualmente, na internet e nas redes sociais compartilhamos posts com seus rostos e algumas belezas culturais provenientes dos povos originários, mas não somos incentivados a conhecer de fato a importância da cultura e reconhecer a existência dos povos como seres que compõem a sociedade brasileira e que devem ser respeitados de acordo com a sua diferença.

De fato, não existe incentivo abrangente relacionando a produção de conhecimento dos povos indígenas com a produção científica no campo escolar, consideração a diversidade de comunidades indígenas existentes no estado do Amazonas, considerei importante dar ênfase a valorização dos seus conhecimentos, contrariando a continuidade do preconceito estrutural, que limita a participação dos povos indígenas no campo científico.

Desde então, me dediquei a conhecer mais sobre a trajetória de vida da professora e as lutas dos povos indígenas. Portanto, não tem como falar da mulher indígena e sua relação com a ciência de forma sistematizada, simplista ou encadeá-la numa história limitada diante do caos histórico a que foram submetidos e que permanece até então.

Desse modo, a produção deste estudo resultou num rompimento, ocorrendo novos cortes e conexões com o projeto. Perante isso, após dialogar sobre minhas novas ideias com minha orientadora, concordamos que a única maneira de construir uma história de vida em movimento e constantes mudanças seria remetê-la a um estudo cartográfico, “uma invenção”, talvez, de pesquisa.

Contudo, no dia 20 de junho de 2023, a participante respondeu minha mensagem concordando em fazer parte da minha pesquisa. Sendo assim, me fornecendo seu número do celular para melhor comunicação. Fiquei extremamente feliz! Devo dizer que a escolha da mulher para esta pesquisa superou todas as minhas expectativas, principalmente por ser indígena do estado do Amazonas.

Por conseguinte, apesar do contato pelo Instagram e WhatsApp, me desdobrei para conseguir contato presencial com a participante para confirmar sua presença nesta pesquisa e conhecê-la além das suas imagens, vídeos e documentos pela internet. Acompanhar seus passos foi desafiador, porque ela é uma pessoa muito atarefada, constantemente faz viagens, participa de eventos e conferências, realiza entrevistas, participa de debates e se desloca para diferentes comunidades do Amazonas para consultas pelas comunidades pela Educação Escolar Indígena, entre outras atividades que surgem no decorrer dos seus dias, suas lutas e objetivos pelo seu povo, porém primordial para entender melhor sua trajetória.

Dito isso, entre as idas e vindas ao Amazonas, a professora fez uma importante participação na mesa de abertura: "Caminhos para Amar-zonizar o Brasil: Povos indígenas e educação", em defesa das causas indígenas, no evento da 41ª Reunião

Nacional da ANPED, no qual ocorreu o primeiro registro fotográfico. conforme a figura 5.

Figura 5 – Encontro com Alva Rosa Tukano



Fonte: Compilação da autora.

O intuito do evento foi fortalecer a pauta da qualidade na educação escolar indígena, amparada pela cultura e pelo reconhecimento da diversidade de povos. O evento sucedeu na Universidade Federal do Amazonas-UFAM, no dia 22 de outubro de 2023 e se refere as seguintes expectativas:

O propósito fundamental da entidade é o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura dentro dos princípios de participação democrática, liberdade e justiça social. Entre seus objetivos estatutários: Promover o ensino de pós-graduação e pesquisa em educação. O intercâmbio e a cooperação entre os programas e os professores e professoras, os estudantes da pós-graduação e demais pesquisadores da área para responder as necessidades concretas dos sistemas de ensino das instituições de educação superior, bem como das comunidades sociais e regionais. Para contribuir na política educacional do país e na qualificação da produção acadêmico-científica da área de educação⁵

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=OZsXFAMrQ6w&t=3s>

As falas da professora provocaram reflexão e grande comoção entre os presentes, diante do seu compromisso potencializador por uma educação de qualidade para os povos indígenas e com a pesquisa, explanando a importância dos saberes das diversidades dos povos indígenas para a produção científica. “A educação foi o meio que foi o instrumento de destruição para nós, povos indígenas, hoje ela também está sendo meio de transformação e valorização na cultura indígena.” É em nome desses quase meio milhão de indígenas do Amazonas que quero cumprimentar todos vocês, pesquisadores em educação” (Vieira, 2023).

Dessa forma, a Dra. Alva Rosa Tukano enfatiza que historicamente a educação eurocêntrica afetou negativamente os povos indígenas, reprimindo sua cultura e invisibilizando seus conhecimentos. Porém, atualmente, é um caminho para uma transformação para os povos. A professora se mostra firme e consegue transparecer a importância da sua trajetória como indígena na pesquisa. Suas falas são potentes e críticas, sendo assim, coerentes e aguçam o espírito reflexivo de quem as ouve.

Entre suas falas, ela ressalta a importância da educação para salvar o planeta a partir de cada um de nós fazendo a diferença. “O futuro do planeta está nas nossas mãos. Portanto vamos fazer a diferença a partir de nós que estamos aqui porque de nada vai adiantar nós estarmos aqui e não realmente não trabalharmos a diferença no planeta” (Vieira, 2023).

Foi emocionante a ponto de não me contentar em apenas assistir. Sendo assim, aproximei-me e identifiquei-me; logo ela sorriu e falou: “Finalmente nos encontramos!”, rimos. Ela perguntou sobre o programa de mestrado que curso, quem era minha orientadora. Falamos sobre a disciplina de matemática, pois ela disse que muitos pensam que ela é pedagoga por causa de suas lutas pela educação.

De fato, existe uma ideia equivocada sobre profissionais da área de exatas e sua pouca relação com questões subjetivas, devido à objetividade da disciplina. Mas a verdade é que existem muitos profissionais que rompem essas barreiras e constroem suas aulas além do conteúdo matemático, visando explorar a disciplina, valorizar a realidade dos alunos e ocasionar rupturas com o ensino tradicional. Com isso, afetam positivamente a área da educação.

No mais, eu quis conversar mais com ela, mas como não era a única que almejava isso, a nossa conversa precisou ser rápida, porém suficiente para ter certeza da minha escolha da participante para a pesquisa. Portanto, ali, concretizamos oralmente sua participação e colaboração para o estudo.

4.5 MOVIMENTANDO OS PASSOS DA HISTÓRIA DE VIDA

Movimentar uma pesquisa utilizando o método História de Vida não é um processo simplista. De modo que os resultados não são resumidos e pautados exclusivamente no relato da pessoa entrevistada. Adverso a isso, é muito mais abrangente, sobretudo é a reconstrução da própria história, atribuindo novos sentidos e significados para a propositura do estudo (Alves; Silva, 2022).

Ainda de acordo com os autores citados anteriormente, “a escolha do participante se torna o fator fundamental para o sucesso da construção da história de vida, pois ele é a figura central do estudo e dele dependerá todo o seu percurso. Uma vez que, por mais hábeis que sejam os pesquisadores, não podem ‘criar’ uma história, sendo dependentes da forma como ela é vivida e contada”.

Sendo assim, é imprescindível escolher uma pessoa capaz de construir um discurso compreensível e com autoconhecimento sobre sua trajetória de vida, fiel aos eventos na medida do possível (afinal depende da memória e da interpretação dos acontecimentos), e suficientemente crítico para significar os principais objetivos do estudo a ser analisado. É importante que esteja conectado com o pesquisador e com a relevância da temática a ser debatida (Alves; Silva, 2022).

Conforme Alves e Silva (2022) Para reconstruir uma história, é crucial recorrer a outras fontes para complementar o que foi narrado, incluindo evidências documentais, entrevistas, fotografias, textos, observações, entre outros, com o objetivo de permitir uma análise intertextual e intercontextual.

De acordo com os princípios do método História de Vida, foi certificado que a escolha da participante estava em consonância com os objetivos da pesquisa. Assim como demonstrou competência, disponibilidade e entusiasmo ao compartilhar sua trajetória de vida. Contudo, durante todo o processo, foi estabelecido uma relação de confiança e ética, respeitando seu espaço, seu tempo e seus recursos tecnológicos.

Segundo Nogueira *et al.* (2017, p. 471) “Recolher uma história de vida é cartografar o transitório, tal como qualquer incursão pelo mundo da literatura exige; trata-se de registrar experiência”. Portanto, é necessário criar espaço na pesquisa para que o tempo da narrativa não se depare com dificuldades intransitáveis, a história de vida não deve ser recolhida na correria. A coleta exige o tempo do encontro; o tempo da delicadeza (Nogueira *et al.*, 2017).

Por conseguinte, o caminho de nossas conversas, em sua maioria, aconteceu por mensagens no WhatsApp, mas também nos comunicávamos por ligação telefônica. No entanto, as informações documentais mais importantes foram solicitadas e recebidas por e-mail. Como mencionado anteriormente, o primeiro contato com a participante foi via Instagram.

Desde então, faço uso das redes sociais: WhatsApp e Instagram para acompanhar algumas das suas trajetórias como militante indígena, seus stories, postagens e participações marcadas por outras pessoas e grupos, observando suas lutas pela Educação Escolar Indígena. Mantendo-me atenta para não invadir sua privacidade ou expor sua vida de forma equivocada ou inconveniente.

Portanto, o primeiro passo desta investigação consistiu na seleção de Alva Rosa Tukano, como ela prefere ser conhecida e chamada. Todos os movimentos no processo da pesquisa respeitaram o seu tempo e espaço, fortalecendo a conexão entre pesquisadora e pesquisada e potencializando a construção de sua história de vida. Com base no exposto, em meados de julho de 2023.

A segunda etapa consistiu em realizar uma revisão da literatura sobre a participação feminina na área de STEM, problemática que insurgiu esta pesquisa, visando o empoderamento de mulheres em contextos históricos e contemporâneos, com ênfase na participação e contribuição de mulheres indígenas na ciência e educação, suas conquistas e desafios, apresentada na primeira seção.

Esta etapa da pesquisa foi importante pois nos faz compreender e refletir mediante a narrativa histórica sobre misoginia, sexismo ou machismo, mas também nos transmite a sensação de que elas são longínquas do campo científico, deixando sobressair o lado mais suscetível das mulheres no campo científico, tornando o estudo voltado a um discurso repetitivo e sem novas possibilidades, obscurecendo as conquistas das mulheres.

Ou seja, sua emancipação estabeleceria a mulher de forma identitária, “...uma vez que esta não teria outro conteúdo senão os caracteres oriundos da distribuição dos papéis, das atitudes etc. instituída pela relação de dominação” (Zourabichvili, 2004, p. 30).

Contudo, a proposta deste estudo foi pensada em sua forma pura e insubmissa aos laços mediadores da representação – que tendem a submeter a diversidade dos seres à identidade plena de um conceito geral e abstrato (Schöpke, 2004, p. 16).

Como pontua (Tedeschi, 2021, p. 8) mostrar que há uma história outra subalternizada, estigmatizada, potente, movimentando-se dentro do hegemônico e à miséria. Nesta perspectiva, mulheres que lutam por seus direitos e seus espaços, mulheres empoderadas, mulheres que fazem a diferença.

Para a movimentação *do terceiro passo*, cartografei dados após o contato com a professora, a partir de julho de 2023. A base foram as primeiras informações recebidas dela própria, como dissertação, tese e artigos; algumas vias WhatsApp, outras via e-mail. Suplementei esses dados com documentos digitais e sites que divulgavam informações sobre a temática e sobre a participante.

Nos primeiros meses de 2024, a pesquisa sofreu paralisação por causa da malária que contrai. Minha saúde ficou debilitada e eu não conseguia realizar minhas leituras nem escrever. Inclusive, as telas do notebook e do celular ficavam embaçadas devido aos enjoos e dores de cabeça constantes. Parece irreal, mas até a memória ficou enfraquecida; às vezes, as lembranças simplesmente não existiam mais. Diante dessa triste circunstância, o máximo que consegui realizar foi o quarto passo.

O *quarto passo* envolve a formalização do documento assinado pela participante, em 25 de abril de 2024, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que descreve os detalhes da pesquisa: os objetivos, os benefícios do estudo, a identificação dos riscos, os procedimentos metodológicos, os métodos de coleta de dados e de entrevista, a análise documental, a solicitação de imagens e a complementação das informações relevantes para a pesquisa.

Consequentemente, minha qualificação precisou ser adiada, e me desconectei dos passos da professora nesse intervalo. Após minha recuperação, retomei meus estudos e contato com a participante, mas, principalmente, me desdobrei para escrever o projeto de qualificação. Posteriormente, no dia 07 de junho de 2024, finalmente consegui a aprovação na qualificação, *o quinto passo*.

Foi um dia muito feliz, em vista disso, senti um enorme desejo de informar sobre a aprovação à professora, agradei por ela ser parte desta trajetória tão importante para mim: “Tenho certeza de que sua história vai contribuir muito com a pesquisa e incentivar mais mulheres para o campo científico”, eu disse. Ela respondeu:

Sério? Parabéns, estou chegando de Brasília de uma reunião agora.

*Estou com agenda super cheia o mês de junho.
Dia 21/06 vou participar de uma mesa no Festival Led, evento da Educação,
para falar sobre Educação Indígena no Rio de Janeiro.
São muitos desafios ainda pela frente.
Boa sorte na pesquisa. Me avisa quando for defender* 📌 🌿

Diante da resposta, ficou claro que, durante o mês de junho, não seria possível empreender a entrevista, devido a essa realidade, a entrevista também sofreu atraso. Assim, sigo com minhas leituras, análises e coleta de informações, enquanto a participante segue sua jornada de lutas e enfrentamentos por uma educação escolar indígena de qualidade e a valorização das diferenças entre os povos.

No mês de setembro, a professora se dedicou às atividades políticas, retornando à cidade onde cresceu e terminou o ensino básico, São Gabriel da Cachoeira, permanecendo até o dia 11 de outubro naquele local. Assim, aproveitando essa mesma época, continuei me aprofundando nas pesquisas sobre a temática e buscando uma data ideal para a entrevista.

De fato, trabalhar com a história de vida é acompanhar as informações do participante em fluxos contínuos. Nessa perspectiva, de acordo com Bosi (2004, p. 38) “uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa”. Para o autor, será mais eficaz se o pesquisador não fizer explorações precipitadas do contexto observado, mas sim se envolver em sua vida.

No entanto, diversos momentos me perdi diante da diversidade de articulações que caracterizam os confrontos pela causa indígena da participante; suas viagens, entrevistas, palestras e debates. Sendo assim, precisei traçar planos de imanência para mapear os pensamentos, organizar as ideias na relação pesquisadora e pesquisada. Nesse sentido, compreender as linhas que me conectavam aos desígnios da participante para constituir sentido ao projeto.

De acordo com os pensadores Deleuze e Guattari (1991), o plano de imanência corresponde à imagem do pensamento, à imagem do significado do pensamento, que mapeia e orienta os pensamentos. “O plano de imanência é como um corte do caos e age como um crivo” (Deleuze e Guattari, 199, p. 58). Portanto, conforme os filósofos, condições que nos permitam conectar as informações e com base nelas encontrar sentido.

Outro aspecto importante do método História de Vida é que o pesquisado tenha conhecimento do que será inserido sobre sua vida na pesquisa. Isso inclui as

fotografias; é viável que a pessoa entrevistada participe da escolha das imagens. De acordo com Alves e Silva (2022) a participante se comporta como coautor no processo de produção da pesquisa, ou seja, a protagonista da investigação. Isto implica, entre outras coisas, obter o direito de escolha da própria imagem que será tornada pública.

Então, no dia 10 de outubro, apesar da ausência da participante em Manaus, entrei em contato com ela via WhatsApp e a informei sobre o e-mail em que solicitava algumas fotografias. No documento havia uma breve contextualização sobre a pesquisa e a importância da sua participação na escolha das imagens.

Complementei perguntando quando seria seu retorno para que pudéssemos marcar a entrevista; no entanto, não foi possível, pois ela já tinha outras atividades a cumprir. Diante disso, não chegamos a nenhuma data específica. No dia 21 de outubro, tive retorno sobre a solicitação das imagens; não foi uma notícia tão boa, conforme a professora:

*Eu até cheguei a verificar as fotos, tá bom, Paula
Em 2017, eu acredito que foi numa discussão da BNCC
Acabou que eu...acabou não! Alguém acabou se sentindo dono, né?
Porque levaram, sumiu com tudo
Olha, eu vou ver se consigo achar algumas fotos antigas*

Além da sugestão de imagens, por meio de documento digital enviado por e-mail em 4 de novembro de 2024, foi solicitada a análise dos dados registrados e a inclusão de novas informações sobre a linha de vida da participante. No mais, se fosse identificado algum erro ou divergência com a sua realidade, pedi que os corrigissem. Também requeri algumas informações sobre suas conexões familiares para facilitar o desenvolvimento da conversa no dia da entrevista.

No dia seguinte, concretizou-se o sexto passo: a professora enviou por e-mail as fotografias, bem como a atualização do documento e a inclusão de suas trajetórias acadêmicas e profissionais atuais. Isso possibilitou a reorganização dos quadros seguintes.

TRAÇADO DA LINHA DE VIDA

Quadro 1 –Trajetória Acadêmica

Educação Básica	Colégio São Gabriel, CSG, Brasil Ano: 1980-1992
-----------------	--

Aperfeiçoamento em Adicional em Matemática	Centro de Formação Padre Anchieta Título: Matemática de 5ª e 6ª série. Ano: 1993
Graduação	Licenciatura em Matemática, Ano: 2002-2005 Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Brasil
Especialização	Especialização em Ensino de Matemática. Ano: 2007-2008; Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Brasil
Mestrado	Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Ano: 2015-2017; Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, Brasil
Doutorado	Doutorado em Educação Ano: 2018-2023; Universidade Federal do Amazonas-UFAM, Brasil

Fonte: Compilação da autora.

Quadro 2 – Produções acadêmicas

Produções acadêmicas	Compilação das atividades acadêmicas
TCC	A professora Alva sofreu um assalto, por isso perdeu todo seu material desta época.
Dissertação	Território Etnoeducacional Rio Negro: Significações de uma Política Pública RESUMO: Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação (PPGP) do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF). Teve como objetivo geral investigar as dificuldades e os avanços na implementação da política do Território Etnoeducacional (TEE) Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira. O trabalho contextualiza o Decreto nº 6.861/2009, que cria a política do Território Etnoeducacional com participação de indígenas, instituições governamentais e não governamentais, assim como a Educação Escolar Indígena no Brasil, o movimento indígena, os conceitos de Território, Território Educacional, Territórios Etnoeducacionais. Além disso, focaliza o Território Rio Negro, bem como analisa o Território Etnoeducacional enquanto política pública. Para tanto, utiliza como metodologia a pesquisa qualitativa e, como instrumento, a entrevista semiestruturada com lideranças e professores indígenas. A dissertação apresenta, ainda, um Plano de Ação Educacional como proposta de intervenção para o estudo de caso, que objetiva o aprimoramento e aperfeiçoamento desta política, em âmbito regional. Tal plano poderá contribuir para nortear a implementação da política do TEE nos sistemas de ensino do TEE Rio Negro, especificamente no município de São Gabriel da Cachoeira, com ações compartilhadas entre as diferentes instituições e os povos indígenas, tal como define a política dos Territórios Etnoeducacionais.

	Palavras-Chave: Territórios; Territórios Educacionais; Territórios Etnoeducacionais; Educação Escolar Indígena; Movimentos Indígenas; Política Pública.
Tese	Título: POLÍTICA DOS TERRITÓRIOS ETNOEDUCACIONAIS NO AMAZONAS: PERSPECTIVA PARA EFETIVAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. Resumo: A presente tese foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. A pesquisa teve como tema, Política dos Territórios Etnoeducacionais no Amazonas: Perspectiva para efetivação da Educação Escolar Indígena. A escolha do tema foi instigada a partir da experiência como pesquisadora, professora indígena e ativista indígena em prol da Educação Escolar Indígena. A problemática da tese buscou investigar o não cumprimento dos direitos dos povos indígenas à Educação Escolar Indígena, apesar da existência das legislações em Educação Escolar indígena. Para responder à problemática, fizemos a seguinte indagação: quais os desafios e possibilidades no cumprimento da política dos Territórios Etnoeducacionais para efetivação da Educação Escolar Indígena no estado do Amazonas? A pesquisa teve como objetivo geral analisar os desafios e possibilidades da gestão da Educação Escolar Indígena em Territórios Etnoeducacionais no Amazonas. Por objetivos específicos, definimos conhecer o processo de implantação de políticas dos Territórios Etnoeducacionais, identificar e analisar os compromissos pactuados nos Territórios Etnoeducacionais do Amazonas; e, apontar o protagonismo indígena na efetivação da gestão em Educação Escolar Indígena. A pesquisa foi subsidiada pelos levantamentos documentais e bibliográficos, utilizando uma abordagem qualitativa, orientada pelo método da abordagem hermenêutica-dialética (MINAYO, 2002). Para análise, tivemos por aportes teóricos Santos e Meneses (2010), Ghedin (2017) e Cruz (2018); Candau (2010) e Walsh (2019); Mainardes (2006); Weigel (2000), Grupioni (2008), Luciano (2013), Santos (2022) e Gramsci (2013). Como resultado da investigação, defendemos que o Amazonas, estado que possui instituições públicas municipais, estaduais e federais que trabalham com povos indígenas em todos os âmbitos, porém não efetiva os direitos à educação escolar indígena, que podem ser cumpridos pela adoção dos princípios da política dos Territórios Etnoeducacionais do Amazonas. Palavras-chave: Território Etnoeducacional. Educação Escolar Indígena. Povos Indígenas. Organizações Indígenas. Amazonas.
Artigo.	VIEIRA, Alva Rosa; BRITO, R. M. de Marques; MARQUEZ, S. O. M.; LAPA, B. C.; GOMES, J. C. A LÓGICA NO CONTEXTO DA PESQUISA CIENTÍFICA: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-REASE, v.8, p. 1730-1746, 2022.
Artigo	PAES, L. R.; SANTOS, R. F. F. RICARDO, H. A.; VIEIRA, Alva Rosa. Em busca de outras coordenadas epistêmicas: breve enunciação entre decolonialidade e a formação universitária de professores indígenas no Amazonas. INTELLECTUS (UERJ. ONLINE), v. 21, p. 104-132, 2022.
Artigo	Título: Infâncias Indígenas e Interculturalidade no Alto Rio Negro Autoras: Alva Rosa Lana Vieira e Jonise Nunes Santos. Ano: 2022.
Artigo	VIEIRA, Alva Rosa; SANTOS, Jonise Nunes. Em defesa dos direitos, da vida e dos territórios indígenas do Amazonas. Manaus: Gráfica e Editora Silva, 2023 (Revista).

Capítulo de Livro	VIEIRA, Alva Rosa ; VILARDI, L. ; CONSENZA, A. . O Território Etnoeducacional do Rio Negro como política pública de reconhecimento da educação escolar indígena. In: Alva Rosa Lana Vieira, Luísa Vilardi, Angélica Consenza. (Org.). O Território Etnoeducacional do Rio Negro como política pública de reconhecimento da Educação Escolar Indígena. 1ed.Juiz de Fora: Projeto CAEd - FADEPE/JF, 2017, v. 4, p. 532-545.
Resumo	VIEIRA, Alva Rosa. A luta dos Povos Indígena pelo direito a Política de Educação Escolar Indígena. In: XVII Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (SEINPE), 2018, Manaus. Educação, Política e Ciencia na Pan-Amazônia. Manaus, 2018. p. 1-175.

Fonte: Compilação da autora.

Quadro 3 –Trajetória Profissional

Em 2005	Gerência de Educação Escolar Indígena (GEEI) para trabalhar no Projeto Pirayawara, programa de formação para professores indígenas do Amazonas (SEDUC/AM).
Em 2009	Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena (CGEEI) da antiga SECAD, que atualmente é a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação (MEC), em Brasília.
Em 2010	Foi indicada e eleita pelos professores indígenas a assumir o Conselho dos Professores Indígenas da Amazônia (COPIAM).
	Também foi uma das fundadoras do Fórum de Educação Escolar Indígena do Amazonas (FOREEIA), que culminou na criação do Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena (FNEEI)
	Em abril de 2010, assumiu a Gerência de Educação Escolar Indígena da SEDUC/AM.
Em 2012	Iniciou o grande desafio de construir uma Proposta Curricular Intercultural para as escolas indígenas, por meio de consultas, reuniões e discussões nas comunidades, escolas e com as organizações indígenas.
Em 2014	foram aprovadas, pelo Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena, as Matrizes Curriculares Interculturais de Referência para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio para as Escolas Indígenas do Amazonas, Resolução CEEI nº 02, de 28/08/2014 (AMAZONAS, 2014)
Em 2015	Foi convidada novamente pelo MEC, dessa vez, para assumir a Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena, no âmbito da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

Em 2018	Trabalhou no Centro de Formação Padre Anchieta (CEPAN) na Coordenação de Formação para professores, em particular na formação de professores indígenas.
Em 2021	Iniciou uma nova experiência na Coordenadoria Regional de São Gabriel da Cachoeira na Assessoria Indígena.
	Ainda neste mesmo ano, fomos para Assessoria de Projetos e Planejamento da Secretaria Municipal de Assistência Social. Paralelo a vida acadêmica e profissional;
	Foi eleita como Diretora Presidente do Fórum de Educação Escolar e Saúde Indígena do Amazonas para o mandato de 2021-2024.
Em 2022	Articulada com outros coletivos de mulheres indígenas da rede de mulheres indígenas, professoras e estudantes indígenas, constituímos a Articulação das Organizações e povos indígenas do Amazonas (APIAM), referência do movimento indígena no âmbito estadual, feito muito importante para a luta coletiva dos povos indígenas do Amazonas.
	Consultoria na Geledés Instituto Da Mulher Negra para elaboração do texto Infâncias Indígenas, documento que apresente as concepções, modos e vivências das infâncias indígenas, visando ações de promoção, a valorização, proteção e defesa dos direitos das crianças desde a infância.
(2023-2026)	Membro titular do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena do Amazonas.
	Membro titular da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena – CNEEI/MEC
(2017- 2024)	Professora colaboradora nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade do Estado do Amazonas e da Universidade Federal do Amazonas.
(2023-2024)	Participação nas bancas de qualificação e conclusão de graduação, mestrado e doutorado.
Em 2024	Bolsa de Pesquisa no Projeto: Povos Originais e suas infâncias no Brasil, com estudo de Caso no Amazonas e Mato Grosso.
	Consultoria na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) no Projeto - Territórios sustentáveis e saberes tradicionais amazônicos nas agendas educacionais e do clima.

Fonte: Compilação da autora.

Quadro 4 – Participação em eventos

Participação em conferências
Educação Escolar Indígena: avanços e retrocessos. 2020.
II Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena. Delegada. 2018.
II Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena. Cinco eixos norteiam a conferência: organização e gestão da educação escolar indígena, práticas pedagógicas diferenciadas, formação e valorização dos professores, políticas de atendimento e educação superior. 2017
Conferência Regional de Educação Escolar Indígena do Amazonas. 2017.
Conferência Regional do Baixo Amazonas e Juruá. 2017.
1ª Conferência Nacional de Política Indigenista. Participante. 2015.
Conferência Nacional de Educação. Delegado. 2014.
I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena. Delegado. 2009.
Participação em seminários, congressos e exposições
Educação Escolar Indígena: avanços, desafios e novas perspectivas. 2019.
SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. 2019.
A luta dos Povos Indígena pelo direito a Política de Educação Escolar Indígena. 2018.
I Seminário Interdisciplinar do Curso de Especialização em Educação Escolar Indígena de São Gabriel da Cachoeira. 2018.
I e II Seminário sobre a Base Nacional Comum Curricular - BNCC para o Ensino Fundamental e Médio para as escolas indígenas. 2018.

A educação escolar indígena: avanços, conquistas e desafios. 2015.

Outras participações

Membro avaliadora do XIII Congresso Interno de Iniciação Científica e Tecnológica / Seminário de Avaliação Parcial de Iniciação Científica e Tecnológica. 2023. Universidade do Estado do Amazonas.

Membro do Comitê Científico na avaliação de Artigos e Relatos de Experiência do Edital nº 01/2022 da Revista Diálogos Formativos. 2023. Secretaria do Estado de Educação do Amazonas.

Comissão de Seleção para o curso de Especialização em Educação Escolar Indígena. 2018. Universidade Federal do Amazonas.

Participações em Programas Científicos

CANAL: UEA Amazonas. Data: 17/10/2024
4º Seminário Internacional - Infâncias e pós Colonialismo.
<https://www.youtube.com/watch?v=Yw2FoOTuVgs&t=5783s>

ANPEd Nacional. Data: 22/10/2023
Conferência de Abertura – Caminhos para Amar-zonizar o Brasil: Povos Indígenas e Educação.
https://www.youtube.com/watch?v=eF_ak1mEcKg&t=8184s

Fundação CECIERJ-RJ. Data: 22/05/2023.
De frente com cientistas com Alva Rosa Lana Vieira
<https://www.youtube.com/watch?v=rZm5rRLBle8&t=461s>

TVPPGICH UEA. Data: 12/06/2023
Marco Temporal - Realidade e desafios da causa indígena -
<https://www.youtube.com/watch?v=Mfeef30DCCs>

Instituto Cosmos. Data: 06/04/2023
Educação Escolar Indígena: Conquistas e Desafios
<https://www.youtube.com/watch?v=amuAakPfK8E>

SEINPE PPGE. Data: 07/11/2020
Educação Escolar Indígena: Avanços e Retrocessos
<https://www.youtube.com/watch?v=oCiByHVBGaQ>

Rede TVT. Data: 23/04/2022

Alva Rosa Tukano e a Resistência Indígena/ Bem viver

<https://www.youtube.com/watch?v=H6K5dlo59rw>

UCDB. Data: 17/09/2024

XI Seminário Internacional Fronteiras Étnico-Culturais e Fronteiras da Exclusão

<https://www.youtube.com/watch?v=GU1IX0v2MaA&t=557s>

Cursos ministrados pela Alva Rosa Tukano

Pedagogia Intercultural Indígena. 2024.

Princípios e concepções da Educação Escolar Indígena. 2018.

Fonte: Compilação da autora.

Quadro 5 – Outras atividades da Alva Rosa Tukano

Programa de rádio ou TV/Mesa redonda

Educação e Equidade: bases para Amar-zonizar e Reconstruir o país. 2023.

37º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

Múltiplas faces da pesquisa em educação. 2023.

Educação, Formação e Pesquisa na Pan-Amazônia em cenário pandêmico: o papel da Universidade na promoção dos Direitos Humanos. 2020.

Ensino Fundamental: contribuições do SNE para acesso e permanência com qualidade social. 2018.

Prêmios e títulos

Mérito Educacional, Assembleia Legislativa. Ano: 2013

Fonte: Compilação da autora.

Quadro 6 – Sites: abordagens e entrevista da Alva Rosa Tukano

Sites das entrevistas realizadas com Alva Rosa

24/10/2023	• https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/outubro/mec-debate-educacao-e-equidade-na-reuniao-da-anped
10/11/2023	• https://www.adua.org.br/frame1.php?pagina=noticia.php&ID_ARTIGO=2570
30/04/2023	• https://www.stemparaminas.com/post/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-de-alva-rosa-mulher-ind%C3%ADgena-cientista-e-doutora
10/03/2023	• https://www.stemparaminas.com/post/conhe%C3%A7a-a-hist%C3%B3ria-de-alva-rosa-mulher-ind%C3%ADgena-cientista-e-doutora
10/03/2023	• https://portalamazonia.com/educacao/alva-rosa-conheca-a-historia-da-primeira-mulher-indigena-a-obter-titulo-de-doutorado-pela-ufam/
03/03/2023	• https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2023/03/03/alva-rosa-lana-vieira-educacao-indigena-precisa-ser-prioridade
23/02/2023	• https://portalmaloca.com.br/professora/
16/02 2023	• https://laranjeiras.news/noticia/55982/indigena-recebe-primeiro-titulo-de-doutorado-concedido-pela-ufam
15/02/2023	• https://legado.anped.org.br/news/ufam-concede-primeiro-titulo-de-doutorado-uma-mulher-indigena
09/03/2021	• https://www.itausocial.org.br/noticias/por-uma-educacao-escolar-indigena-intercultural-e-diferenciada/
30/01/2014	• https://antigo.seduc.am.gov.br/seduc-forma-professores-em-curso-de-magisterio-indigena/
25/07/2011	• https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/noticias/seduc-promove-seminario-sobre-magisterio-indigena-em-sao-gabriel-da-cachoeira

Fonte: Compilação da autora.

Assim que a participante retorna a Manaus, não demora muito e logo segue viagem aos destinos Ipixuna, procedente a Eirunepé, Envira e Carauari, para a realização do trabalho direcionado pelo MEC⁶, em parceria com a Funai⁷, com o apoio

⁶ <https://www.gov.br/mec/pt-br>

⁷ <https://www.gov.br/funai/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/Institucional>

MPF⁸ e das organizações indígenas OPIJU⁹ E FOREEIA¹⁰ (órgão o qual a participante é presidente).

O objetivo é ouvir povos indígenas dos diferentes territórios e, por meio da consulta e da escuta, conhecer a realidade de cada etnia, para uma possível transformação educacional de qualidade, a partir da diferença.

A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério dos Povos Indígenas, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil. (GOV.BR, 2020).

O FOREEIA – Fórum de Educação Escolar e Saúde Indígena do Amazonas foi lançado oficialmente no dia 30 de abril de 2014, após um ano de discussão e construção da ideia, por 180 professores e lideranças indígenas, representando os 3.100 professores indígenas do Estado do Amazonas. Tem como objetivo fomentar o debate e reunir periodicamente professores indígenas das diferentes regiões do Estado, para trocas de experiências, sugestão de estratégias e garantia de articulação e reflexões sobre a Educação Escolar diante dos grandes desafios que afrontam os povos indígenas do Amazonas.

Em consequência disso, a entrevista precisou ser marcada para novembro. Sendo assim, a participante sugeriu o dia 11 de novembro, no Amazonas Shopping, às 13h30. Ela escolheu o local considerando a proximidade da residência. A princípio, minha ideia era compartilhar partes da entrevista com o grupo do qual participo. Diante disso, minha orientadora e eu pensamos em realizar essa etapa no Centro de Educação a Distância (CED), setor Sul da Universidade Federal do Amazonas.

Por conseguinte, comuniquei a participante, que não hesitou e concordou automaticamente, comprometendo-se a estar no novo local proposto. Porém, o voo foi cancelado devido ao mau tempo. Diante disso, a entrevista também foi cancelada. Por *WhatsApp*, recebi a seguinte mensagem da professora:

Boa tarde, eu não consegui retornar a Manaus, o voo foi cancelado, pensei que teria um avião extra hoje, mas não teve. Só chegarei em Manaus na quinta-feira à noite 🙏🙏🙏 Só consigo falar com vocês na sexta-feira à tarde ou segunda-feira. Pode ser na Ufam, tranquilo por mim. No dia 19/11, terça-feira viajo novamente.

⁸ <https://www.mpf.mp.br/o-mpf/sobre-o-mpf/sobre-o-mpf-1>

⁹ <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/organizacao-dos-povos-indigenas-do-jurua-opiju/>

¹⁰ <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/forum-de-educacao-escolar-e-saude-indigena-do-amazonas-2/>

Diante dessa situação, eu tinha poucas opções para entrevistá-la, pois a quinta à noite antecedia o marco da Proclamação da República (dia 15 de novembro, feriado nacional no Brasil). Ou seja, no fim de semana também não daria, pois a universidade não tem expediente, restando apenas o dia 18 de novembro.

À vista disso, comuniquei minha orientadora, e ficou confirmada a realização dessa etapa no dia dezoito. Sendo assim, informei a participante, confirmando o sétimo passo; ou seja, a entrevista, que ficou marcada como evento de Extensão ligado ao Programa PROEXT-PG, por meio do Projeto de Podcast Vozes da Amazônia, que fez toda a cobertura daquela entrevista no auditório e se transformou em um acontecimento no dia 18 de novembro de 2024, às 14h30, no CED da UFAM.

Nesse sentido, nesta pesquisa, a entrevista é o principal instrumento de análise, além da fala/resposta da entrevistada, além de todo o contexto de interação e análise dos conteúdos já mapeados. A entrevista foi tomada como um evento discursivo, uma fala situada envolta numa trama de saber/poder, e a entrevistadora/pesquisadora e a entrevistada serão vistas como sujeitos culturalmente construídos e ligados a contextos específicos. Entendida dessa forma, a entrevista afasta a possibilidade de “fidedignidade, imparcialidade, exatidão e autenticidade” (Silveira, 2002, p.125) no processo de produção de conhecimento.

No dia da entrevista, cheguei mais cedo para me adequar ao local onde seria realizada essa etapa. A participante chegou à universidade às 13h, mas por engano, acabou desviando-se para o setor Norte da UFAM. Não foi um problema, pois a entrevista estava marcada para uma hora e meia depois. Assim, fiquei no aguardo.

Naquele momento, diante da responsabilidade com a pesquisa, com o Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGE-CIM), com os meus objetivos, diante da discrepância de representatividade das mulheres no campo científico, do meu compromisso afetivo com a construção desta pesquisa e com a história de vida da participante, me encontrei num emaranhado de emoções, onde a única certeza que eu tinha era estar realizando um sonho por uma causa importante para todas as mulheres e para o campo científico.

Alva Rosa Tukano esteve em eventos importantíssimos em prol da educação, foi entrevistada por pessoas altamente capacitadas intelectualmente no contexto da pesquisa científica. Seu nome e recortes da sua caminhada são encontrados em vários sites de comunicação. No evento da 41ª ANPED, foi ovacionada por todos os presentes, profissionais e pesquisadores de todas as áreas da educação e títulos.

O fato era que eu estava diante da primeira mulher indígena a obter o título de doutorado pela UFAM, uma mulher que, perante os desafios, enxerga as oportunidades e as faz o seu suporte para construir um caminho repleto de conquistas para ela e os povos indígenas. Em contrapartida, o sentimento de admiração e satisfação não me podia fazer perder o foco e seguir o plano traçado para a pesquisa.

Conforme apresenta Bosi (2004, p. 38) “Não basta simpatia (sentimento fácil) pelo objetivo da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes.”

Perante o exposto, segui a proposta metodológica do estudo, alinhado com a Alves e Silva (2022) “A narrativa do participante deve responder ao objetivo do estudo e mesmo que tenha a liberdade de falar livremente sobre aquilo que julga importante é necessário que se tenha a devida cautela para que não destoe completamente do tema do estudo e perca o sentido para a pesquisa”.

No entanto, minutos antes da professora chegar ao departamento, questionei por *WhatsApp* como ela gostaria de ser chamada. Portanto, a sua resposta foi 'Alva Rosa Tukano'. Assim, alcançamos o *oitavo passo* da investigação, a entrevista.

A professora Alva Rosa Tukano chegou ao CED às 13h59. Assim que li a mensagem, fui recebê-la ansiosamente. Ela entrou no setor esbanjando carisma e humildade, foi logo sorrindo e explicando o erro no percurso; disse não conhecer aquela área da UFAM. Cumprimentei-a com um aperto de mão e um leve abraço.

Em seguida, fomos em direção ao auditório, onde seria a entrevista. Apresentei-a à minha orientadora e ao professor Dr. Eduardo de Castro Gomes, com quem realizei meu estágio e que também é o integrante responsável pelo nosso Grupo de Pesquisa: Conexões e o coordenador do Projeto de *Podcast* Vozes da Amazônia. Ofereci um cafezinho, logo seguimos para a sala que havia sido reservada para esta ocasião.

No primeiro momento, após nos acomodarmos, a participante retornou a comentar sobre o fato de não ter todas as fotografias mais antigas solicitadas anteriormente, pois, em 2017 durante sua jornada de militância, alguém furtou seu HD, fica evidenciado sua indignação com esse ocorrido.

Num segundo momento, formalizei minha apresentação, descrevi de maneira clara a motivação e objetivos com a pesquisa, além de destacar a importância da sua contribuição para a história das mulheres na ciência, especialmente por ser uma mulher indígena do estado do Amazonas.

Assim como, considerando a relevância do estudo para a região Norte, pois abriga a maior concentração de povos originários do país, porém, esses povos continuam vulneráveis em todos os aspectos sociais, consequentemente afetando as mulheres indígenas, que são duplamente invisibilizadas no campo científico

Como mencionado previamente, a história de vida da participante se insere no universo epistemologicamente da Filosofia da Diferença. Portanto, apresentei uma breve contextualização sobre a filosofia, enfatizando a relevância de mapear a sua história, suas multiplicidades e singularidades a partir da diferença. ancorada no princípio de Rizoma de acordo com os conceitos dos autores Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995).

Todavia, a entrevista não poderia ser produzida num formato de roteiro estruturado ou linear, para Deleuze a memória consiste numa perspectiva cartográfica, não se externa como uma reparação de fatos, mas sim como um movimento em construção (Hur, 2013). Porém não implica falta de direção, tema ou objetivo.

Sendo assim, a entrevista foi construída a partir do plano da experiência que está intimamente ligado ao conceito de plano de imanência, uma noção fundamental da filosofia da diferença. No contexto deleuziano, a experiência não é algo que ocorre dentro de uma subjetividade fixa ou que se refere a uma realidade transcendente, mas sim algo que se desenrola em um campo de forças e intensidades em constante transformação.

Por conseguinte, foi traçado um diálogo, entre linhas entrelaçadas, baseado na produção dos conhecimentos adquiridos durante os movimentos do processo de estudo, considerando os objetivos da pesquisa, a experiência de vida da entrevistada e as informações fornecidas pela participante e de domínio público adquiridas na internet e, ainda, a expectativa do público assistente.

Nesse sentido, para orientar a produção da entrevista com a participante, foi considerado três termos constituído na coexistência das temporalidades: presente, passado e futuro, e o discurso previsto como acontecimento, que opera na inter-relação da participante com o campo transcendental. De acordo com Hur (2013, p. 185):

Consideramos que a memória é parte fundamental do campo transcendental e do agenciamento, pois é o que o povoa, é a coleção de fluxos dos planos temporais, do fluxo do sensível e do hábito e dos distintos estratos

constituídos; a memória constitui e estrutura a experiência dos atores sociais, dando às suas histórias sua conectividade e dinamicidade.

Conforme o pensador Hur (2013), “Para discutir a memória, é fundamental referir-se ao tempo”. No entanto, somos acostumados à ideia de tempo como uma sucessão de acontecimentos marcados de maneira linear, assim como um relógio comum marca as horas. Em contrapartida, a previsão de análise considera a temporalidade da participante como nos relógios de Dali, imprecisos, inconstantes e diferentes.

Sendo assim, a noção subjetiva do tempo explorada por Salvador Dali está relacionada a temporalidade e a memória, “estes relógios de Dalí possuem marcações distintas, pois os seus ponteiros estão derretidos e trazem uma noção distorcida dos segundos, na obra *A Persistência da Memória*¹¹ não é o tempo real, e sim o tempo do inconsciente” (Gomes, 2018).

Para Deleuze a ideia sobre o tempo estremece o senso comum ao compreendê-lo de maneira não linear, mas sim por “saltos, acelerações, rupturas e diminuições de velocidades” (Gualandi, 2003, p. 71).

Nesse sentido, a entrevista foi pensada na coexistência dos múltiplos e distintos planos temporais, comumente na interação entre pesquisador e pesquisada durante a entrevista, por via da diferença, entrecruzando-se a história de vida da participante com as questões fundamentais para a pesquisa, estas registradas pela participante. Contudo, ocorrendo a intervenção transitória em todos os passos do processo.

Deste modo, a realização da entrevista ocorreu no dia 18 de novembro de 2024, começando às 14h04 e durando 1h19. Para melhor compreensão do diálogo, as perguntas foram divididas em cinco partes: Etnicidade e Cultura; Trajetória acadêmica, profissional e pessoal; Política e Liderança; Empoderamento e visão de Futuro; Reflexão Filosófica.

Na parte 1, busquei compreender a história de vida da criança Alva Rosa Tukano em devir, seus movimentos e transformações, objetivando uma análise a partir de seu processo histórico de reterritorialização, inserido no contexto indígena, de acordo com os aspectos étnicos do povo Tukano. Para Deleuze e Guattari (2021, p. 96), “A lembrança tem sempre uma função de reterritorialização”.

¹¹ <https://coletivolirico.com.br/uma-analise-da-obra-a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>

No primeiro momento da parte 1, utilizei a pauta deste evento citado abaixo como fio condutor para mediar o diálogo. Diante disso, para a compreensão da realidade da criança indígena Alva Rosa Tukano, iniciei exprimindo os diferentes contextos das crianças indígenas, mas, neste instante, acabei não mencionando um. Diante disso, a participante iniciou a entrevista informando-o conforme segue:

Quando eu falo dos contextos de povos indígenas, né? Crianças, aí ainda coloco mais um, sempre tenho falado de quatro: A criança isolada, a criança de recente contato, as crianças que moram nas terras demarcadas e as crianças que moram nas cidades ou nas terras não demarcadas. Mas nem por isso deixa de ser indígena, né? Que o Estado brasileiro possa compreender também essa diferença (Alva Rosa Tukano).

A participante faz uma ressalva sobre a importância de reconhecer os municípios como cidade, desfocando a ideia de que os povos indígenas não vivem apenas em aldeias demarcadas ou não, mas também convivem nas cidades. Contudo, ela ressalta sobre a importância de compreendermos as cidades além das capitais:

Então, assim, nós somos seis vivos e acaba que acabei morando em São Gabriel da Cachoeira. Eu nunca deixei de ser indígena. Que é aí que eu falo: a criança indígena que mora na cidade, a cidade que é o município. Muitas vezes, a gente fala cidade, parece que pensa que só é a capital, né, Manaus, mas nós temos os municípios também (Alva Rosa Tukano).

Entretanto, com base nos recortes catalogados sobre a participante, o diálogo foi mapeado na perspectiva da sua infância fortalecendo aspectos culturais do povo Tukano, reconhecendo e respeitando suas rupturas e seus devires, seus traços de rostidade que transitam entre os agenciamentos da individualidade e a coletividade de seu povo; ou seja, abrangendo concepções cosmológicas e a cosmogonia.

Perante o exposto, para subsidiar a análise e o desenvolvimento do diálogo, foram recortados trechos das falas da participante nos respectivos documentos citados abaixo:

No artigo “Infâncias Indígenas e Interculturalidade no Alto Rio Negro”, as autoras contemplam alguns aspectos da infância indígena do Povo Tukano do Alto Rio Negro, o movimento de interculturalidade através da exogamia linguística, também retrata acerca dos cuidados com a criança antes mesmo do nascimento. No estudo as autoras ressaltam:

Tem início na concepção da criança, que demanda realização de benzimento dos pais, principalmente da mulher, porque se considera que é retirado o coração do peito da mulher, visto que ela passa a focar sua vida no futuro, no bebê, isto é, em um tempo que não está com ela, logo, é perigoso, e pode morrer (Vieira; Santos, 2022, p.12).

As autoras também descrevem acerca da importância da relação das crianças com a natureza, aprendizagem dos conhecimentos indígenas, saberes transdisciplinares inseridos na pedagogia indígena.

“Na infância também, com o processo de aprendizado sobre como cuidar da saúde das outras pessoas, para ajudar quando se fizer necessário, vão conhecendo as plantas medicinais, aprendendo a recepcionar bem as pessoas e entender que as pessoas têm as mesmas necessidades que elas, ou seja, sentem fome, dores, tristezas, alegrias” (Vieira, 2022, p.15).

Na entrevista à “Extensão em Revista”, via de comunicação promovida pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, a participante enfatiza sobre a relevância de conhecer a diferença da educação indígena e educação escolar indígena. De acordo com Vieira (2023, p. 12) “a educação indígena, é o conhecimento que se aprende com os nossos pais e dentro das comunidades; e educação escolar indígena é o que se aprende na escola, na universidade, entendeu?”

A professora complementa, explicando que a diferença na diversidade de povos deve ser reconhecida em todo o país; para isso, é preciso desconstruir a ideia universalizada de que os povos indígenas dispõem de características culturais homogeneizadas, em contrapartida, são povos com culturas diferentes.

“É justamente no sistema brasileiro que essa diversidade na educação precisa ser compreendida: nós, aqui no Amazonas, somos praticamente 100 povos indígenas que têm sua cultura e sua língua. Como eu, que sou do povo Tukano” (Vieira, 2023, p. 12).

No evento “4º Seminário Internacional – Infâncias e Pós-Colonialismo”, a participante expressa a importância de fazer a consulta da realidade das crianças para que se possa tomar medidas necessárias em prol da Educação Escolar Indígena, “Temos que conhecer o processo histórico de cada povo indígena, de cada indígena, cada criança indígena” (Vieira¹², 2024).

¹² Anotação da mesa redonda.

Na parte 2, a participante nos mostra, através dos dados coletados, uma caminhada composta por um fluxo de multiplicidades de linhas segmentárias que explodem em uma linha de fuga. Neste sentido, para mapear e compreender a sua história de vida, foi necessário relacionar suas vivências nas trajetórias acadêmica, profissional e pessoal.

Nessa pesquisa, me baseei em Deleuze e Guattari (2021, p. 33), que se apoiam em linhas de fuga que explodem os estratos, rompem as raízes e operam novas conexões. Essas linhas se conectam, se transformam e evoluem, mas também se rompem, formando um rizoma. De acordo com Deleuze e Guattari (2021, p. 32), “o rizoma opera sobre o desejo por impulsões exteriores e produtivas”.

Entretanto, somente no seio da diferença é possível compreender os passos da professora Alva Rosa Tukano e sua relação com o campo científico; pois a sua história de vida como mulher indígena não se justifica por nenhum modelo estrutural. Esta parte da entrevista também objetivou articular sua história de vida ao contexto desenvolvido na seção 1 sobre a participação das mulheres no campo científico e as principais causas que afastam as mulheres deste cenário, que aponta a maternidade e cuidados com a família os principais desafios.

Portanto, foi elaborado um diálogo mais amplo a partir do princípio do rizoma, promovendo o processo de desterritorialização da mulher indígena como potência; suas rupturas e novas conexões, as forças externas e produções desejantes, traçando as linhas que compõem o mapa — tudo está conectado. Nesse sentido, Alva Rosa Tukano tomada em segmentos de devir; como devir-minoritário.

Para auxiliar na análise e desenvolvimento do diálogo, foram selecionados fragmentos dos discursos da participante nos documentos mencionados a seguir:

Em sua tese, intitulada “Política dos Territórios Etnoeducacionais no Amazonas: Perspectiva para a efetivação da Educação Escolar Indígena”, a participante enuncia seu pai, Yepa Marsã, como seu principal conselheiro para que prosseguisse seus estudos. Humildemente, ele enxergou a educação como uma ponte de interação e oportunidade para que os povos originários e o poder institucional colonizador ocupassem espaços na sociedade, respeitando a cultura local.

Para ele, “[...] quem poderia mostrar esse desrespeito na cidade indígena, a não valorização da cultura, não seriam os não indígenas, mas os próprios indígenas a partir da escolarização” (Vieira, 2023, p. 15).

Em uma entrevista realizada para o canal “Museu Ciência e Vida”, via *YouTube*, com o tema ‘De frente com cientistas’, com Alva Rosa Lana Vieira, a participante relata as conjunturas em seu processo de desterritorialização nos âmbitos acadêmico, profissional e pessoal. Nesse momento, ela destaca a importância da visibilidade e valorização dos conhecimentos indígenas, de acordo com os princípios indígenas.

Entre suas falas, ela aponta que os povos indígenas enfrentam muitos desafios para adentrar no campo científico, pois o preconceito estrutural é muito presente nos tempos atuais, frisando a importância da militância e luta por políticas públicas para os povos indígenas visando um bem-estar para as próximas gerações.

Diante dos desafios, a participante externou: “O desafio maior é ser compreendida, pois, por ser mulher indígena, muitas vezes sofro preconceito. E, sou mãe, não é? E sou professora também. Então, na nossa vida acadêmica, tudo isso precisa ser conciliado” (Museu, Ciência e Vida, 2023).

Numa perspectiva coletiva, a participante potencializa sua fala ao ter vivenciado um rompimento de paradigma para os povos indígenas: “Estou aqui como doutora para mostrar que nós também podemos ser cientistas, pesquisadoras e formadas. Esse é o nosso objetivo coletivo, não é? E estou aqui não por orgulho, mas para mostrar que nós, indígenas, também somos capazes. Não é fácil, mas nós conseguimos chegar até aqui” (Museu, Ciência e Vida, 2023).

Vale ressaltar que este estudo analisa a importância da representatividade feminina, no sentido de promover a integração dos saberes das mulheres indígenas na construção do conhecimento científico, com foco nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Diante da realidade em que, estatisticamente, observa-se um crescimento considerável da participação feminina na área da matemática. Conforme aponta o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA):

As mulheres constituem cerca de 42% dos estudantes de graduação em matemática e cerca de 48% daqueles que terminaram o diploma. Quando se trata de estudos de pós-graduação, cerca de 27% dos graus são obtidos por mulheres. Além disso, cerca de 40% dos professores das universidades federais e estaduais são do sexo feminino (IMPA, 2018).

A pesquisadora possui uma forte relação com a matemática, tanto que, após o Ensino Médio, realizou um aperfeiçoamento em Matemática. Logo após, ampliou seus deveres no âmbito educacional a partir da formação em Licenciatura em Matemática, ocorrendo novas conexões para a produção científica. Nesse sentido, a professora

Tukano escreveu um artigo bem delineado juntamente com outros pesquisadores, desmembrando a importância da lógica no contexto da pesquisa científica. A referência do estudo consta no Quadro 2 – Produções acadêmicas.

Diante disso, a construção do diálogo para esse momento foi o mais longo e complexo. Diante das diversidades de linhas que articulam e movimentam suas linhas, foi traçado um plano de consistência. “O plano de consistência (grade) é o fora de todas as multiplicidades” (Deleuze; Guattari, 2021, p. 25). Por conseguinte, percorrendo suas trajetórias como professora, pesquisadora, militante, mulher indígena e mãe, mantendo-as em aberto.

Para Deleuze e Guattari (2021, p. 30) “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social”.

Na parte 3, no que se refere à política e à liderança, foi relevante conhecer um pouco sobre suas participações nos movimentos indígenas, suas contribuições como líder à frente da causa Educação Escolar Indígena. Conhecer suas estratégias na esfera política e quais realizações foram adquiridas em prol dos povos indígenas, ou seja, compreender como se percorre o processo de luta pela Política dos Territórios Etnoeducacionais.

Nesta perspectiva, para análise das informações e construção do diálogo, foi estudado seus projetos de Dissertação e Tese, como também assisti algumas entrevistas. Contudo, para estimular a participante, fiz recortes de algumas citações e alguns relatos, entre eles.

Ainda em sua tese, a participante discorre sobre uma das conquistas estratégicas visando o bem-estar dos povos indígenas: a criação dos territórios etnoeducacionais no Amazonas, juntamente com outros professores e lideranças indígenas. Conforme Vieira (2023, p. 17):

Em abril de 2010, assumimos a Gerência de Educação Escolar Indígena da SEDUC/AM. Um dos trabalhos marcantes foi a implantação dos territórios etnoeducacionais em todo o estado – TEE Rio Negro, TEE Baixo Amazonas, TEE Juruá/Purus, TEE Médio Solimões, TEE Vale do Javari, TEE Alto Solimões e TEE Yanomami e Ye'kuana (Amazonas e Roraima).

Por conseguinte, outra perspectiva bastante importante para esta pesquisa e para a participante, é o seu reconhecimento como mulher indígena em articulação

com os contextos sociais majoritários. Portanto, pretendeu-se compreender o processo de abordagem da participante com os povos das comunidades e com as esferas educacionais, sociais e políticas.

Pois, nesse percurso de coleta de dados e acompanhamento de seus passos, é notória sua participação ativa dentro das comunidades, ouvindo os parentes e realizando consultas para estabelecer a política da Educação Escolar Indígena de acordo com a realidade de cada povo. Sendo assim, a construção do diálogo se consolida numa expectativa mais atual e abrangente, com ênfase na efetivação das suas conquistas.

Nesse contexto, avançavam as reivindicações por uma educação escolar indígena de fato, que reconhecesse os conhecimentos tradicionais dialogados com outros conhecimentos, com a gestão, não sendo necessário interlocutores, mas um diálogo horizontal com os responsáveis da política e os indígenas (Vieira, 2023, p. 33).

Na parte 4, o percurso da pesquisa foi redirecionado ao conectar recortes da história de vida de algumas mulheres, relatados na Seção 1, visando o empoderamento das mulheres em contextos da atualidade. Nesta perspectiva, a construção do diálogo objetiva dar voz aos pensamentos da participante como uma mulher empoderada, inserida em suas ações como líder e militante indígena, mulher indígena, mãe, pesquisadora, professora indígena de matemática. Portanto, compreender quais o significado de empoderamento feminino na sua perspectiva, no contexto de sua comunidade, assim como seus desejos para o futuro para as mulheres indígenas.

Na parte 5, configura-se a alma da pesquisa. Compreende-se o percurso registrado pela participante, baseado na filosofia da diferença. Para esse momento, informei à participante que enviaria, via e-mail, um breve contexto acerca da filosofia, para que, posteriormente, ela pudesse relacioná-lo às perspectivas dos povos indígenas e compartilhar seus pensamentos sobre essa conexão.

Finalizamos a entrevista, agradei a sua gigantesca contribuição com a sua história de vida, ressaltando a importância da sua participação para as mulheres indígenas e não indígenas, para o campo científico e para os povos originários.

Posteriormente, fomos ao auditório para fazermos alguns registros fotográficos. A imagem escolhida abaixo contempla, à esquerda, a participante; atrás, o slogan do local da entrevista: o CED; e, à direita, a pesquisadora e o banner produzido por ela.

Figura 6 – Entrevista com Alva Rosa Tukano



Fonte: Compilação da autora

No Quadro 7 logo abaixo, apresentamos uma síntese da entrevista realizada.

Quadro 7 – Entrevista com a Alva Rosa Tukano

Parte 1: Etnicidade e Cultura
<u>“Temos que conhecer o processo histórico de cada povo indígena, de cada indígena, cada criança indígena” (Vieira, UEA, 2024).</u> • Você poderia nos contar como foi o processo histórico da criança indígena Alva Rosa Tukano? Sua etnia, origem, moradia, sua relação com seus pais, irmãos e comunidade. • A questão de gênero, de acordo com a sua cultura: quanto a divisão de trabalho, cuidados com os filhos, o procedimento da pedagogia indígena, a relação com a natureza, de que forma a ciência se faz presente na comunidade?

Parte 2: Trajetória acadêmica, profissional e pessoal

“Minhas origens e minha história de vida pessoal e profissional revelam o comprometimento em defesa de uma Educação Escolar Indígena de qualidade para os povos indígenas” (Vieira, 2017, p. 17)

- Fale um pouco da sua experiência na educação básica, as dificuldades, os desafios, os anseios, as lembranças que marcaram a criança e jovem indígena estudante Alva Rosa Tukano, sua relação com os professores, colegas e disciplinas.
- Como surgiu a conexão com a matemática? Por que ser professora? Por que Licenciatura em Matemática?
- Conte como foi a experiência da mulher indígena Alva Rosa Tukano na caminhada da vida acadêmica, desde a graduação até o Doutorado, seu devir-pesquisadora em articulação com a trajetória profissional.
- Você vivenciou preconceito estrutural ou de gênero? Se sim, de que forma se sentiu afetada? Seja psicologicamente, emocionalmente ou fisicamente, e como se colocou como resistência diante do ocorrido?
- Quais as forças externas que a motivaram a continuar no universo acadêmico, potencializando seu espírito de liderança e o desejo de desterritorializar e lutar pela Educação Escolar Indígena?
- Como lidou com o desdobramento de função: como mãe, professora indígena, professora de matemática, pesquisadora e militante indígena na longa jornada?

Parte 3: Política e Liderança

- Poderia compartilhar alguns projetos significativos e que impactaram positivamente para a Educação Escolar Indígena? E quais os desafios enfrentados, suas inquietações como indígena e mulher indígena e conquistas?
- Poderia relatar como procede essa abordagem, a articulação do seu papel como mulher líder e militante indígena junto com outros líderes diante dos diferentes povos indígenas?

Parte 4: Empoderamento e visão de futuro

- Empoderamento Feminino: O que "empoderamento" significa para você no contexto da sua comunidade e cultura? (os desafios)
- E quais são suas maiores aspirações para o futuro de sua comunidade, especialmente para as mulheres indígenas?

Parte 5: Reflexão Filosófica

“A sociedade não consegue enxergar a riqueza que os povos indígenas são, são pessoas diferentes, diferentes culturas, com memória coletiva e especificidade de cada grupo. Ser indígena é ser diferente!” (Vieira, 2022 p. 16)

- Influências Filosóficas: Existem elementos na cultura Tukano que dialogam com a ideia de "diferença" que corresponde positivamente na filosofia que estudamos no ocidente?
- Filosofia da Diferença: Em que aspectos a Filosofia da diferença poderia contribuir para uma maior compreensão e valorização das culturas indígenas no Brasil?

Fonte: Compilação da autora.

O *nono* passo configura a transcrição da entrevista. Esse momento é muito importante para a pesquisa, pois exige bastante atenção quanto ao discurso. Portanto, como investigadora, inicialmente transcrevi conforme a fala da participante, respeitando de forma não representativa, ou seja, uma mulher indígena e registrando sua história de vida de acordo com a linguagem imposta pela sociedade eurocêntrica.

Contudo, compreendendo que a forma de expressão e o conteúdo são corpos constituídos por naturezas distintas. Para os autores Deleuze e Guattari (2022, p. 28) isso ocorre justamente porque o conteúdo possui sua forma, tal como a expressão, é inadmissível atribuir à forma da expressão a mera função de representar, descrever ou atestar um conteúdo correspondente: não existe correspondência nem conformidade.

Nesse sentido, a participante esclarece que, entre os desafios no campo científico, estava a forma de comunicação dos povos indígenas, que se baseia na oralidade, conforme a participante (Museu, Ciência e Vida¹³, 2023). Como o povo indígena se expressa oralmente, a vida acadêmica, que exige a escrita, representou um grande desafio. O maior desafio, para mim, foi a escrita: como colocar toda a minha tese? Outro fator que dificultou bastante a escrita foi a sua formação acadêmica na graduação, conforme Vieira (2023, p. 25):

Os desafios para a pesquisadora foram muitos na longa caminhada, tivemos que nos esforçar em vários aspectos para apresentação do trabalho, como professora de matemática, muito prática e objetiva, mas, como pesquisadora em educação, tivemos que aprofundar em alguns conceitos para realização da pesquisa.

No entanto, é importante compreender que a linguagem é marcada pela rostidade, traçado pelas fronteiras que agenciam sua desterritorialização, em conformidade com Deleuze e Guattari (2022, p. 36):

Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes.

Sendo assim, a análise se faz presente perante os acontecimentos que coexistem no heterogêneo, na mistura desses corpos, quando exprimem transformações incorpóreas. Para os autores, a linguagem é um mapa e não um decalque (2022, p.14).

Entretanto, algumas edições foram produzidas, porém com bastante cautela para não distorcer o sentido do relato da participante. Isto porque no método história de vida é possível fazer algumas edições para melhor compreensão da escrita e da leitura, conforme pontua Alves e Silva (2021).

No método História de Vida, a edição entende-se como as correções ortográficas para a escrita, além de contextualizações que podem incluir fragmentos do discurso do participante. Além disso, busca-se reorganizar tudo o que foi dito para manter uma sequência e continuidade que, frequentemente, se perde na linguagem

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=rZm5rRLBle8&t=1048s>

oral (Alves; Silva, 2021). Deste modo, foi um passo demorado, perdurando alguns dias de repetição, ouvindo, corrigindo e transcrevendo.

Para a realização do registro completo da transcrição, foi utilizado o aplicativo *Transkriptor*, versão gratuita, via celular. A entrevista estava armazenada no notebook; assim, as audições eram feitas através do aplicativo no aparelho celular, o que implicou no tempo de construção, pois a versão gratuita permite apenas alguns minutos de gravação.

Em contrapartida, o áudio estava fácil de compreender. A participante domina uma fala potente e palavras claras, contribuindo positivamente para a transcrição. Após ouvir várias vezes para retificar o que havia sido transcrito, foi realizada uma leve correção. Posteriormente, o relato foi organizado de acordo com as divisões das partes da entrevista especificadas anteriormente. Mas não se conjura na entrevista relatos estruturados; são linhas que variam, se transformam e compõem o mapa.

Por conseguinte, em janeiro de 2025, entrei em contato com a participante via WhatsApp, solicitando que se lê-se, corrigisse ou complementasse se lembrasse de algum acontecimento relevante com seus propósitos e com a pesquisa, contribuindo de forma positiva para a sua história de vida. Para isso enviei via e-mail a transcrição da sua História de Vida.

Mas, devido aos movimentos constantes da participante, o retorno sobre essa solicitação demorou um pouco. Após alguns dias, a participante retornou a mensagem, no início de fevereiro, com a seguinte colocação:

Oi, Paula, eu realmente não vi. Desculpa. E ainda tô no corre-corre que assim que terminou o evento, eu tive que viajar para Brasília, voltei ontem, e tô viajando amanhã pra Rio Branco. Eu vou verificar mais tarde à noite, direitinho, ta bom? Que eu estou organizando, pois eu vou dar aula de Licenciatura Intercultural, também não consegui planejar, mas aí eu já vejo para você, ta bom? Só tenho hoje à noite e amanhã, fica meu prazo até amanhã pode ser? Me cobra à tarde, ou melhor, me envia uma mensagem 10h para que eu possa olhar no voo, caso eu não consiga ver hoje à noite, que é o tempo que tô chegando lá (Alva Rosa Tukano).

Dessa forma, após essa mensagem acima, passou-se mais alguns dias, justamente por causa das suas atividades. Entretanto, a participante sempre respondia minhas mensagens justificando a falta de retorno, mas sempre muito educada e disposta a continuar com suas contribuições.

No início de fevereiro, recebi as respostas a todas as solicitações via e-mail; ou seja, seus pensamentos que relacionavam sua trajetória e seu posicionamento sobre

o significado de empoderamento feminino, assim como a reflexão filosófica, em um contexto voltado para os povos indígenas, principalmente para as mulheres. Diante das informações fornecidas, seus pensamentos foram inseridos na seção 5, ao final da história de vida narrada por ela.

Da mesma forma, obtive retorno quanto à transcrição. A participante melhorou o texto e completou algumas informações, mas acredito que, devido a uma falha minha como pesquisadora, não ficou claro que a história seria transcrita e inserida na pesquisa. Porém, ela não reagiu de maneira negativa; apenas solicitou que eu melhorasse a escrita para que não ficasse igualmente a fala. Contudo, ela mesma fez alguns ajustes e pediu para que eu concluísse, e assim o fiz.

Para relacionar-se ao registro da participante e dar seguimento ao décimo passo da construção de sua história de vida, descreverei uma breve biografia, traçando algumas conexões: pessoal, acadêmica e profissional.

Figura 7 – Marcha Povos Indígenas em Brasília (2023)



Fonte: imagem catalogada via Instagram¹⁴

Alva Rosa Lana Vieira, denominada Yepário (seu nome indígena), mais conhecida como Alva Rosa Tukano, em referência ao seu povo, o qual foi a base de suas constantes lutas. Nasceu em 3 de dezembro de 1974, em um afluente do rio

14

https://www.instagram.com/reel/C0jibypu_Hj/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=MzRIO DBiNWFIZA==

Negro, o rio Uaupés, na vila de Santa Maria no distrito de Iauaretê – terra indígena do rio Negro/São Gabriel da Cachoeira, localizado no noroeste do estado do Amazonas, na fronteira entre Brasil e Colômbia. Limita-se aos municípios de Japurá e Santa Isabel do Rio Negro. Mulher indígena da etnia Tukano, sua linhagem patrilinear pertence ao tronco linguístico Tukano Oriental.

Filha mais velha de Jaime Moreira Vieira e Elisa Lana Vieira, cujos pais se esforçaram laboriosamente para criar seus sete filhos e convivem com a dor da perda de um deles. Mãe de Chrys Luanna e Ágatha Jully, que, ao lado do pai Alfredo Tadeu, não pouparam esforços para educá-las da maneira mais adequada, com muito carinho, harmonia e respeito, e, sobretudo, com muito amor. Sempre fortalecendo a cultura do seu povo e transmitindo os conhecimentos indígenas.

Formada em Licenciatura em Matemática, lecionou por 15 anos, em tempos distintos, nas escolas Escola Estadual Dom João Marchesi e Colégio São Gabriel, em São Gabriel da Cachoeira. Traçou uma linha de fuga, iniciando em 2015 o mestrado profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública e concluindo-o em 2017. Sua dissertação obteve o título: “Território Etnoeducacional do Rio Negro: Significações de uma Política Pública”. Logo em seguida, associou sua linha de pesquisa ao doutorado. Desse modo, em 2023, concluiu o doutorado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com tese intitulada: “Política dos Territórios Etnoeducacionais no Amazonas: Perspectiva para a Efetivação da Educação Escolar Indígena”.

Atualmente, ministra aulas de Licenciatura Intercultural em Boca do Acre. Comumente, é também presidente do Fórum de Educação Escolar e Saúde Indígena do Amazonas. Como mulher indígena, representa e faz parte da Rede das Mulheres Indígenas Makira E'ta¹⁵. Como estudante indígena, também faz parte do movimento estudantil indígena do Amazonas. Como militante do movimento indígena, faz parte também da Articulação das Organizações e Povos Indígenas do Amazonas (APIAM)¹⁶. Como militante da educação escolar indígena, participa da COIAB¹⁷. Seu legado consiste na luta pela qualidade da educação escolar indígena a partir da diferença entre os povos.

¹⁵ <https://www.makiraeta.com/>

¹⁶ <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/articulacao-das-organizacoes-e-povos-indigenas-do-amazonas-apiam/>

¹⁷ <https://coiab.org.br/>

O *décimo primeiro passo* refere-se à análise da narrativa que será contemplada na seção 6. Nessa perspectiva, exteriorizar a história de vida da participante, explorada e amparada à luz da filosofia da diferença, transitando entre os princípios do rizoma conceitos construídos por Félix Guattari e Gilles Deleuze em sua obra “Mil Platôs”, em desdobramento com outras obras e outros representantes do pós-estruturalismo.

De outro modo, seu discurso e a escrita correspondem à construção de agenciamentos que traçam linhas que cruzam com a proposta do estudo, são acontecimentos em devir. “É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (Deleuze, 1997, p. 11). Para Deleuze e Guattari (2021, p. 48) Escrever é fazer rizoma, “... o rizoma é aliança, unicamente aliança (Deleuze; Guattari, 2021, p. 44, v. 1).

5. A HISTÓRIA DE VIDA DE ALVA ROSA TUKANO

5.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DA CRIANÇA INDÍGENA EM DEVIR

..."uma" criança coexiste conosco, numa zona de vizinhança ou num bloco de devir, numa linha de desterritorialização que nos arrasta a ambos — contrariamente à criança que fomos, da qual nos lembramos ou que fantasmamos, a criança molar da qual o adulto é o futuro". (Deleuze; Guattari, 2021, p. 92)

Eu fui uma criança que nasci na terra demarcada, Terra Indígena (T.I) no Alto Rio Negro, nasci na vila de Santa Maria no Distrito de Iauaretê, fronteira entre Brasil e Colômbia. Na grande aldeia que chamamos de Distrito pelo fato de a igreja terem chegado e o próprio exército que influenciou nos nomes daquela região. Eles chegaram e começaram a colocar nomes das vilas, que você pode observar que são nomes de santos, até hoje. Nas aldeias maiores, eles chamaram como distritos, entendeu? Então, o distrito em que eu nasci é uma aldeia grande. É a maior de todos do Alto Rio Negro, que se chama, Iauaretê. Eu nasci lá.

Com a chegada da Igreja, foram implantadas escolas, nas quais meu pai estudou marcenaria; logo após, meu pai acabou se especializando como carpinteiro. Na época também, o Exército estava começando a construir os quartéis e começou a contratar alguns civis. Como meu pai era carpinteiro, e eles precisavam de carpinteiros para construir os quartéis, ele foi contratado pelo Exército para construir as casas de madeira nos pelotões.

São Gabriel da Cachoeira é um município de fronteira, então tem pelotões. Inclusive, eles estavam se organizando, construindo o próprio município de São Gabriel da Cachoeira. Foi quando eles convidam meu pai para trabalhar. Assim, ele viajou para São Gabriel da Cachoeira para trabalhar.

Enquanto isso, minha mãe me esperou nascer. E depois de um ano que eu nasci, minha mãe teve que ir atrás do meu pai até a cidade. Então, é o tempo em que eu saio da terra indígena demarcada e vou para a cidade. Aí vem o contexto da criança que mora na cidade, está entendendo? Daí então comecei a estudar, na Escola

Salesiana que existe, até hoje, em São Gabriel da Cachoeira. Nesta escola salesiana, estudei toda a minha educação básica.¹⁸

Durante as férias escolares, sempre visitava minha família em Iauaretê. Meus avós maternos (hoje já não estão vivos), meus tios e primos ainda vivem lá. Toda a minha família, materna e paterna, mora lá. Então, sempre que podíamos viajar, estávamos em Iauaretê. Sou a mais velha de sete filhos dos meus pais. Infelizmente, perdemos um, então somos seis irmãos vivos hoje. Sou a filha mais velha.

Todos esses anos, morei na cidade de São Gabriel da Cachoeira, porém, nunca deixei de ser indígena. Portanto, é o que sempre falo quanto à criança indígena que mora na cidade, seja no município ou na capital. Muitas vezes, quando falamos 'cidade', parece que nos referimos apenas à capital, Manaus, mas não, o termo 'cidade' se refere também aos municípios. Então, nasci em Iauaretê, mas cresci e fiz toda a educação básica na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Então, rememorar essa história me faz lembrar de tudo: quando meus avós maternos ainda eram vivos, a gente sempre estava lá por causa da minha mãe. Minha mãe ia visitá-los e passávamos as férias todas lá. Íamos tomar banho naquele rio, na vila de Santa Maria (localizada do outro lado do rio), onde eu nasci, que faz parte de Iauaretê. Lembro da ilha bem no meio do rio; ela é coberta de pedras e árvores. A gente brincava e nadava. Na vila, há um campo grande, do lado de trás, onde brincávamos com todos os primos. Lembro da revolta das gaivotas querendo nos bicar, corríamos tanto fugindo delas e pulávamos no rio. Entendeu? Então, nós estudávamos, mas sempre esperando pelas outras férias para voltar novamente. Então, isso tudo!

¹⁸ Portanto, esse processo de articulação do devir-mulher indígena a uma educação outra se expressa como um experimento duplamente paralelo em que seu devir-criança se desdobra em direção à alteridade de ambos: os ensinamentos de seu povo e o ensino eurocêntrico, fazendo rizoma. Sendo assim, diante da coexistência dos distintos contextos, ela foi tomada por um devir-outro, afetando e produzindo novos sentidos a suas experiências vivíveis, a partir do campo educacional, atravessando novas possibilidades de resistência e descolonização, operando como aliança em todos os estágios de sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

Figura 8 – Distrito de Iauaretê- T.I Alto Rio Negro



Fonte: Imagem fornecida pela participante em 2024.

Quando eu me formo no ensino médio profissionalizante, magistério, vou ser professora. Faço um curso adicional, que na época existia, porém o curso era ofertado apenas em Manaus, no CEPAM da SEDUC. Então, viajei para fazer o curso e quando eu retorno para minha cidade, sou contratada, e vou dar aula de matemática, vou ser professora. De fato, gosto de matemática e logo, faço a Licenciatura em Matemática, no projeto ofertado pela Ufam para o interior, na região do Rio Negro, não houve em São Gabriel da Cachoeira, apenas no município de Barcelos.

Contudo, aos quatro anos, nesse período, já era mãe da minha primeira filha. Também concorri ao pleito municipal e acabei sendo vereadora. Sem experiência e muito jovem (25 anos), trabalhei um pouco de tudo, lutando pelo meu povo. Depois do término do mandato, não quis me reeleger por conta da minha família. Nisso, sempre tive o sonho de fazer mestrado; nem pensava em doutorado. Como o curso não era ofertado em São Gabriel da Cachoeira, apenas em Manaus, viajei para lá em 2005.

5.2 QUESTÕES DE GÊNERO DE ACORDO COM A CULTURA TUKANO

Na cultura indígena, geralmente, o homem é aquele que vai atrás de caça, ele que derruba e queima roça. Já a mulher, ela vai plantar a roça e tudo mais, e dentro, lógico, da responsabilidade da mulher, fica os cuidados com os filhos, e dentro dessa responsabilidade da mulher com os filhos, tem os próprios irmãos.

Figura 9 – Alva Rosa Tukano, seus pais e irmãos



Fonte: Imagem fornecida pela participante em 2025.

Por exemplo, eu mesma: meu pai trabalhava fora. Minha mãe cuidava da roça, fazia farinha e beiju, e eu cuidava dos meus irmãos. Estava sempre com eles. Ela me ensinava todos os cuidados: “Olha, tal hora você dá isso, você dá banho, você deixa sua irmãzinha dormir. Então, você cuida deles, que eu vou para a roça; quando eu voltar, teremos comida para fazer e comer juntos”. Enfim, para mim era normal. Hoje em dia, isso seria considerado trabalho infantil, mas, na época, para mim, era um conhecimento que aprendi.

Figura 10 – Alva Rosa Tukano e seus pais Jaime Vieira e Elisa Vieira



Fonte: Imagem fornecida pela participante em 2025

Atualmente essa cultura continua, tanto é que nas comunidades, nas terras demarcadas ou onde vivem os povos indígenas, mesmo nas terras não demarcadas, a criança acompanha os pais o tempo todo, entendeu? Por isso a importância de fazer a consulta prévia à educação infantil, pois muita gente nessa idade não quer estar na escola. Agora mesmo, estou chegando da viagem de uma reunião na região do Juruá, fui para as aldeias, a maioria das crianças e adolescentes estavam acompanhando seus pais.

A reunião do Encontro, era uma consulta de políticas públicas e estava lá várias crianças e adolescentes, que acompanharam os pais. Eu, sendo indígena, acabava por chamar as crianças para que também ouvissem. Porque é assim que a gente começa a entender. Eu até dizia a eles: “Foi assim que, várias vezes, eu também aprendi, ficando sentada ouvindo. Não entendia, mas, com o tempo, comecei a compreender, sempre participando”. E isso é muito forte ainda hoje. Por mais que a tecnologia tenha atrapalhado bastante, isso continua.

5.3 EDUCAÇÃO BÁSICA E SUA RELAÇÃO COM A MATEMÁTICA

A formação na educação básica foi toda em São Gabriel da Cachoeira. Então, para você entender essa aproximação com a matemática, é muito importante e engraçada. Eu me lembro muito bem: eu era uma boa aluna, pelo jeito; hoje, avaliando, eu era uma boa aluna. Gostava de fazer e apresentar trabalhos. Porém, nesse período eu não gostava de matemática, mas não era por causa da disciplina, acho que era por causa do professor.

Só comecei a gostar de matemática a partir da sétima série (antigamente, o que hoje corresponde à oitavo ano). Mas por quê? Porque vi uma mulher professora explicando de uma forma tão fácil que eu nunca tinha entendido. Porque, na minha cabeça, eu não conseguia entender matemática, por isso não gostava de matemática. E a partir do sétimo ano, mudou, comecei a entender o assunto. Pronto! A partir daí, só tirava nota boa em matemática; de repente eu gostei de matemática.

Eu me lembro muito bem disso com os colegas; quando a gente fazia trabalhos. Contudo, terminei o Ensino Médio, minhas notas foram muito boas em Matemática. Antes, eu vivia de recuperação, antigamente, havia recuperação. Eu ficava só em Matemática na quinta e sexta série (5º e 6º ano hoje) porque não gostava, não entendia. Mas depois que eu compreendi que era o método do professor “meio que assim”, e o jeito dele, que quando perguntávamos, ele não explicava direito e tudo mais. Depois mudou essa realidade, tanto é que sou professora de Matemática.

Na minha graduação toda também eu não tive dificuldade, gosto muito de matemática. Eu só não consegui fazer o mestrado e doutorado em matemática, por conta do trabalho, assumi gestão e mudou meu foco de pesquisa. No tempo da vivência escolar durante a educação básica, eu lembro dos trabalhos que fazíamos, eu não era amante do esporte físico, sempre fui dedicada nos esportes que trabalhavam com a mente, como dama, dominó, baralho e outros. Pela análise que eu faço hoje.

Durante o período escolar, nós estudávamos de manhã. Lembro que o meu irmão mais velho nos cuidava antes de irmos para a escola, amarrava meu cabelo e pedia para vermos nossas fardas e congas escolares estavam limpas. Eu tenho essas lembranças carinhosas. Meu período escolar foi um período de vida muito simples,

minha educação básica foi na cidade, então a gente tinha uma vida muito básica em todos os aspectos.

Falo para minhas filhas que nem pão a gente tinha para tomar café. Que a gente só tomava café preto e mingau que minha mãe fazia. “Hoje não, vocês estragam, mas a gente na época, não tinha, nós éramos seis filhos”. O que meu pai fazia? Meu pai guardava pão, do seu café que tomava no quartel, onde trabalhava, e trazia no final da tarde. Então, a gente esperava aquele pãozinho dele. Tudo isso me faz lembrar que era por isso que eu tinha que estudar e dar alegria aos meus pais, porque eles se esforçavam muito para nos criar e manter na escola.

Guardo essas lembranças da minha vida na educação básica, eu estudava muito, sempre fui uma boa aluna. Eu estudava no colégio das freiras e elas sempre chamavam, participava do oratório. No fim de semana, quando não íamos ao sítio, participávamos do oratório na igreja. Fazíamos parte da turma da cruzada na adolescência, algo como os coroinhas da igreja. Como era a escola das freiras, tínhamos muita ligação com a Igreja Católica na época.

Então, sempre participei bastante desses momentos na escola, nesse período. Agora, eu nunca fui da Pastoral da Juventude, que estava iniciando ainda, eu acredito que começou no final, quando eu já estava terminando o meu ensino médio.

Com falei anteriormente, não avancei no mestrado por causa da gestão. Por exemplo, gosto de dar aula de matemática, no entanto, hoje, para eu poder dar aula no ensino médio, o que eu tenho que fazer? Tenho que me preparar. Não tive como dar aula, acabei ocupando cargos, entrando em outro foco, nas políticas públicas. Mas ainda tenho muito interesse. Hoje, penso em fazer mestrado em matemática, ou faço graduação em pedagogia. Meu interesse é fazer concurso no Ensino Superior, daí a inquietação. Gosto muito de matemática!

5.4 O CONHECIMENTO INDÍGENA DA CULTURA TUKANO

A minha vida toda eu pratico a cultura do meu povo. Por exemplo, o benzimento: praticamente todos nós somos benzidos pelos pajés, que são os benzedores. Inclusive, quando nasci, minha mãe fala que o pajé que me benzeu disse: “Ela está bem benzida! Essa bichinha vai ser forte e vai mudar tudo!”. Hoje eu entendo!

Para passar por tudo o que já passei, realmente! Eu falei assim: “Mãe, eu fui bem benzida! Ela disse: E quem te benzeu nem foi do seu povo! Foi um pajé Tuyuka¹⁹”.

Eu também sou neta de benzedor, de pajé, que o pai do meu pai era pajé, ou seja, ele benzia. Então, quando a gente precisava, quando se estava doente, ele sempre estava em casa benzendo. Sendo assim, a presença era contínua do meu avô que benzia. Lógico, com isso a gente foi conhecendo mais, porque qualquer doença que nós tínhamos, tínhamos que ter o benzedor. Por exemplo, na sua primeira menstruação.

Assim como meus avós, minha tia chegou recentemente e conversou muito comigo sobre a menstruação: “Nós, mulheres, quando menstruamos, somos vulneráveis. Você precisa se cuidar, usar ervas e essas plantas quando sair para proteção. Você é uma mulher que sai bastante, então está sempre em contato com pessoas diferentes. E esse contato, hoje em dia, também faz mal. Muitas vezes você não sente dor de cabeça? É justamente por estar nesse contexto que você precisa se cuidar”. Então essa cultura de proteção, é muito forte na minha família até hoje.

Portanto, sigo essa proteção com minhas filhas – tenho duas: uma nasceu em São Gabriel da Cachoeira e a outra em Manaus. Mas sigo a cultura do benzimento. Ou seja, estão todas benzidas. Porque há vários fatores na natureza que podem te ajudar ou prejudicar, isso é bem claro na nossa vida.

Outro exemplo, quando eu fui assaltada em Manaus. Chamei o pajé para ele dar uma benzida. Ele benzeu e falou assim: “Alva Rosa, eu vou benzer, aos olhos da cidade, a sua casa será invisível. Ela não vai ser vista por ladrões”. Depois da minha separação, fomos vender a casa, a gente não conseguia vender. Então me lembrei: sabe o que foi, o benzimento do pajé, eu tive que mandar desfazer o benzimento novamente.

Portanto, chamei novamente o pajé e Ele desfez o benzimento para nós podermos vender a casa, e depois vendemos a casa. Isto porque aos olhos das pessoas a casa ficou invisível. Então, por mais que eu a divulgasse, ninguém a via. Dessa forma, isso ainda é muito forte hoje. Então, eu sigo essa minha cultura, até na forma do costume alimentar. Da mesma maneira, minhas filhas.

Eu só comecei a pensar, a refletir sobre a cultura viva que mantinha na minha casa, atualmente, por causa de uma colega que chegou do interior que me falou. Ela

¹⁹ <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tuyuka>

observou toda rotina da minha casa, e antes de ir embora, ela disse: “Você mantém muito sua cultura, não é?” Eu: “Por quê?” Ela falou: “a comida, a tradição toda que você mantém”. Ou seja, isso para mim nunca foi anormal, era rotineira, faz parte do meu dia a dia e eu não percebo, mas ela percebeu. Nesse sentido mantenho, porque é a minha vida, parte dos ensinamentos dos meus pais. Meus pais ainda estão vivos. Então, isso é forte na família toda.

Esses conhecimentos referem-se ao conhecimento indígena e tem resultado. Na minha palestra na abertura do evento da ANPED, na UFAM, eu falei do resultado com a cura do acidente que aconteceu com minha filha, eu filmei para mostrar uma parte, mas a árvore, não queria que mostrasse, então não achei o vídeo filmado. Aquilo tinha um grande significado, depois que passou o evento, encontrei o vídeo. Diante disso, entendi que a árvore não queria que mostrasse o vídeo, o processo da cura²⁰.

Com esse vídeo, queria chamar a atenção para o fato de que esse conhecimento indígena, na área da saúde, não é reconhecido atualmente pela universidade. Portanto, é uma grande luta. Da mesma forma, ocorre com as sabedorias indígenas dos pajés. Como comprovar a veracidade disso para as instituições científicas? Nunca! Mas são sabedorias, são rezas que realmente dão resultado, em que acreditamos.

5.5 A EDUCAÇÃO INDÍGENA E PEDAGOGIA INDÍGENA DO POVO TUKANO

Assim, o que é uma educação escolar indígena? Eu vou falar do meu jeito Tukano. Precisamos entender que antes da constituição federal, o estado brasileiro queria integrar a sociedade indígena como brasileiro, deixando para traz toda sua cultura, esse era a meta do país. Após a constituinte, os indígenas conquistaram seu direito de manter sua organização própria. Com isso, inicia a luta por educação escolar

²⁰ As falas da participante nos mostram sua intensa relação de afeto com a natureza, se deixando percorrer pela perspectiva de existência e ponto de vida da árvore, construindo um devir. Dessa forma, desequilibrando mais uma vez conceitos duais do pensamento ocidental que estratifica cultura-natureza, assim como verdadeiro-falso, homem-mulher, sujeito-objeto, selvagem-civilizado, passado-futuro (Wunder, 2019). De acordo com Coccia (2018, p.11) É por isso que, para observar o mundo, não precisamos de um ponto de vista, e sim de um ponto de vida: o universo vive, ele é, em toda escala, um produto do vivente, e é somente ao vivê-lo que se poderá explicá-lo, não o inverso. A vida tende a devir mundo para si mesma e para os outros: todo vivente é ao mesmo tempo origem de seu mundo e mundo de um outro vivente.

indígena. Porque a educação indígena nós já trazíamos da família. Então vem a luta pelo currículo próprio, que de qualquer forma é a educação escolar indígena.

Nesse sentido, nas séries iniciais, você tem como trabalhar bastante a cultura, a pedagogia própria, mas a partir do momento que está no ensino fundamental II, é necessário refletir bem na construção do seu currículo, para que estamos preparando os estudantes indígenas. Daí a discussão de uma educação escolar intercultural, ou seja, que prepare esses estudantes indígenas para estudarem onde eles quiserem.

Por exemplo, hoje temos muitos indígenas estudando em várias universidades brasileiras. Então, precisamos preparar essa criança para estudar tanto dentro quanto fora da aldeia. Então, a partir do sexto ano, sétimo ano, é necessário realmente dar essas outras disciplinas, porque eles vão ter que conhecer, da mesma forma o ensino médio voltado ao que eles querem realmente, por isso que é necessário fazer a consulta, justamente para saber para que estão formando os estudantes indígenas.

Então, sabemos que tem alunos que nunca irão sair da aldeia, mas como tem muitos jovens que irão sair da aldeia e que eles querem estudar. Diante disso, a importância da Educação Escolar Indígena Intercultural. Para o meu povo Tukano, é uma Educação Escolar Indígena Intercultural, que trabalham e atualmente, vemos muitos jovens estudando fora da aldeia e estado em busca dos seus sonhos.

Então, é muito importante na construção do currículo da sua escola, trabalhar bem nas séries iniciais, a currículo bilíngue, a língua materna do primeiro ano, até o terceiro. Há material didático na língua materna, mas depois a criança começa a aprender português também, quando vai para o ensino fundamental II (segunda fase), ela já precisa conhecer outros conhecimentos.

O que é pedagogia indígena? É o conhecimento, cada povo tem seu conhecimento e cultura que difere um do outro, o meu povo Tukano é diferente do povo Ticuna, que é diferente do povo Sateré-mawé. Cada um de nós tem uma pedagogia diferente. Só para ter uma ideia, o meu povo é patrilinear, mas os Marubos de Atalaia do Norte são matrilineares, só aí a gente já se difere. Por exemplo, no hábito alimentar tem indígenas que não gostam de pimenta. O meu povo gosta, então a gente tem uma variedade de culturas e conhecimentos.

Se tratando do conhecimento e política pública para os territórios, será construída a partir da realidade dos indígenas que estão nos territórios. Por exemplo, a realidade do Rio Negro, que é a realidade do meu povo, é diferente da região do Juruá. No meu povo, no Rio Negro, a maioria dos indígenas desejam fazer mestrado

e doutorado. Na região do Rio Juruá, não há nem educação básica. Entendeu? Ou seja, a política pública dos territórios para a região do Juruá tem que fortalecer ainda na educação básica. Enquanto, na região do Rio Negro, a reivindicação vai além da educação básica, segue para pós-graduação.

Então, a política do território Etnoeducacional, é pensada e construída a partir da realidade daquele território, e assim fica muito mais fácil. Esperamos que essa política se torne realidade. O que acontece hoje? Estão ofertando graduação para os indígenas como se a maioria já tivesse concluído o ensino médio, o que não é o caso. Muitos sequer nem iniciaram o ensino fundamental I ou concluíram o ensino médio. Então, há uma grande diversidade de realidades e níveis de escolaridade entre os povos indígenas do Amazonas. Então, fica difícil você apresentar uma única política, unilateral, é um pouco do que eu apresento na minha pesquisa, que eu acredito que a partir dela, temos como chegar ou se aproximar ao que os povos indígenas sempre reivindicaram o sistema próprio indígena.

Sempre reivindicamos o sistema próprio, que é o sistema funcione de acordo com a realidade dos povos indígenas, que garanta todas as formas de como você deve trabalhar, no qual está garantida na política do território educacional, é o caminho para chegar no sistema próprio de Educação Escolar Indígena.

Então nesse sentido, acredito muito nessa política, é necessário pensar uma política nacional de Educação escolar Indígena no país que não existe, daí, a importância da política dos Territórios Etnoeducacionais, pesquisa da minha tese.

5.6 LINHAS CONECTADAS: DEVIR – DOCENTE – LÍDER – PESQUISADORA

Quando decidi não me candidatar à reeleição (porque eu era vereadora e professora), eu estava em São Gabriel da Cachoeira, e o pai das minhas filhas, estava em Manaus cursando mestrado. Como meu candidato a prefeito que eu apoiava não se reelegeu. O pai das minhas filhas falou: “Agora você não tem mais desculpa para ficar em São Gabriel da Cachoeira. Você sempre quis estudar; este é o momento, vá estudar! Quer fazer mestrado?!”. Concurseira pela Rede Estadual, pedir a transferência para Manaus.

Foi quando vim para Manaus para estudar, mas não tinha lotação. Onde iria trabalhar em Manaus. Durante os quatro anos em que passei como vereadora, nunca

gostei de vir para Manaus. Inclusive, ganhei uma casa do estado – teve um tempo em que faziam sorteios para professores. Ganhei uma casa na Nova Cidade, mas não aceitei.

Figura 11 – Alva Rosa Tukano e Alfredo Tadeu com suas filhas



Fonte: Imagem fornecida pela participante em 2024

Foi quando vim para Manaus para estudar, mas não tinha lotação. Onde iria trabalhar em Manaus. Durante os quatro anos em que passei como vereadora, nunca gostei de vir para Manaus. Inclusive, ganhei uma casa do estado – teve um tempo em que faziam sorteios para professores. Ganhei uma casa na Nova Cidade, mas não aceitei.

Então, nunca quis morar em Manaus e, de repente, tenho que vir morar. Foi quando fui à SEDUC pedir lotação em qualquer escola na capital, E, de repente, esperando a audiência com a secretária, encontramos o professor Gedeão Amorim. Ele era o secretário do interior; sempre trabalhou na Ufam em São Gabriel da Cachoeira e, ao nos ver, disse: “Alva Rosa, o que está fazendo por aqui?”. Foi quando eu falei o que queria. Ele disse: “Não! Você vai perturbar a secretária. Eu resolvo”. E ele chegou, quando ele já ofereceu pra trabalhar na Gerência de Educação Escolar Indígena na própria sede, no Japiim, na SEDUC. Ele disse: “Lá precisa de professores indígenas, mais do que nunca. Você tem experiência, trabalhou na Semed, você fez tudo isso”.

Então, assim, antes de ser vereadora, trabalhei na SEMED como assessora. Fizemos vários trabalhos e acabou que ele me convidou para trabalhar na GEEI/SEDUC. Então, quando comecei a trabalhar na sede, conhecendo outras experiências e atuando como formadora, na formação de professores do magistério indígena, na área de exatas.

Logo, disse: “Não, eu vim para estudar, e comecei a me preparar”. Só que morar em Manaus não é fácil; tive que me acostumar e tudo mais. E foi assim: um ano e meio querendo voltar para São Gabriel, pois não conseguia me acostumar em Manaus, porque em São Gabriel tinha casa própria. E em Manaus, morávamos em apartamento.

Enfim, não foi fácil logo que cheguei em Manaus, mas eu queria estudar e precisava aguentar. Então, foi quando comecei a viajar bastante, ministrando cursos do Magistério Indígena, que faz parte do programa/Projeto Pirayawara da SEDUC.

Nesse contexto, acho que as pessoas me viam como uma liderança, que falava e tudo mais, e eu acabei sendo indicada pelas lideranças indígenas que participaram da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, como gerente da GEEI para assumir na SEDUC. Essa indicação partiu dos indígenas, que batalharam até minha nomeação. Não foi fácil essa tratativa com as chefias da SEDUC, os conselheiros do estado do Amazonas não desistiram. Se articularam e foram com a secretária e acabaram me indicando. Então, eu acabei sendo gerente de Educação Escolar Indígena durante cinco anos. Resultado desse trabalho da gerência, fui escolhida para assumir a Coordenação geral de educação escolar Indígena no Ministério da Educação.

Mas, paralelamente a isso, que já fazia cinco anos, eu pensei, está na hora de estudar. Antes do convite do MEC, em 2015, tomei a decisão de estudar, estava na hora de sair da GEEI, cumprir o porquê de eu ter vindo para Manaus, de cursar o mestrado. Em contrapartida, na época, quando assumi a gerência, fui aconselhada a não estudar ainda, porque atrapalharia a gestão que era de muita responsabilidade. Então, atendi os conselhos e deixei o estudo como segundo plano.

Quando completou cinco anos de gestão, comecei a participar das seleções de mestrado em 2015. A primeira eu tentei, mas não consegui. Por conseguinte, fiz outra seleção de mestrado, que consegui, eu passei. E ao mesmo tempo que eu passo, chega o convite do Ministério da Educação, que era para trabalhar na Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena.

Quando fui ao MEC, falei que assim que sentisse dificuldade entre trabalhar e estudar, eu escolheria pelo mestrado, foi o que me fez sair do meu município. Porque eu queria estudar, então eu teria que terminar. Foi o que aconteceu. Chegando a Brasília, não consegui ficar nem dois anos; mal fiquei um ano e nove meses, e tive que sair por causa do mestrado, pois as pesquisas exigiam meu tempo, eu tinha que escrever. E o MEC, de certa forma, representava muita demanda.

Era um tempo em que Dilma Rousseff estava sendo cassada, havia mudança de gestão e todo mundo foi exonerado na época. A única pessoa que não saiu na época fui eu, para garantir que outro indígena assumisse, precisava aguentar toda a mudança, tudo isso porque não estava mais dando conta por causa do meu mestrado, era muita cobrança por parte da orientadora que tinha toda razão, não estava priorizando o mestrado, só trabalhando.

Então, foi quando eu falei com minhas filhas e disse que voltaríamos para o nosso estado, porque eu tinha que continuar e terminar o meu mestrado. Porque aquele salário que eu ganhava não era meu, era do Estado. Quando eles me dessem as contas, isso não era meu dinheiro. Elas compreenderam. Foi quando eu tomei a decisão, mudou-se, Dilma cai, entra outro governo federal, outro ministro. Organizamos direitinho, estava preparando para acontecer a 2ª Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, o retorno da Política Nacional dos Territórios Etnoeducacionais, tudo estava organizando.

Diante disso, a parenta do Amazonas, Lúcia Baré, assume, estava na FUNAI, Brasília, e tinha expertise na área de conferência, assim não teria muita dificuldade em realmente continuar o trabalho que eu havia começado e que eu tinha que sair por conta do mestrado. Senão eu não conseguiria nem escrever, e seria jubilada, não tinha mais tempo.

Então eu não tive opção. Foi quando optei por sair e terminar o meu mestrado. E com isso, logo terminei também. Assim que terminei, ingressei no doutorado, o que não esperava. E nessa fase, estava à frente do movimento indígena no âmbito da educação! Eu nunca deixei de participar do movimento indígena.

Figura 12 – Comemoração turma do mestrado (2017)



Fonte: Imagem fornecida pela participante em 2024

Então, eu sempre digo que eu sou do movimento indígena, mas no âmbito da educação! Lutamos por uma Educação Escolar Indígena de qualidade. Acompanho todas essas políticas que foram discutidas por conta do trabalho, no estado e no governo federal, e como partícipe do movimento indígena.

Então, isso me fez refletir mais. Tive que pesquisar realmente sobre políticas públicas. Por que não chega de fato? Na perspectiva de professora de matemática, entendo que, para ter uma aula, precisa-se de uma política pública efetiva, para que ela chegue, entendeu? Então, foi quando comecei a mudar o campo da minha pesquisa.

Logo após, quando abriu o edital da seleção da UFAM, apresentei a proposta da política dos territórios, que é uma política em que acredito. É por isso que estou a acompanhá-la atualmente, na consulta aos municípios. De fato, o MEC está dando continuidade ao processo, começando a consulta.

Por exemplo, início de novembro acompanhei a consulta no Juruá e amanhã (19/11/2024) irei ao Rio Negro acompanhar a consulta da Política Nacional dos Territórios Etnoeducacionais. O que facilita o acompanhamento é que sou membro do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena do Amazonas (CEEI/AM) e da Comissão Nacional de Educação Escolar Indígena (CNEEI/MEC).

Logicamente, a experiência me dá a condição de falar, de lutar de fato nessas reuniões, o que é necessário para continuar essa política. É bom que hoje temos, no Ministério da Educação, pessoas que também acreditam nessa política e estão trabalhando em Brasília. Isso é bom, pois, enquanto o movimento reivindica, temos aliados no governo que também estão atuando; isso facilita muito. Acredito que, com tudo isso, acabo expressando os anseios dos povos indígenas e ganhando respeito como líder, pelos pares e demais.

5.7 PRECONCEITO ESTRUTURAL

O preconceito estrutural está presente o tempo todo. Tanto que meu colega até aconselhou que escrevesse um capítulo sobre isso na tese. O problema é que eu não tive mais tempo. Porque você acaba sofrendo. Por exemplo, quando eu fui gerente, sofri preconceito institucional. A própria instituição tem contra os povos indígenas. Na época quando os indígenas solicitaram que eu assumisse a GEEI na Seduc, não queiram, os indígenas tiveram que mobilizar para que eles aceitassem, a indicação, não foi fácil.

“Nunca esqueci a frase: vamos ver o que essa ‘indinha’ vai fazer a frente desta GEEI/SEDUC. Isso chegou aos meus ouvidos. E eu, com os colegas que me ajudaram, decidimos, mostrar a eles, o que essa ‘indinha’ sabia fazer”. Nunca esqueci.

Diante disso, tinha que realmente articular para poder fazer com que aquela gerência funcionasse. Na minha lembrança durante o mestrado, eu nunca senti preconceito dos meus colegas. Agora, o que eu via era a dificuldade do grupo, do programa de mestrado, em atender ao tema que queria pesquisar: a Política do Território Etnoeducacional do Rio Negro.

Nesse sentido, foi difícil conseguir uma orientadora que me orientasse nesse aspecto, mas não tive problemas de discriminação ou, mais ou menos, esse tipo de julgamento. Tanto por parte dos meus colegas quanto do próprio programa. No entanto, eu tive uma orientadora que queria aprender. Por isso que queria que eu me aprofundasse nas pesquisas e o trabalho não estava me deixando, por isso que eu tomei a decisão de sair do Mec.

Quando passei para o doutorado, foi a mesma situação, mas já era mais crítica, então eu avaliava que a UFAM deveria ter mais orientadores, num estado que tem a

maior população indígena do Brasil e não tem nenhum programa voltado realmente para os povos indígenas. Essa crítica que eu fazia lá dentro, logicamente, gerou algum desconforto com alguns professores do doutorado.

Isso porque, durante uma aula, uma professora citou exemplos de algumas pessoas e fez uma crítica muito forte ao professor Gersem Baniwa, que também é colega do movimento indígena. Então, isso não gostei! Assim, rebati na sala de aula, dizendo que não conheciam a nossa luta. Ele era sim professor da universidade, mas não adiantava ele estar dentro da universidade, orientando os alunos se a própria universidade não priorizava essa pauta.

Então, a única forma teve de recorrer no âmbito do movimento indígena para reivindicar que viesse recursos para se criar uma política pública de fato para os povos indígenas, porque na época, tínhamos sonhos de ter um mestrado em Educação Escolar Indígena no programa, só que não deu certo! Visto que precisava de recurso, precisava de professores formados, sendo doutores, na área. Só que não teve apoio dos professores. Mas esse sonho não morreu. Até falei sobre isso recentemente; não morreu ainda essa ideia. Vamos articular recursos, para termos esse mestrado tão sonhado. Além de recursos financeiros, é preciso ter também um grupo de professores doutores.

Então, a ideia não morreu, estamos na articulação com novas frentes. Acredito que estou dando minha contrapartida ao movimento indígena, porque, se não fosse por essa luta, eu não seria a Alva Rosa que todo mundo conhece. Quem me deu essa visibilidade? Foram os povos indígenas, por conta disso, sinto esse compromisso em lutar por políticas públicas para os povos indígenas.

Nesta perspectiva, esses dois últimos anos, depois do meu doutorado, eu me envolvi muito. O ano de 2023, para mim, foi 100% dedicado ao movimento indígena, de fato, para construir e fortalecer ações nos municípios; e este ano também está sendo organizado. Eu até falava que a partir de 2024 dividiria meu tempo, porque como doutora eu precisava me envolver na pesquisa, pois preciso escrever artigos. Ainda não publiquei a dissertação do mestrado nem o do doutorado.

O artigo do meu trabalho de dissertação do mestrado já está pronto, preciso focar na parte mais acadêmica, mesmo porque eu quero ser professora, eu quero orientar, eu quero fazer parte do programa de mestrado como professora externa, mas para isso eu tenho que ter publicações nas revistas Qualis A.

Então, acredito que o prazo das minhas publicações já feitas, estão terminando, tenho que publicar para poder me inscrever nos programas. Quero me inscrever tanto na UFAM, na UEA, que tem os programas de educação, e quero orientar os indígenas. Nessa perspectiva, esse é o meu objetivo a partir desse ano. Dessa forma, eu vou estar sim ajudando o movimento indígena, mas também vou me dedicar a minha vida acadêmica, porque eu quero ajudar os indígenas também a fazerem seus mestrado e doutorado.

5.8 AS FORÇAS EXTERNAS

Sim, eu tenho. É uma coisa muito forte ainda hoje na minha vida, que falo para minhas filhas. Meu pai e minha mãe não eram letrados, mas sempre me deram a maior força para estudar, dizendo que tínhamos que estudar para nos defendermos e para melhorar nossas vidas. Eram palavras muito fortes dos meus pais. Meu pai trabalhava para sustentar os seis filhos e minha mãe, artesã, fazia artesanato para vender e comprar lápis, cadernos e materiais para nós.

Minha mãe falava: “Não sei o que está escrito minha filha, mas faça a tarefa. Não sabe? Pergunte”. Então isso era muito forte. Tanto é que eu sempre falo isso para minhas filhas, eu via o esforço dos meus pais. Falando. Então eu tinha que estudar, tanto é que eu estudei e me formei.

Eu me esforcei muito porque via como meu pai falava, mesmo sem entender, sem estudar. Meu pai só tem a quinta série, minha mãe também, mas nunca deixaram de nos incentivar a estudar e jamais nos deixaram desistir. Hoje, isso tem um grande significado na minha vida. Pois, se não fosse por isso, eu não estaria aqui hoje.

Para mim, o título de doutorado não faz muita diferença. Eu quis fazer o doutorado para mostrar aos meus parentes indígenas que nós também podemos chegar a fazê-lo, que temos condições. Não é fácil o caminho, mas nós podemos. E, principalmente, para as meninas. Lógico, eu tinha que dar esse exemplo para minhas filhas, que são mulheres, e para várias jovens que estão por aí.

Figura 13 – Alva Rosa e seus pais na defesa de sua tese



Fonte: Imagem fornecida pela participante em 2024

Para os meus pais, eu posso dizer afirmar que ser doutora, não faz diferença, não sabem o que que é isso, mas sempre deram força, falando: Está bem, minha filha. Estuda. Quer estudar? Então estude. Meus pais não entendem que isso é um título e tudo mais, eles são bem simples.

Figura 14 – Alva Rosa Tukano e sua família na defesa da sua tese



Fonte: Imagem fornecida pela participante em 2024

Figura 15 – Amigos, parentes e família na defesa de doutorado



Fonte: Imagem via Facebook da participante

Mesmo assim, a conquista do título de doutorado, eu homenageio aos meus pais. Principalmente meu pai, que foi uma pessoa que nunca desistiu e sempre apoiou nas minhas decisões. Por exemplo, ser vereadora, eu não queria. Todo mundo querendo. Ele: “Vai lá! Minha filha, eu te ajudo”.

Figura 16 – Alva Rosa Tukano e seu pai Jaime



Fonte: Imagem extraída via Facebook da participante

Contudo, sempre meus pais incentivaram nas indicações de cargos que as pessoas indicavam, protegiam com suas bençãos. Sempre estavam do meu lado. Mesmo diante do preconceito, justamente de gênero, pois o homem é quem deve ir na frente; depois, a mulher.

Uma dessas viagens que eu fiz na época da campanha, meu avô de segundo grau, falou: “O que é que você está fazendo aqui, minha neta? Quem deveria estar aqui era seu irmão. Você deveria estar lá, com seu marido. Seu irmão que deveria estar aqui”. Vou falar com seu pai. Vou falar com ele.

Mas meu pai, não atendeu, sempre deu força e sempre estive do meu lado, me ajudando em tudo. Então, é nesse sentido que eu falo. Ele não tinha estudos, mas sabia que o caminho era aquele, para que a gente conquistasse. E hoje, quando estou assim, para cima ou para baixo, ele fala: “Tá vendo como era muito importante você estudar?”. E realmente, isso não foi só para mim. A gente tem lutado por todos.

5.9 DEVIR – MULHER: ALVA ROSA TUKANO

O desafio da maternidade, é muito forte para todas as mulheres em geral, mas para as mulheres indígenas é muito mais complicado. Pelo fato de já ser muito independente. Eu sempre lutei pelos meus objetivos. Logicamente, não foi fácil nesse decorrer da caminhada. Hoje, eu sou separada do pai das minhas filhas, sou grata por sua companhia enquanto deu. Mas chega certo tempo da vida, que você quer estar bem, fazer o que gosta e o que sonha. Foi isso.

Então, assim, posso afirmar que na vivência com o pai das minhas filhas, foi muito boa, mas no decorrer da caminhada não deu mais certo, nós tínhamos sonhos diferentes. Durante anos, eu sempre soube conciliar, mas depois, não deu mais certo.

Dessa forma, eu tinha que trabalhar, eu tinha que estudar e eu gostava de participar das reuniões do movimento indígena, eu não sei como, acabei conseguindo tudo, inclusive terminar o doutorado. Mas me pedi licença, apenas para a pesquisa. Assim, fiquei no movimento indígena, que gosto, porque era o momento que espairecia a cabeça, ouvia os parentes, o que também era importante, ao mesmo tempo para minha pesquisa e um momento para ficar bem, pois gosto de participar das ações do movimento indígena.

Com isso, eu estudava, e tinha minhas filhas que estavam comigo, estava próxima delas também. Então, assim, eu sempre conversei muito com elas. Tanto é que, logo no início, quando a mais velha era pequena, me lembro muito bem dela reclamando para minha irmã, dizia: “Mamãe só quer falar dos povos indígenas, da educação escolar indígena! Não aguento mais ouvir isso! É lá em casa, é no trabalho, é com os colegas, educação escolar indígena! Não quero mais ouvir isso!” Ela, pequenininha, e hoje está com 25 anos.

No decorrer dos anos, entendeu e está participando das reuniões do encontro de educação escolar indígena que aconteceu, foi ajudar na relatoria. Na relatoria, é preciso prestar bastante atenção. Com isso, ela começou a prestar atenção e, quando veio conversar comigo, disse: “Meu Deus! Quantos desafios, mãe!” Eu falei: “Pois é, você viu agora, está ouvindo agora; é por isso que precisamos que vocês continuem”. Ela: “Mãe, eu vou participar, porque realmente é necessário”.

Dessa maneira, começou a participar e está participando. Assim como, a outra menorzinha, digo, a minha segunda, ela participa. Então eu sempre as orientei para se identificarem e participarem da luta. E hoje elas participam. Então, isso foi bom porque eu vejo que irão dar continuidade.

Então, qual é o resultado que eu vejo hoje? Para mim foi muito importante essa experiência. Primeiro porque tive experiência no governo na questão do trabalho, na gestão, estar no movimento indígena. Então, hoje podemos pensar em estratégias para atingir nossas metas. Por exemplo, uma delas é a criação da diretoria no Ministério da Educação, a Diretoria de Educação Escolar Indígena, sem experiência, não pensaria em estratégias, porque a gente quer uma Secretaria Nacional de Educação Escolar Indígena no MEC, só que não temos apoio político de parlamentares no congresso. Temos a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), que cuida da saúde indígena, mas foram anos de luta.

Na educação no MEC/SECADI, só tínhamos uma Coordenação de Educação Escolar Indígena, com apenas três funcionários para atender todo o Brasil, desde a educação básica e ensino superior, entre outras áreas. E aí, como é que as pessoas vão dar conta? Pela experiência em ter trabalhado no Mec, sabíamos que uma secretaria nacional, não tínhamos possibilidade, porque precisa de apoio de deputados e a gente não tem.

Então, reivindicamos a criação de uma diretoria, porque o ministro da educação poderia ajustar os cargos internos, e não precisaria passar pela Câmara, não

comprometendo o orçamento do Ministério da Educação, assim conseguimos a criação da diretoria de Educação Escolar Indígena na SECADI/MEC a partir da reivindicação do Movimento Indígena ano de 2024. Mais não desistimos na criação de uma secretaria Nacional de Educação escolar Indígena no MEC.

Isso é muito importante para nós, inclusive, simbólico, hoje, o MEC ter uma diretoria, pois as SEDUC irão ter que se estruturar para começar a organizar e assim dará para ter um atendimento melhor nos estados. E foi assim que nós criamos, ele se comprometeu e no mês de abril ele acabou completando a criação da Diretoria de Educação Escolar Indígena no ministério da educação. Então, isso ajudou bastante naquele momento.

Hoje estando com o movimento indígena a gente tem como ter uma estratégia para poder conquistar uma política pública, que não é fácil. Por exemplo, agora estamos indo novamente para Brasília pelo movimento de educação escolar indígena. Porque não está chegando dinheiro para as universidades, para as licenciaturas interculturais, para a pedagogia intercultural, aqui no estado do Amazonas. A única licenciatura que está tendo é essa do Baixo Amazonas, que está atendendo só entorno de Manaus. E as outras regiões hoje? Nenhuma, é necessário atender.

Logo, a gente está se organizando para ter essa nova mobilização novamente. Para que seja ofertado no próximo ano. Com isso, em janeiro de 2025 iremos realizar o encontro estadual de Educação Escolar no Amazonas. Só entre nós mesmo do Amazonas, para falarmos das nossas reivindicações prioritárias. Vamos convidar o MEC, SEDUC, as universidades, MPF, FNDE, FUNAI Brasília para debaterem as prioridades na educação do nosso estado.

Então, essa articulação depende um pouco da minha experiência adquirida no trabalho, que me ajudou muito. Na minha família estou bem, graças a Deus! Minhas filhas caminhando juntos. E acaba que nós mulheres damos o jeito, sempre a gente dá! Isso eu acho que é uma coisa de nós mulheres, mães! Eu faço muito isso pensando nas minhas filhas, nos meus parentes, mas principalmente, dos meus futuros netos.

Porque é um atendimento ainda a longo prazo. Não é de imediato. Então acaba que eu penso, nos parentes, amigos que estão nos territórios indígenas. Se a gente não fizer hoje, não vai ter amanhã. Por isso que é necessário estarmos lutando, e eu penso mais como uma mãe mesmo. Eu não consigo ver um animal sofrendo, imagine

uma criança. Então é necessário fazer algo. Não sei até quando, mas até agora tenho forças, e continuo na luta.

Figura 17 – Alva Rosa Tukano e suas filhas



Fonte: Imagem fornecida pela participante em 2025

5.10 EMPODERAMENTO DA MULHER INDÍGENA

Quando assumi o Fórum de Educação Escolar Indígena, disse que queria trabalhar muito nos territórios, para fortalecer nossas redes de educação escolar indígena e nossas associações. Portanto, isso depende muito de como está organizado cada município. Porque o Fórum de Educação Escolar Indígena, criado em 2014, focou muito no trabalho aqui, foram muito importantes as mobilizações em Manaus, trazendo indígenas para a cidade, justamente para mostrar que existem os povos indígenas e para reivindicar políticas públicas de fato, na saúde, na educação, pelas quais a gente acabava lutando por todas as pautas. O Fórum fez muito essa chamada e ganhou força. Portanto, foi muito importante.

Então, quando eu assumo, digo que precisamos fortalecer as redes e, com isso, ir ao território de fato, porque a redes de EEI reivindicam isso; viam muita mobilização, mas queriam que o Fórum estivesse lá junto com eles, e a nossa presença como

diretoria e tudo mais, porque nós todos fazemos parte. Só que, para isso, é preciso recurso. Então, o fórum não era estruturado; não tínhamos CNPJ funcionando era necessário.

Contudo, foi quando começamos a organizar, estruturar e participar de editais para conseguirmos um mínimo de recursos. Nessa altura, começamos a realizar encontros com recursos obtidos por meio da participação em editais e a ir ao território. Justamente em um desses encontros de educação escolar indígena, em Eirunepé em 2022, atendemos a região do Juruá. Também estivemos em Tabatinga, atendendo a região do Alto Solimões e do Vale do Javari, e em São Gabriel da Cachoeira, atendendo o Alto Rio Negro. Esses encontros atraíram pessoas de outros municípios. Então, nesse sentido, começamos, mas não foi fácil; a logística é muito cara!

Sendo assim, começamos as parcerias com as instituições que acreditam na luta. Por exemplo, fui ao Juruá. Eles ouviam muito falar, nos grupos de WhatsApp, sobre o FOREEIA, mas falavam da importância de se organizarem e precisavam de ajuda. O MEC está fazendo uma consulta, mas também só vai avançar se eles acompanharem; e, para isso, eles precisam estar organizados para fazer o controle social.

Para mim, essa última viagem foi muito positiva, principalmente pelo quanto eles compreenderam a importância de estarmos organizados coletivamente. Isso foi muito importante para mim, tanto que saio dessa viagem, no caso, do Juruá, com muita esperança de que as coisas se transformarão nessa região.

A dificuldade real da política pública em acontecer *ali*, não só na educação, mas também na saúde e no território. Eles sofrem muito por falta de prefeitos que não fazem a sua parte pelos territórios indígenas, mas, organizados, vão conseguir. Esses 20 dias viajando, conversando com eles, e com eles acreditando na nossa luta e na nossa representatividade, foi muito importante.

Porque representamos um movimento indígena a nível estadual, e eles acreditam em nós. Então, a luta não está em vão, como falei a eles: para conquistar mais, eles precisam estar organizados em seus municípios e regiões. Não adianta nós lutarmos a nível estadual e federal se eles não fizerem a sua parte a nível municipal. Então, precisamos estar de braços dados, porque precisamos uns dos outros.

Desse modo, foi muito bom que eles compreendessem. Saio dessa viagem a essa região esperançosa. Como houve eleição municipal, teve muita mudança na gestão municipal, muitos prefeitos sensíveis foram eleitos. Organizados, eles têm

como apresentar uma política pública, e vamos dar apoio. Então, nesse sentido, eu creio que viagens In Loko nos territórios são muito importantes.

Diante disso, em 2025, estamos planejando na agenda do movimento indígena, viagens *in Loko*, a nossa meta, é trabalhar o preconceito com projeto: amazonas sem racismo. Eu não sofri tanto, mas o nosso povo indígena sofre muito. Na política pública mesmo, quando você não vê a oferta nos territórios, isso é o preconceito, você não está ajudando os povos indígenas. Você vê a falta de vontade política. Isso é o preconceito! Isso é o racismo mesmo!

Então, nesse sentido, são viagens de formação com os povos indígenas e não indígenas. Essa meta está para ser feita em 2025, de trabalhar fortemente no fortalecimento das organizações indígenas, justamente no combate do racismo, que está muito forte em nosso estado.

Figura 18 – Seminário de escuta com os parentes Kulina de Envira



Fonte: imagem catalogada via Stories do WhatsApp da participante

Parte 4: Empoderamento e visão de futuro

- **Empoderamento Feminino: O que "empoderamento" significa para você no contexto da sua comunidade e cultura? (os desafios)**

Significa autonomia e conhecimento: você fazer o que quiser em todos os âmbitos, desde a sua vida pessoal até o coletivo. Não tem como você ajudar o próximo se não estiver bem consigo mesmo. É necessário trabalhar muito na formação política das mulheres indígenas com esse objetivo.

- **Quais são suas maiores aspirações para o futuro de sua comunidade, especialmente para as mulheres indígenas?**

*Creio que as mulheres se libertem do medo e do comodismo, lutem pelo seu empoderamento, assim teremos mais mulheres à frente da luta. Ainda somos muito poucas mulheres indígenas que enfrentam o machismo estrutural, o que não é fácil, tanto na sociedade como na militância. É necessário que os homens compreendam que a participação das mulheres indígenas vem somar na luta e na defesa dos direitos dos povos indígenas. Em nenhum momento a luta das mulheres indígenas *é* uma luta feminista; ao contrário, quando se criou a união das mulheres indígenas, foi para sensibilizar a participação das mulheres entre si e se tornar mais uma força para se juntar aos homens na luta pelos direitos indígenas.*

Parte 5: Reflexão Filosófica

- **Influências Filosóficas: Existem elementos na cultura Tukano que dialogam com a ideia de "diferença" que corresponde positivamente na filosofia que estudamos no ocidente?**

O conhecimento indígena, que traz na sua reflexão, a origem do mundo, reflexão da crise humanitária e seus impactos, assim como suas possíveis soluções.

- **Filosofia da Diferença: Em que aspectos a Filosofia da diferença poderia contribuir para uma maior compreensão e valorização das culturas indígenas no Brasil?**

Na cultura Tukano as fontes de conhecimentos são os nossos grandes especialistas tukano, os grandes pajés: Yai, Kumu e Baya, que detém conhecimentos na oralidade e devem ser respeitados, os conhecimentos dos grandes sábios, os conhecimentos da cura e do bem viver.

6. DEVIR-MULHER-INDÍGENA: CARTOGRAFIA DAS LINHAS DE FUGA NA TRAJETÓRIA DE ALVA ROSA TUKANO

Ao iniciar esta seção, peço à Banca de professores doutores, licença para subverter à norma para criar um modo de referenciar os autores na última seção do trabalho. Tenho necessidade de criar uma citação menor, pois o que temos diante de nós não é apenas um trabalho acadêmico, mas um fluxo de forças, uma cartografia, uma experimentação que não se dobra à captura dos estratos. Pois, se a ciência é sempre um devir, como nos contentar com formas rígidas de citação, com códigos e números que pretendem aprisionar o pensamento no mesmo regime de verdade que o colonialismo impõe ao conhecimento?

A referência tradicional da norma ABNT, essa forma molar que esmaga e organiza em filas e parágrafos os fluxos do pensamento, – não pode dar conta do que aqui se faz. Pois citar não é apenas nomear, não é apenas registrar em uma lista final, como se os autores foram mortos, catalogados e imóveis. Citar é ativar um campo de ressonâncias, é colocar um conceito em variação, é conectar-se a uma linha de fuga que, em vez de fixar, desloca.

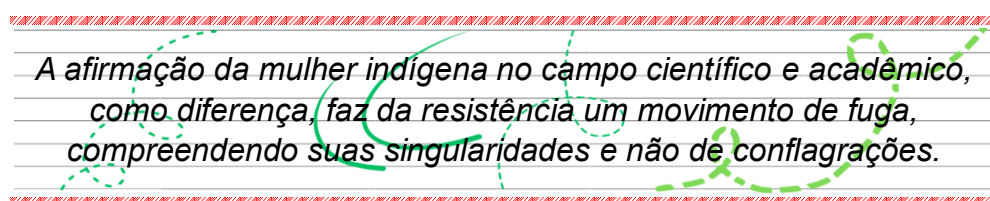
Que a banca, portanto, permita que este trabalho não apenas fale sobre resistência, mas a pratique, recusando a estrutura binária entre a voz do autor e a de seus referenciais. Aqui nesta seção, não citamos: fazemos rizoma com aqueles que vieram antes. Não se trata de manter a citação entre parênteses, um número seco ligado a um nome escondido ao final, como se a escrita fosse um fluxo isolado e sua referência um apêndice. Ao contrário, trazemos os autores para dentro do texto, para dentro da experimentação, porque eles não são figuras estáticas, mas forças que vibram. Deleuze não seria colocado entre parênteses, mas sim jogado no meio da frase, porque ele nunca foi uma fonte, mas um abalo. Guattari não pode ser uma nota de rodapé, porque sua voz ressoa no próprio modo de compor o pensamento.

O que propomos, então, é uma citação menor, uma escrita que deixa o nome do autor fluir dentro do texto, aparecendo como um acontecimento e não como uma norma. Se Deleuze e Guattari falam de devir, que seja no próprio devir da escrita que se aplicam. Se Boaventura de Sousa Santos propõe uma ecologia dos saberes, que seja em uma citação que mistura vozes, que contamina e desloca. Doutores da banca, não pedimos apenas uma concessão. Pedimos que sejam cúmplices da subversão.

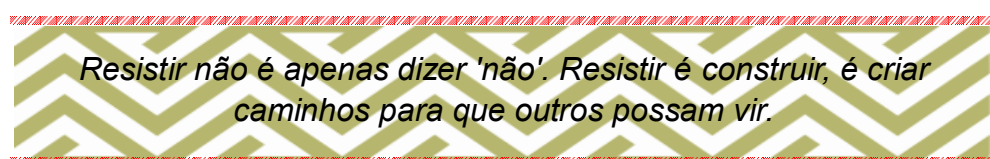
Pois este trabalho não é sobre a fuga – ele é a própria fuga. Que a norma acadêmica não o aprisione. Que o saber se faça outro com a força de um conceito em devir, como afirma uma certa orientadora...



Através desta cartografia rizomática, desterritorializamos os estratos que fixam a presença no território acadêmico, identificamos e, ao mesmo tempo, desenhamos uma linha de fuga onde o devir-mulher-indígena se manifestou em seu poder, como bem nos mostrou Alva Rosa Tukano. Bello, Aurich e Santos (2022, p. 12), fazem alusão a Deleuze e Guattari, manifestando que a resistência é uma afirmação da diferença, tornando-a em linha de fuga, singularização e não de confronto, condição para a própria existência.



Compreendemos no percurso do estudo que Alva Rosa Tukano não é apenas um corpo inscrito em uma história linear de resistência como muitas vidas enquadradas em um estereótipo de resistência, mas nesse plano imanente de agenciamento coletivo entre Sujeito-Narrador, dados da entrevista biográfica, temporalidade e contexto, mediação do pesquisador, registro da documentação, dimensão subjetiva e coletiva, bem como os aspectos ético-políticos, sua história de vida tensiona as portas da cultura indígena, educação, ciência e tecnologia. Conforme a militante indígena exprime: Ser indígena é sinônimo de resistência e persistência.



Sua existência é um ponto de intensidade que captura fluxos, resiste aos estratos e inscreve outras possibilidades de saber. Conforme Fonseca (2013) Toda a

existência é sempre um experimento social e um despertar para novas maneiras de olhar e comunicar a vida. Sendo assim, através do conceito de devir, deslocamos sua trajetória de uma narrativa fixa e inserimos no plano da imanência, onde tudo se move em multiplicidade. Uma vez que para Deleuze e Guattari (2020, p. 71)

O devir não é imitar nem se identificar com alguma coisa ou alguém. Ele é capturar algo do que se torna e, ao mesmo tempo, deixar algo de si mesmo para trás.

O percurso acadêmico dessa mulher Tukano se estabelece como um plano de consistência por molaridades institucionais, mas, ao mesmo tempo, por movimentos micropolíticos de reterritorialização. Nascida na região da "cabeça do cachorro", sua inserção na universidade é um acontecimento que não se limita a uma história individual, mas coletiva, onde se inscreve uma nova distribuição de forças na luta pelos saberes indígenas no campo acadêmico, como destacou a Tukano em evento na Ufam em novembro de 2024.

“Nós, mulheres indígenas, não estamos apenas ocupando espaços. Estamos transformando esses espaços, ressignificando o universo educacional”

Essa história de vida demonstra que a educação, enquanto máquina desejanse, pode assumir um duplo movimento, pois, ao mesmo tempo que territorializa corpos e subjugua subjetividades, pode abrir-se também para uma desterritorialização, um devir que rompe os limites da forma identitária imposta pelos não-indígenas. Em conformidade com Fonseca (2013, p. 286):

“Na medida em que os indígenas agenciam o urbano em devir-floresta, em devir-ameríndio, implicando a relação com a alteridade como nexos primeiro da subjetivação antropofágica, os operadores da lógica binária europeizada acabam por se verem forçados à diferença, pois são retirados do ponto de vista onde se acostumaram a estar.”

No jogo entre territorialização e desterritorialização, emerge um devir-outro, um deslocamento da posição fixa para um campo onde a identidade é um fluxo ininterrupto de relações e atravessamentos.

A escola indígena não pode ser uma cópia da escola dos brancos. Ela tem que ser nossa, com nossos saberes, com nossa forma de aprender.

Vimos em sua narrativa a constituição de uma máquina desejanse estimulada por seus pais, principalmente pelo pai, a partir do incentivo aos estudos. Amparada pela ideia de construir diálogos que possibilitassem a transmissão dos anseios indígenas, através do conhecimento e dos caminhos dos brancos²¹, pois, na cidade, as especificidades culturais eram ignoradas pelas instituições, em seu formato colonizador. Como ressalta em sua história de vida relata neste estudo:

A conquista do título de doutorado, eu homenageio aos meus pais. Principalmente meu pai, que foi uma pessoa que nunca desistiu e sempre apoiou nas minhas decisões.

Propagado pelo devir-mulher, o pai constrói um traçado de ruptura, opondo-se ao pensamento tradicional tomado pela máquina dual de gênero institucionalizada por seu povo, deslocando seus próprios pensamentos e compreendendo a filha em uma posição diferente. Em contrapartida, tais rupturas não se trata de negligenciar seus aspectos indigenistas, pois são inseparáveis, como afirmam os pensadores nômades da diferença (2020, p. 71). Dessa forma, mostrou que o devir-mulher-indígena não era uma imagem fixa ou uma essência, mas um campo intensivo de forças, como mostra Deleuze e Guattari (2020, p. 93):

O devir-mulher afeta necessariamente os homens tanto quanto as mulheres. De uma certa maneira, é sempre "homem" que é o sujeito de um devir; mas ele só é um tal sujeito, ao entrar num devir minoritário que o arranca de sua identidade maior.

²¹ Refere-se aos não indígenas

Dessa forma, Alva Rosa Tukano traçou linhas que atravessaram os estratos do gênero e da etnicidade, compondo um corpo sem órgãos que resistiam à captura das instituições, os espaços indígenas e não indígenas. Portanto, desconstruindo o olhar etnocêntrico sobre os povos indígenas, percorrendo e contaminando todo um campo social coexistente de indígenas e não-indígenas que colocam a mulher numa perspectiva dualista Homem/mulher. De acordo com sua fala para esta pesquisa:

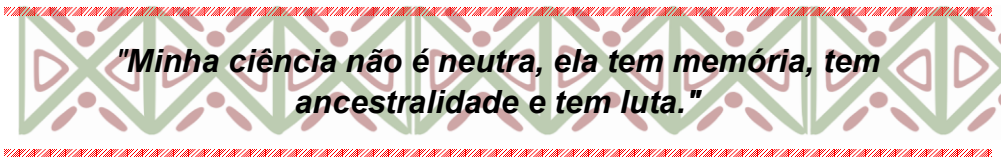
Mesmo diante do preconceito, justamente de gênero, pois o homem é quem deve ir na frente, depois, a mulher. Meu pai, sempre deu força e sempre esteve do meu lado, me ajudando em tudo. Então, é nesse sentido que eu falo. Ele não tinha estudos, mas sabia que o caminho era aquele, para que a gente conquistasse.

Através da Licenciatura em Matemática e do doutorado na Universidade Federal do Amazonas, sua presença se torna uma fissura nos regimes de verdade hegemônicos. Sua existência se inscreve como um vetor de forças que reconfigura o espaço acadêmico, convertendo-o em campo de disputa desejante, de resistência e de crítica à colonialidade do saber, pois, Segundo Santos (2007, p. 424):

“Admitir diferentes possibilidades e posicionamentos de tais sujeitos no campo científico é considerar a liberdade de expressão e a pluralidade de ideias que marca o lugar da universidade como lócus privilegiado de produção do conhecimento”.

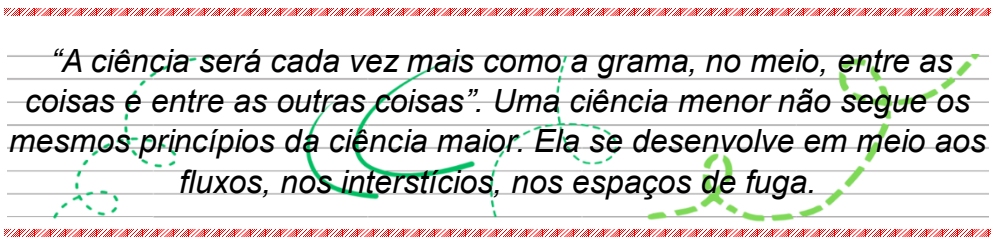
Assim, ao longo de seu percurso de vida, o saber não se apresenta como uma estrutura hierárquica, mas como um campo de imanência onde diferentes vozes e epistemologias se cruzam e se contaminam durante sua produção acadêmica fazendo-nos identificar o campo de imanência onde se articulavam epistemologias indígenas de Rosa e filosofia da diferença em uma dança de acasalamento. Como escreve Menezes e Silva (2021).

De acordo com Alva Rosa Tukano em entrevista à Rede TVT (2022) “Para os indígenas, a escola foi um instrumento de destruição, agora, ela também está sendo um instrumento de fortalecimento e valorização da cultura indígena”.



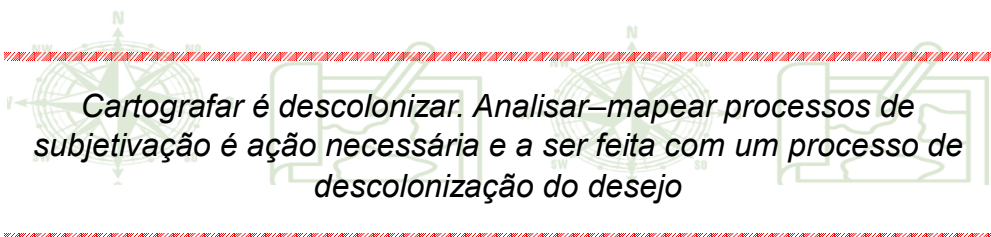
"Minha ciência não é neutra, ela tem memória, tem ancestralidade e tem luta."

Seus textos são nós de um rizoma que conecta saberes tradicionais e ciência contemporânea, abrindo espaços para outros regimes de visibilidade e inteligibilidade. Não se trata de uma simples soma entre o conhecimento acadêmico e os saberes indígenas, mas o que podemos observar e inferir com a filosofia da diferença, é que existe um devir que resiste sempre à captura binária e inventa uma outra possibilidade de ciência, uma ciência menor que fala a partir das margens, que questiona os grandes estratos epistemológicos e suas máquinas de exclusão. Essa ciência menor se estrutura na interação, no encontro e na interação mútua entre saberes, abrindo caminho para novas formas de construção do conhecimento, como afirma Deleuze e Guattari (1998, p.55)



— “A ciência será cada vez mais como a grama, no meio, entre as coisas e entre as outras coisas”. Uma ciência menor não segue os mesmos princípios da ciência maior. Ela se desenvolve em meio aos fluxos, nos interstícios, nos espaços de fuga.

Para além da pesquisa teórica, Alva Rosa Tukano produz material didático bilíngue, compondo um fluxo que reterritorializa a educação escolar indígena em sua singularidade. Sua prática docente se alinha a um processo desejante de descolonização do ensino indígena, onde o aprendizado não pode mais se reduzir à reprodução do modelo hegemônico, mas se torna um espaço de invenção coletiva ao participar de consultorias para as políticas de educação indígena. Para Meneses e Silva (2021, p. 184):



Cartografar é descolonizar. Analisar–mapear processos de subjetivação é ação necessária e a ser feita com um processo de descolonização do desejo

Sua trajetória demonstra que o ensino é um campo de forças, atravessado por linhas de poder e de sujeição, sendo o seu compromisso com os povos indígenas um ato estético e político de criação. A educação na perspectiva de Alva Rosa Tukano é então como um acontecimento, uma zona de indeterminação onde fluxos de resistência encontram formas sempre mutantes de expressão, como pontua Boaventura de Sousa Santos (2009, p. 2008)

A luta pela descolonização do conhecimento é uma luta pela própria existência. Sem epistemologias diversas, não há futuro.

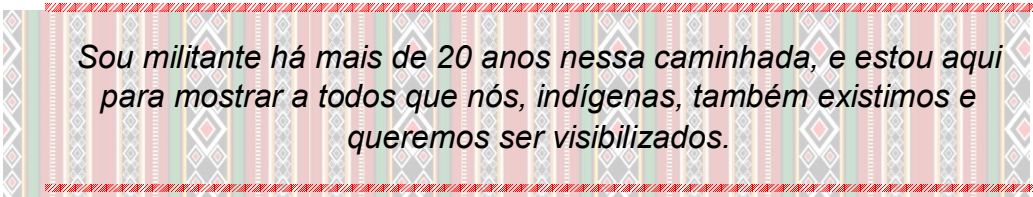
Portanto, Alva Rosa Tukano, de acordo com os passeios nos pensamentos de Deleuze e Guattari manifesta-se pelo devir-mulher-indígena, não se reduz a um percurso individual, mas à irrupção de uma multiplicidade. Sua presença na academia, sua produção científica e sua luta política são vetores de uma força que se move entre territórios, que desestabiliza identidades fixas e que fabrica novas formas de pensar e fazer ciência.

O conhecimento é movimento, e eu me movo com ele. Não sou a mesma de ontem, e amanhã serei outra.

Nesta perspectiva, sua existência é um campo intensivo onde se inscreve o desejo de uma educação outra, de uma ciência que não seja aprisionada pelos estratos modernos-coloniais, mas que se torne um rizoma em expansão, uma multiplicidade em devir, um movimento perpétuo de desterritorialização e reterritorialização criativa. Na entrevista realizada para o canal Museu Ciência e Vida, via YouTube, com o tema “De frente com cientistas”, a doutora exprime:

Nessa vida toda, sou militante indígena. Não penso somente na minha família, mas em toda a coletividade do povo indígena, porque somos poucos e a vida acadêmica não é para todos. Temos muitas dificuldades e reivindicamos muitas políticas públicas; porém, para que sejam implementadas, é necessário escrever e apresentar projetos.

Devir-mulher-indígena é um acontecimento de existência que propaga e atravessa os códigos sociais como flechas, de modo que rabisca estereótipos enraizados pelo poder colonizador. Escoa-se entre os subsistentes processos históricos de violência e preconceito. No entanto, as mulheres indígenas vêm ressignificando e operando alianças com sua ancestralidade e cosmogonia, num movimento politemporal. Como aponta a protagonista na entrevista realizada para o canal Museu Ciência e Vida, via YouTube, com o tema “De frente com cientistas”:



Sou militante há mais de 20 anos nessa caminhada, e estou aqui para mostrar a todos que nós, indígenas, também existimos e queremos ser visibilizados.

Sobretudo, as mulheres indígenas perpetuam o amor pelo seu povo e o respeito pela Mãe Natureza. Sua resistência é pela terra demarcada, pelas águas, pela saúde, pela educação. É por respeito a sua existência e condições de sustentabilidade. Pensando bem, é por nós viventes.

7. POR UMA VIDA COLETIVA ENTRE MULHERES-INDÍGENAS, SEGUIREMOS POR AÍ, TRAÇANDO OUTROS CAMINHOS

Esta pesquisa, considero, uma gigantesca oportunidade de exteriorizar experimentos que, no decorrer de minhas vivências, impactaram minha perspectiva sobre o que é ser mulher em uma sociedade que estigmatiza as mulheres. Diante dessa realidade, senti-me amplamente conectada a cada passo construído e materializado neste estudo.

Como mulher, mãe solo, professora e pesquisadora, compreendo que o percurso na vida acadêmica é desafiador. Assim, me vi dançando nas entrelinhas de um contexto histórico narrado de forma hegemônica, em que a participação das mulheres na história da matemática aparece borrada, marcado pela violência, pela repressão ao conhecimento e pela discriminação contra elas.

Nesse contexto, é nos movimentos dessas entrelinhas que as mulheres, em seu devir-mulher, constroem-se como potência, produzindo novas maneiras de existir e resistir. Elas se esquivam, driblam, constroem linhas de fuga, linhas de chance. Contudo, suas rupturas perante os discursos do poder patriarcal nos mostram que as mulheres sempre lutaram, demonstrando coragem, resiliência e força.

Portanto, são dessas histórias outra que essa pesquisa se preocupa em ressaltar, mulheres empoderadas. Então, falar veementemente sobre a importância da valorização das mulheres no campo científico é dar continuidade às lutas dessas mulheres que estiveram na linha de frente da resistência, por séculos, e, consequentemente, essa força vem ganhando visibilidade.

Em contrapartida, de acordo com a temporalidade dos estudos, alguns desafios enfrentados por mulheres para avançar suas carreiras nos espaços científicos ainda persistem. Por exemplo; a constituição a partir das expectativas identitárias em função de gênero, como: os cuidados domésticos e a maternidade.

Mas, como pesquisadora, quero deixar registrado que minha maior indignação reside nos acontecimentos como o abuso, a violência e a exploração sexual. Esses desafios persistentes, que envolvem os corpos e as mentes das mulheres, afetam drasticamente sua relação com o espaço acadêmico, principalmente as crianças, adolescentes e jovens, que geralmente são dependentes dos pais ou responsáveis.

Na minha concepção, temos que ampliar nossas ideias enquanto professores, percorrendo o espaço da sala de aula sob outros olhares, considerando a realidade dos alunos e buscando ajudá-los em contextos que ultrapassem esses. Quem sabe assim, possamos contribuir e impactar positivamente na história de vida dos estudantes desde a infância.

Os filósofos da diferença em sua obra *Mil Platôs 4*, recorrem diversas vezes à criança, caracterizando-a a partir de Espinosa. Para Deleuze e Guattari (2020), as concepções das crianças e suas relações estão baseadas na intensidade de seus afetos. Os afetos são devires (2020, p. 44). Dessa forma, para os pensadores, as crianças são como máquinas produtivas de novas ideias, desejos e pensamentos que transitam e se transformam no seio do agenciamento afetivo, ampliando ou restringindo sua potência de agir, proveniente de recortes exteriores ou interiores.

Por conseguinte, diante desse contexto, na perspectiva de pesquisadora, compreendo a importância de empreender a participação efetiva das mulheres na construção do conhecimento científico. Assim como discente, imersa na temática que induziu a este estudo, sinto-me no dever de promover discussões e encorajar mulheres a lutar por seus direitos e ocupação nas linhas de frente da sociedade.

Portanto, construindo, nesses espaços educacionais, relações de afeto, tornando-nos outras, inspirando-nos mutuamente, para que as meninas construam novos pensamentos, ideias e produção de desejos que possam contribuir efetivamente para a ciência a favor da vida humana e sua relação com o mundo.

Este estudo se manifesta como mais um ponto de conexão, fortalecendo a vertente que articula a educação e a relação das mulheres com o campo científico, com o objetivo de incentivar outras meninas e mulheres por meio de histórias transformadoras.

O encontro com a mulher indígena Alva Rosa Tukano me fez refletir e reconstruir todas essas concepções delineadas a partir da mulher universalizada, imersa na história, pois as mulheres indígenas são duplamente estereotipadas.

Então, a partir dos meus pontos de vida em conexão com a filosofia da diferença, o diálogo construído com a professora indígena, é um material produzido com afeto e grandes expectativas para o leitor, através de sua linda trajetória. Não é uma triste narrativa indígena; a protagonista, ela mesma, não se coloca em tal posicionamento em nenhum momento de sua vida.

Este estudo também não esgota seus passos. Então, repasso linhas capturadas que podem estimular positivamente muitas mulheres a liderar espaços na sociedade. Suas lutas e seus objetivos para o futuro da Educação Escolar Indígena influenciam positivamente todos nós; a valorização e o reconhecimento dos conhecimentos indígenas para a ciência.

Devo enfatizar que não pretendo romantizar a história das mulheres indígenas, visto que a realidade é que são vidas marcadas por discriminação, preconceitos e abusos de poder em todos os espaços da sociedade. Mas também, devo ressaltar, subestimar a inteligência, capacidade e os saberes indígenas é se manter com o pensamento arcaico e colonizador.

Diante de minhas experiências em contextos ribeirinhos, entendo que alguns conhecimentos poderiam contribuir significativamente para o campo científico. Comumente, eu sempre compartilhei a importância e a responsabilidade de preservação da floresta Amazônica, a partir de atitudes éticas nas áreas urbanas. Juntamente com ela, nossos rios, igarapés, lagos e toda a diversidade que neles consiste. E esse é um dos pontos de lutas dos povos indígenas.

Outro diferencial importante é que, para os povos indígenas Tukano, a maternidade não é vista como responsabilidade única da mulher. Ao contrário, elas são amparadas em todos os espaços pela comunidade. Assim como os homens, tomados pelo devir-mulher (participam ativamente), vivenciam a paternidade.

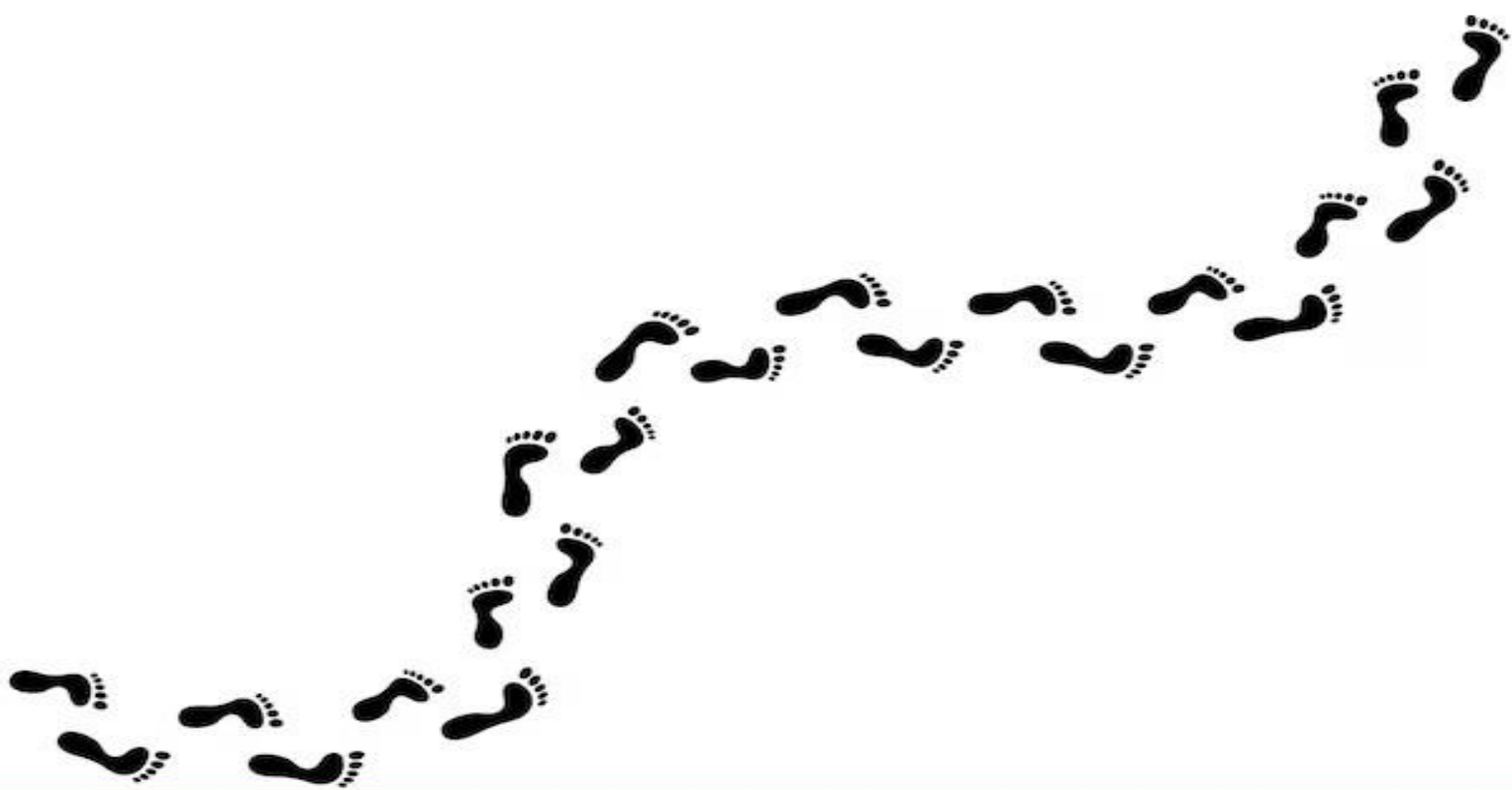
Diante disso, me fez repensar como nós, mulheres, ainda temos muito a refletir sobre nossa vivência em sociedade, considerando nossas diferenças, confrontando os efeitos de uma invasão eurocêntrica e patriarcal.

Em suma, nem mesmo os aspectos que nos conectam como pesquisadora e pesquisada possibilitam concluir este estudo, nem entre suas falas nem acerca de seu povo. Mas me coloco na posição de aprender e repassar seus registros, deixar em aberto para novas histórias outras de vida, de luta e resistência das mulheres indígenas que lutam pela manifestação da cultura indígena, a língua indígena e pelos conhecimentos ancestrais.

Os povos indígenas vêm perseverando em seu devir-índio; eles não querem ser brancos. Querem terra, educação e saúde²², assim como sustentabilidade.

²² Tripé: Terra, Educação e Saúde. Não adianta termos terra, saúde e educação se não formos também autossustentáveis. Daí vem a defesa das águas, a defesa das matas. Quando falamos que a Terra é a nossa vida, a nossa mãe, é verdade. Se não fossem as terras indígenas demarcadas, o Brasil já estaria

Conforme relatos da protagonista a Rede TVT (2022). Por esta importante luta, que escoa entre os códigos culturais dominantes, a história de vida Alva Rosa Tukano.



praticamente todo desmatado. Então, às vezes as pessoas não compreendem, aqui mesmo no Amazonas, como é difícil às pessoas compreenderem que, os indígenas não “atrapalham”. Ao contrário, os povos indígenas, com as terras demarcadas, salvam a vida, não só do Amazonas, mas do mundo. Então, quando falamos sobre sustentabilidade, é justamente isso: queremos mais políticas autossustentáveis que proporcionem meios de os indígenas sobreviverem em suas aldeias, a partir de seus próprios meios.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARAS DE NOTÍCIAS. **Mulheres indígenas denunciam preconceito, sequestro e violência sexual contra crianças e adolescentes**. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/954625-mulheres-indigenas-denunciam-preconceito-sequestro-e-violencia-sexual-contracrianças-e-adolescentes/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

AGUIAR, Lisiane Machado. As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Caxias do Sul, RS – setembro de 2010.

ALMEIDA, Jaqueline; ANGELIN, Rosângela; VERONESE, Osmar. Identidade, diferença e reconhecimento: um olhar sobre os movimentos de mulheres indígenas no Brasil e a pauta de enfrentamento à violência de. **Revista Direito e Práxis**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 915–939, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/58177>. Acesso em: 5 maio. 2024.

AMARAL, Thaísa Vilela Fonseca. **Vamos à atividade do dia**: o acerto de contas no trabalho do tráfico de drogas varejista. 2014. 184f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

ANTES, Gilberto; JACONDINO, Eduardo Nunes. O pós-estruturalismo e o debate sobre a fabricação dos sujeitos: a genealogia de Michel Foucault. **Alamedas**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 99–114, 2020. DOI: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/23981>.

BANZOLI, Lucas. **500 Anos de Reforma**: Como o Protestantismo Revolucionou o Mundo. Vol. 1: Liberdade, Tolerância e Democracia. Curitiba: Clube de Autores, 2018.

BANZOLI, Lucas. **A História da Misoginia**. Curitiba: Clube de Autores, 2023.

BELLO, Samuel Edmundo Lopez; AURICH, Grace Da Ré; SANTOS, Gilberto Silva dos. Deleuze: educação e matemática e (...) a modo de introdução. In: BELLO, Samuel Edmundo Lopez; AURICH, Grace Da Ré; SANTOS, Gilberto Silva dos (Orgs.). **Deleuze E Educação E Matemática E... rachar as coisas, rachar as palavras**. São Leopoldo: Oikos, 2022. p. 9-15.

BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sara Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12. ed. Porto: Porto Editora, 2013.

COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo**: Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. v. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia. v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro. Editora 34. 2009.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Robeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DOLZANE, Maria Ione Feitosa. **Geopedagogia da imanência digital**: uma outra ambiência de formação continuada de professores no Amazonas. 2020. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação, Manaus, 2020.

DT NETWORK. Quem inventou o Wi-Fi? **DT NETWORK**, 2023. Disponível em: <https://dtnetwork.com.br/quem-inventou-o-wi-fi/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, Silva. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 92-108.

FATIM, Bianca. Conheça Alva Rosa, a primeira mulher indígena a obter o título de doutorado pela Ufam. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/03/08/conheca-alva-rosa-a-primeira-mulher-indigena-a-obter-o-titulo-de-doutorado-pela-ufam.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. Sujeito e o poder. In: Dreyfuss, Hubert; Rabinow, Paul. Michel **Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Universitária, 1995. p. 231-239.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOMIDE, Adriana Dias. **Território e trabalho como possibilidade de enraizamento**: a história de Valdete do Alto Vera Cruz. 2006. 234f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva; JESUS, Bruna Guzman de. **Educação Contemporânea**, vol. 24. Belo Horizonte: Poisson, 2021.

HUR, Domenico Uhng. Memoria y tiempo en Deleuze: multiplicidad y producción. **Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 179–190, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v13n2.1088>.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Dossiê IPHAN 7**: Cachoeira de Iuaeté, lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri (AM). Brasília, DF: IPHAN, 2007.

JÓDAR, Francisco.; GÓMEZ, Lúcia. Devir-Criança: experimentar e explorar outra educação. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 31-45, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25914>. Acesso em: 8 out. 2024.

KASTRUP, Virgínia. O devir-criança e a cognição contemporânea. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, p. 373-382, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300006>.

KASTRUP, Virgínia. A escrita cartográfica e a dimensão coletiva da experiência. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 9, p. 160–175, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/80661>. Acesso em: 30 mar. 2024.

KASTRUP, Virginia; BARROS, Eduardo. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 76 – 91.

LINO, Tayane Rogeria; MAYORGA, Cláudia. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Saúde & Transformação Social / Health & Social Change**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 96–107, 2016. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4239>. Acesso em: 5 maio. 2024.

LOGITECH. Danielle Boyer cria espaços de STEM seguros e acessíveis para comunidades indígenas. **LOGITECH**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/954625-mulheres-indigenas-denunciam->

[preconceito-sequestro-e-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes/](#). Acesso em: 26 mar. 2024.

MACEDO, Eder Alves de. Territórios, Agenciamentos, Deleuze, Guattari, G. H., uma Barata e Clarice Lispector. **Nau Literária**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 77–98, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1981-4526.116871>.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. **História da Educação no Brasil**. 2. ed. Fortaleza: UAB/IFCE, 2012.

MENEZES, Carolina Moraes; SILVA, Walter Amora de Faria. Psicologia indígena: cartografando devires. **Perspectiva em Psicologia**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 177-193, jul./set. 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/67913>. Acesso em: 06 jun. 2024.

NEGRI, Fernanda de. Women in Science: Still Invisible? In: PRUSA, A.; PICANÇO, L. **A Snapshot of the Status of Women in Brazil**: 2019. Washington, DC: Brazil Institute, Woodrow Wilson Interantional Center for Scholars, 2019. p. 18-19.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. **Mobilidade psicossocial**: a história de Nil na cidade vivida. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

NOGUEIRA, Viviane. Nossa força feminina ancestral: Parte 2. **Mulheres na STEM**, 2021. Disponível em: <http://mulheresnastem.ufrn.br/blog/post19.html>. Acesso em: 12 mar. 2024.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.

PAES, Luciane Rocha; SANTOS, Rita Floramar Fernandes dos; RICARDO, Helenice Aparecida; VIEIRA, Alva Rosa Lana. Em busca de outras coordenadas epistêmicas: breve enunciação entre decolonialidade e a formação universitária de professores indígenas no Amazonas. **Intellèctus**, v. 21, n. 1, p. 104-132, 2022. Disponível em: <http://portal.amelica.org/ameli/journal/802/8024166007/>. Acesso em: 14 set. 2024.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PRUDENTE, Tálita. “Mulher e cientista, muito prazer!”. **PÓS UFG**, [2021]. Disponível em: <https://pos.ufg.br/n/166604-mulher-e-cientista-muito-prazer>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SACCHI, Angela. Violências e Mulheres Indígenas: justiça comunitária, eficácia das leis e agência feminina. **Patrimônio e Memória**, v. 10, n. 2, p. 62-74, 2014.

SAID, Tabita. Pesquisadoras revelam os desafios das mulheres para fazer ciência. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/pesquisadoras-revelam-os-desafios-das-mulheres-para-fazer-ciencia/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SANTOS, Zamara Araújo dos. **A Geofilosofia de Deleuze e Guattari**. 2013. 355f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Ariane Guanini da; SCARPIN, Nuria Criado; SILVA, Maria Eduarda Monico Timoteo; NEVES, Luisa Grespan Danhoni; SILVA, Luciane Ferreira; NEVES, Marcos Cesar Danhoni; SILVA, Josie Agatha Parrilha da. A mulher na ciência: um breve histórico e reflexões sobre políticas e ambiente laboral. **Revista Vitruvian Cogitationes**, v. 3, n. 2, p. 81-94, 2022.

SCHÓPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença**: Gilles Deleuze, o pensador nômade. São Paulo: Edusp, 2004.

TEDESCHI, Losandro Antonio; TEDESCHI, Sirley Lizott. Devir: Mulher como potência para uma história outra. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 72, p. 5–29, 2021. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2021v72p5-29>.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 299 – 322, 2013.

TORRES, Vilma. Discriminação contra mulheres nas STEM é tema de pesquisa. **UFRN**, 2021. Disponível em: <https://ufrn.br/imprensa/noticias/50214/discriminacao-contramulheres-nas-stem-e-tema-de-pesquisa>. Acesso em: 12 mar. 2024.

TOSI, Lucía. Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 10, p. 369–397, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4786705>. Acesso em: 5 maio. 2024.

UNESCO. **UNESCO Science Report**: The Race Against Time for Smarter Development. Paris: UNESCO Publishing, 2021.

VIEIRA, Alva Rosa Lana. **Política dos territórios etnoeducacionais no Amazonas**: perspectiva para efetivação da Educação Escolar Indígena. 2023. 185 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2023.

WUNDER, Alik. Superfícies de encontro com o povo indígena kariri-xocó: imagens e o devir-planta. **Linha Mestra**, v. 13, n. 38, p. 23-34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2019n38p23-34>.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos em Novas Tecnologias e Informação, 2004.

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar de uma Entrevista sobre sua História de Vida. A entrevista será realizada por Paula Roberta de Souza Xavier, aluna do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGEICIM) da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, sob orientação da Professora Dra. Maria Ione Feitosa Dolzane.

O objetivo desta entrevista é mapear a partir da História de Vida de uma mulher indígena do estado do Amazonas. Suas relações com os contextos sociais, políticos, culturais e educacionais, suas militâncias pela Educação Escolar Indígena (EEI). Assim, compreender como sua presença pode influenciar para o reconhecimento das mulheres no campo científico e estimular a participação de mulheres indígenas e não indígenas na ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM).

A entrevista será realizada em um único encontro, no local e horário nos quais o Sr.(a) determinar. Sua participação é voluntária e livre de qualquer benefício financeiro. Você é livre para recusar-se a participar ou interromper sua participação a qualquer momento. Espera-se que esta atividade e experiência possam contribuir na formação profissional e no conhecimento científico e prático relacionado à entrevista e ao tema abordado.

Como é uma pesquisa cuja metodologia é a História de vida solicitamos sua autorização ou não para divulgar seu nome e informações colhidas em documentos e sites sobre sua história na publicação da dissertação, resultante dessa pesquisa. As informações serão registradas durante a entrevista por celular, de acordo com o seu consentimento. Os dados serão transcritos e enviados para que você os aprove. Você poderá receber esclarecimentos antes, durante e após a finalização da entrevista.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o (s) entrevistadores (as) e a outra com o senhor (a).

Eu, Alva Rosa Lana Vieira, portador (a) do documento de Identidade 118 454 1-4 fui informado (a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara. Declaro que concordo em participar.

Alva Rosa Lana Vieira
Entrevistada

Paula Roberta de Souza Xavier
Assinatura Entrevistadora

Manaus, 25 de abril de 2024.